



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - PPGLA

TAYANNE OLIVEIRA RODRIGUES

Os Falsos Amigos nas histórias em quadrinhos *Mônica y sus amigos*

Brasília - DF
2023

TAYANNE OLIVEIRA RODRIGUES

Os Falsos Amigos nas histórias em quadrinhos *Mónica y sus amigos*

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras (IL), Universidade de Brasília (UNB), como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestra em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem, Práticas Sociais e Educação.

Linha de pesquisa: Ensino, aprendizagem e formação de professores de línguas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaína Soares de Oliveira Alves

Brasília - DF
2023

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

RODRIGUES, Tayanne Oliveira. **Os Falsos Amigos nas histórias em quadrinhos *Mónica y sus amigos***. 2023. (número de páginas 123). Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Universidade de Brasília, UNB, 2023.

A autora reserva para si os direitos autorais de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora. Citações são estimadas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Rodrigues, Tayanne Oliveira
OS FALSOS AMIGOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS *MÓNICA Y SUS AMIGOS*.
/ Tayanne Oliveira Rodrigues – Brasília, 2023.
123 f.
Dissertação de Mestrado – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da
Universidade de Brasília – UNB.
Orientadora: Prof. Dra. Janaína Soares de Oliveira Alves



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - PPGLA

Dissertação intitulada *Os Falsos Amigos nas histórias em quadrinhos Mônica y sus amigos*, de autoria da mestrande Tayanne Oliveira Rodrigues, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília – UnB, aprovada pela banca constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Janaína Soares de Oliveira Alves - UnB
Orientadora

Prof. Dr. Wellington Pedro da Silva

Prof.^a Dra. Aline Fonseca de Oliveira

Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho

Brasília, 04 agosto de 2023

*Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt.
(Totus Tuus, Mariae).*

Todo meu ser é teu, e tudo o que é meu é teu. (Totalmente sua, Maria).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Virgem Maria, a quem sou inteiramente grata por todo o cuidado, sabedoria, inteligência, saúde e fortaleza para vencer. Palavras não são capazes de expressar o meu amor e gratidão por todas as bênçãos em minha vida. Toda honra e glória. Amém.

Aos meus pais, Rodrigo (in memorian) e Osmarina. O meu maior orgulho é honrá-los diante da graça em chamá-los de pais, amigos, conselheiros e meus maiores incentivadores. Hoje conquisto este título e o mérito também compartilho com vocês, pois sei que ao meu primeiro respirar até chegado este momento, nunca me faltou amor, carinho, respeito, amizade e principalmente, a presença de um pai e uma mãe. Obrigada por tudo. Amo e honro vocês.

À minha sobrinha Nicole e à minha irmã, Thaisa. Obrigada por existirem na minha vida.

À professora Dra. Janaína Soares de Oliveira Alves, pela honra em tê-la como minha orientadora e por todos os seus ensinamentos. Sou grata a Deus por sua vida.

Aos professores, Dr. Wellington Pedro da Silva, Dra. Aline Fonseca de Oliveira e Dr. Cesário Alvim Pereira Filho, por aceitarem o convite para avaliarem a minha dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por incentivar novas pesquisas.

Aos meus amigos.

Muito obrigada.

Palavras têm poder! O poder do seu significado. Mas o que tudo isso tem a ver com propósito? - indaguei, só para me certificar, embora já intuísse a resposta. Tudo! Propósitos são descritos por palavras e, como vimos, elas têm vida e poder. Tanto podem abrir como fechar janelas, incluindo as janelas de oportunidades. O maior presente que alguém pode ganhar é a descoberta do seu propósito. Que nada mais lhe seja tão urgente. (Roberto Tranjan)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento léxico de Falsos Amigos nos gibis *Mónica y sus amigos* visando instrumentalizar os mediadores de uma leitura atenta, quer sejam professores de LEC- Línguas Estrangeiras para Crianças, quer sejam outros responsáveis cuidadores. O referencial teórico está ancorado na reflexão a partir dos modelos de investigação na aprendizagem de uma língua estrangeira, aplicáveis às proximidades entre os idiomas português e espanhol, depreendendo divergências positivas e negativas estabelecidas pela relação proximidade – transferência entre as línguas comparadas, ademais, observações sobre léxico, língua, texto, gênero, histórias em quadrinhos, seus precursores e o fenômeno Falsos Amigos português-espanhol. Para isso, o objeto de investigação foram (08) oito gibis sob o título *Mónica y sus amigos*, dos anos de 2019 e 2020, comercializados pela Panini em parceria com a produção Maurício de Sousa. No campo metodológico a serviço da pesquisa, faz-se a escolha pela perspectiva bibliográfica, com base nos estudos de Andrade (2010) e também pelo método qualitativo, onde Gonzáles Rey (2011) esteia que o conhecimento pode ser compreendido como uma produção instrutiva e dedutiva, fruto da apreciação dos sentidos do pesquisador. Os resultados obtidos a partir das análises dos dados ressaltam que a habilidade interpretativa deve ser estimulada e os significados checados e mediados no par português-espanhol valendo-se dos elementos visuais e demais fontes de informação. Embora muitas palavras sejam de conhecimento do campo da tradução, outras, podem ocasionar confusões interpretativas a partir do prévio conhecimento/semelhança fonética e ortográfica pela perspectiva da língua materna. Portanto, a proposta de tornar esse contraste léxico disponível pode fomentar leitura atenta, além de esclarecimentos e alertas sobre a semelhanças questionáveis no universo de Falsos Amigos dentro de um gibi do público infantil.

Palavras-chave: Falsos amigos, gibis, português-espanhol, *Mónica y sus amigos*

ABSTRACT

This work aims to carry out a lexical survey of False Friends in comic books *Monica and her friends* aiming to equip the mediators of attentive reading, whether they are teachers of LEC - Foreign Languages for Children, or other responsible caregivers. The theoretical framework is anchored in the reflection from the research models in learning a foreign language, applicable to the proximities between the Portuguese and Spanish languages, inferring positive and negative divergences established by the proximity - transfer relationship between the compared languages, in addition, observations on lexicon, language, text, genre, comics, their precursors and the Portuguese-Spanish False Friends phenomenon. For this, the object of investigation were (08) eight comic books under the title *Monica and her friends*, from the years 2019 and 2020, marketed by Panini in partnership with Maurício de Sousa production. In the methodological field at the service of the research, the choice is made through the bibliographical perspective, based on the studies of Andrade (2010) and also through the qualitative method, where González Rey (2011) believes that knowledge can be understood as an instructive production and deductive, resulting from the appreciation of the researcher's senses. The results obtained from the analysis of the data point out that the interpretive ability must be stimulated and the meanings checked and mediated in the Portuguese-Spanish pair, using visual elements and other sources of information. Although many words are known in the field of translation, others may cause interpretive confusion based on prior knowledge/phonetic and orthographic similarity from the perspective of the mother tongue. Therefore, the proposal to make this lexical contrast available can encourage attentive reading, in addition to clarifications and warnings about the questionable similarities in the universe of Falsos Amigos within a children's comic book.

Keywords: False friends, comics, Portuguese-Spanish, *Monica and her friends*

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIACÕES

AC - Análise Contrastiva

AE - Análise de Erros

DF - Distrito Federal

HQ - Histórias em Quadrinhos

IL - Interlíngua

LA - Linguística Aplicada

LC - Linguística Contrastiva

LE - Língua Estrangeira

LEC - Língua Estrangeira para Crianças

LM - Língua Materna

MEC - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

PCNs - Parâmetros e Orientações Curriculares

RAE - Real Academia Española

SL - Segunda Língua

UE - União Europeia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 01 - Exemplos de Falsos Amigos ordenados pela pesquisadora com o uso das imagens de Vector ilustración
- Imagem 02 - Tabela comparativa entre léxico e vocabulário
- Imagem 03 - Arte rupestre mais antiga datada de 44 mil anos atrás
- Imagem 04 - O Garoto Amarelo do Beco Hogan's
- Imagem 05 - Pafúncio
- Imagem 06 - Mafalda (assuntos políticos)
- Imagem 07 - Primeira Tira publicada por Maurício de Sousa, 1959
- Imagem 08 - Capa e Primeiro quadrinho da história
- Imagem 09 - Trecho da história *Los pasteles del señor Borón*
- Imagem 10 - Exemplo de vocábulo de falsos amigos entre o português e o espanhol
- Imagem 11 - Exemplo de vocábulo de falsos amigos entre o português e o espanhol
- Imagem 12 - Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português/espanhol
- Imagem 13 - Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português/espanhol
- Imagem 14 - Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português/espanhol
- Imagem 15 - Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46
- Imagem 16 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 04
- Imagem 17 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 06
- Imagem 18 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 07
- Imagem 19 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 08
- Imagem 20 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 10
- Imagem 21 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 14
- Imagem 22 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 15
- Imagem 23 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 16
- Imagem 24 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 20
- Imagem 25 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 20
- Imagem 26 - Glossário. *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*
- Imagem 27 - Gibi *¡Cuidado con el tiburnado!*. Edição n° 47
- Imagem 28 - *Carcarón y Mónica en ¡cuidado con el tiburnado*, p. 04
- Imagem 29 - *Carcarón y Mónica en ¡cuidado con el tiburnado*, p. 06
- Imagem 30 - Gibi *Mónica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror*. Edição n° 48
- Imagem 31 - *Mónica en cómo se hace una historia de horror*, p. 04
- Imagem 32 - *Mónica en cómo se hace una historia de horror*, p. 06
- Imagem 33 - *Mónica en cómo se hace una historia de horror*, p. 21
- Imagem 34 - *Mónica en cómo se hace una historia de horror*, p. 22
- Imagem 35 - Gibi *Mónica y sus amigos: nosotros, robots*. Edição n° 60
- Imagem 36 - *Mónica y sus amigos en nosotros, robots*. p. 04
- Imagem 37 - *Mónica y sus amigos en nosotros, robots*. p. 04
- Imagem 38 - Gibi *Mónica y Milena: el regalo convertidor*. Edição n° 62
- Imagem 39 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 04
- Imagem 40 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 17
- Imagem 41 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 21
- Imagem 42 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 21
- Imagem 43 - Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição n° 63
- Imagem 44 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 04
- Imagem 45 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 06
- Imagem 46 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 08

- Imagem 47 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 11
- Imagem 48 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 13
- Imagem 49 - *Gibi Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edição n° 64
- Imagem 50 - *Mónica en el unicornio sincero*, p. 04
- Imagem 51 - *Mónica en el unicornio sincero*, p. 09
- Imagem 52 - *Mónica en el unicornio sincero*, p. 22
- Imagem 53 - *Gibi Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67
- Imagem 54 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 04
- Imagem 55 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 04
- Imagem 56 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 05
- Imagem 57 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 06
- Imagem 58 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 09
- Imagem 59 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 17
- Imagem 60 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 23

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
1.1.	Motivação e justificativa da pesquisa	18
1.2.	Objetivo geral e específicos	22
1.3.	Estrutura da dissertação	23
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1.	Linguística Aplicada	24
2.1.1.	Modelos de investigações na aprendizagem de uma LE	25
2.1.2.	Análise Contrastiva	25
2.1.3.	Análise de Erros	27
2.1.4.	Interlíngua	29
2.1.5.	Tecendo Conexões	31
2.2.	O léxico e o vocabulário	31
2.2.1.	Língua, texto e gênero	35
2.3.	Histórias em quadrinhos	39
2.3.1.	A arte em evolução pelo mundo	39
2.3.2.	Legitimação da HQ no Brasil e a Turma da Mônica	46
2.4.	Falsos Amigos	52
3.	METODOLOGIA	59
3.1.1.	Pesquisa bibliográfica	59
3.1.2.	Método qualitativo	62
4.	“MÓNICA Y SUS AMIGOS” FALSOS. – ANÁLISE DOS FALSOS AMIGOS DESCOBERTOS NOS GIBIS	64
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	107
	ANEXOS	111

1. - INTRODUÇÃO

Diferenciar o ensino é “fazer com que cada aprendiz vivencie, tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagem. (PERRENOUD, 2000, p. 09).

Aprender uma língua estrangeira - LE é uma habilidade cada vez mais valorizada no mundo, porque, além de expandir novos horizontes, possibilita conhecer novas culturas, conectar pessoas, ampliar as oportunidades no mercado de trabalho, nos estudos, desenvolver a criatividade, além de ser um instrumento desafiador para o aprendiz, pois requer esforço e dedicação para alcançar a fluência.

Em um novo idioma, o aprendiz necessita desenvolver habilidades de expressão oral e escrita, compreensão leitora e auditiva, incluindo as diferentes expressões presentes na cultura da língua em contato, as nuances de gírias, expressões idiomáticas¹, comportamentos linguísticos que são evidenciados quando imersos de forma significativa, ou seja, determinadas pronúncias, vocabulário, a adequação ao registro linguístico da idade dos interlocutores, etc.

Os Parâmetros e Orientações Curriculares (PCNs)² apresentam pontos de observação quanto ao estudo da língua estrangeira como parte integrante e fundamental para o desenvolvimento social humano, de modo que ser capaz de compreender novos signos e símbolos culturais, constrói sujeitos ativos de práticas para além do cotidiano, ou seja, seu papel como ser humano está em constante transformação e evolução, graças à riqueza proporcionada pela interação e circulação em diferentes culturas.

Segundo o Instituto Cervantes (2021), o espanhol está entre as línguas mais faladas no mundo, com aproximadamente 585 milhões de falantes, contemplando os nativos e não nativos, além da crescente evolução nas últimas décadas, com destaque por ser a segunda língua materna

¹ Expressões idiomáticas - EI, segundo WARREN (2000), é perceptível na fraseologia de uma língua, a partir do uso de um vocábulo em posição secundária ao que já é comum em expressões do dia a dia, onde recursos como metáfora, metonímia, dissemismos são utilizados, construindo sentidos a partir do contexto do discurso no qual se insere. As EI são comuns na língua espanhola, e muitas palavras podem não ser fáceis de serem traduzidas para outras línguas, inclusive, são vistas como “inconvenientes” de serem compreendidas por quem ainda está aprendendo a língua.

² O PCNs, por intermédio do Ministério da Educação (MEC), surge no Brasil no ano de 1996, com o objetivo de melhorar a educação no país, apresentando um conjunto de orientações e disciplinas que estabelecem as competências e habilidades que os alunos devem desenvolver ao decorrer da aprendizagem, suas estratégias, sendo um parâmetro de pesquisa sempre atualizado para poder enfrentar as mudanças e desafios comuns à sua aplicação.

mais falada no planeta³. É o idioma oficial de 21 países, além de apresentar relevante importância dentro da Organização das Nações Unidas (ONU) e União Europeia (EU).

Uma conexão importante é o fato dos idiomas português e espanhol evidenciarem muitas características em comum, o que para aprendizes brasileiros pode ser muito vantajoso em seu processo de aprendizagem da língua espanhola quando encontram palavras escritas ou pronúncias de forma igual ou semelhante. De outro modo, essas vantagens podem ser modificadas em desvantagens para grande parte dos aprendizes desta língua, segundo Crystal (2003), quando ocorre:

- **Complacência linguística:** o fenômeno que pode acontecer em qualquer língua; onde, apesar de existirem padrões e normas de uso considerados adequados, o aprendiz/falante não se preocupa em executá-las ou não ver a importância de fazê-las como são determinadas pela padronização da norma linguística, ou seja, a falta de preocupação com a qualidade da comunicação.
 - Muito comum entre falantes do português, por entenderem que a semelhança com o espanhol não requer esforço para dominar esta língua;
 - Por vezes, a complacência é vista a partir do uso de dialetos regionais, gírias, usos informais das palavras, falta de conhecimento do significado lexical, aprendizagem superficial e pouca motivação para aprimorar a fluência;
 - Embora ressoe como um elemento ruim ao primeiro contato com o idioma, é necessário encontrar o equilíbrio em sinal de respeito e tolerância por quem se esforça para comunicar-se em diferentes culturas.
- **Confusão linguística:** acontece quando o aprendiz/falante está diante de línguas semelhantes, sendo as diferenças tão sutis a modo de não serem óbvias de identificação, como por exemplo, o uso inadequado da palavra ou pronúncia, levando a possíveis mal entendidos na comunicação.
- **Falsa fluência:** a confinidade entre duas línguas pode ocasionar a percepção de que o aprendiz/falante é “dominante” do idioma, diante do conhecimento que supõe ser o suficiente para se comunicar, sem enxergar que as habilidades são limitadas em diálogos mais complexos.

³ O primeiro é o mandarim.



Estas ideias podem ser evidenciadas a partir dos estudos dos Falsos Amigos, que são reflexos aproximativos entre duas línguas, mas a depender do contexto e dos termos utilizados, tornam-se vilões para quem não tem o conhecimento mais profícuo⁴ do idioma em uso.

Embora pesquisadores predigam sobre diferentes origens do lema Falsos Amigos, tem-se a referência na França como a mais célebre, sendo os seus precursores os estudiosos Maxime Koessler e Jules Derocquigny, em seu livro denominado *Les Faux-Amis*, de 1928, em que designa palavras de etimologia e de forma parecidas, mas de sentido parcial ou totalmente diferente. As similaridades são sucedidas de uma aceção que se imagina existir, sendo mera ilusão do seu sentido, ou que lhe traem enquanto sorriem, conforme KOESSLER e DEROCQUIGNY (1928, p. 10) descrevem em seu livro.

Deste modo, categorizam o vocábulo em duas línguas com aspectos paralelos, mas com sentidos diferentes que parecem fáceis de serem identificados e interpretados, tornando-se, verdadeiras astúcias em seu uso e compreensão.

A respeito, alguns exemplos comparativos entre as línguas portuguesa e espanhola:

Imagem 01 - Exemplos de Falsos Amigos ordenados pela pesquisadora com o uso das imagens de Vector ilustración

ESPAÑOL	Tradução equivocada ⁵ para o PORTUGUÊS
Embarazada ⁶ (Grávida)	Embaraçada ⁷
	
Fonte: Vector ilustración	Fonte: Vector ilustración
Exquisito ⁸ (Delicioso)	Esquisito ⁹

⁴ Pode ser entendido como um domínio avançado e aprofundado das estruturas linguísticas, vocabulário e uso da língua em diferentes contextos e comunicação. (WEGER – GUNTHARP, 2012).





⁵ Tabela criada pela autora.

⁶ *Dicho de una mujer preñada* (Dito de uma mulher grávida).

⁷ Que se embaraçou; Está confuso; Do que é complicado; Que apresenta desconforto e acanhamento.

⁸ *De singular y extraordinaria calidad, primor o gusto en su especie* (De singular e extraordinária qualidade, beleza ou bom gosto em sua espécie); Requentado, refinado; Comida deliciosa; Lugar encantador.

⁹ Que é estranho ou desconhecido; Difícil de ser explicado, esdrúxulo, incomum.

 <p>Fonte: Vector ilustración</p>	 <p>Fonte: Vector ilustración</p>
<p>Oso¹⁰ (Urso)</p>	<p>Oso¹¹</p>
 <p>Fonte: Vector ilustración</p>	 <p>Fonte: Vector ilustración</p>

Averigüe-se que em uma leitura desatenta destes exemplos pode ser que não sejam identificadas as armadilhas sobrepostas às suas semelhanças, o que ocasiona erros e constrangimentos, a depender de qual lugar e momento que são utilizadas. As distinções, ainda que necessitem de estudos e maior contato com a cultura da língua, não devem ser colocadas como determinantes para qualificar a fluência do falante, vez que existem constantes inserções culturais e suas abstrações que podem influenciar diretamente neste vernáculo.

A este fenômeno, surgiram outras denominações que discutem a gênese desta base investigativa, como *Cognatos Enganosos* (SABINO, 2006;), *Falsas Semelhanças* (MARZANO, 2011), *Palavras Amigas da Onça* (DOWNES, 1984), sendo as mais comuns, *Falsos Amigos* (CEOLIN, 2003; DURÃO, 2014), *Falsos Cognatos* (RÓNAI, 1983; GUEDES COSTA, 2016) e *Heterossemânticos* (BUGUEÑO MIRANDA, 2002; ALVES, 2005). Não há consenso entre os estudiosos sobre qual terminologia melhor caracteriza essa dicotomia, pois, em uma análise mais aprofundada, cada um destes termos apresenta subjetivamente estudos de abordagens distintas.

Nesta pesquisa fez-se a escolha pelo uso do termo Falsos Amigos no qual Álvares Ligrís (1997) classifica como um conjunto de palavras com significante igual ou próximo, mas com

¹⁰ Mamífero carnívoro, de gran tamaño, de pelaje,, cabeza grande, ojos pequeños, extremidades fuertes y gruesas, com garras (Mamífero carnívoro, de tamanho pequeno, com pelos, cabeça grande, olhos pequenos, extremidades fortes e grossas, com garras).

¹¹ Do latim *ossu*. Estrutura de sustentação do corpo (esqueleto).

significados distintos, em que as semelhanças de forma estão inerentes ao próprio conceito de Falsos Amigos.

Os falsos amigos (uma forma bem conhecida com significado estranho) são vistos como uma anomalia; a coincidência linguística (...) opta por se reafirmar com um pensamento do tipo “as coisas são como eu as conheço e como eu as vejo”. Portanto, para esta autora, o autoengano supõe um mecanismo de defesa e autoafirmação contra um elemento linguístico que vem desestabilizar o conhecimento linguístico do falante (ÁLVAREZ LUGRÍZ, 1997, p. 72.).

1.1. Motivação e justificativa da pesquisa

O que chama sua atenção quando estuda o idioma espanhol? Esta pergunta me acompanhou durante um período da minha graduação em Letras – Espanhol, e com ela, mantive alguns momentos reflexivos e outros questionadores sobre a minha capacidade de aprendizagem, talvez por nunca ter estudado a língua em si, embora conhecesse um pouco sobre este vernáculo, ou por vezes comparar o meu interesse por determinados conteúdos que não eram instigantes para os meus colegas de classe que já tinham um nível supostamente avançado, permeando de incertezas se de fato estava no lugar certo.

Embora mantendo uma postura um pouco tímida para quem iria ser professora de línguas, com o avançar dos conteúdos, a pergunta inicial foi sendo modificada, passando a ser concebida sob outro aspecto: qual a importância de aprofundar o estudo acerca de determinado conteúdo na língua espanhola?

Recordo-me que em uma disciplina foi apresentado um texto intitulado *La Presunta Abuelita*¹² (BARTABURU; OLYVEIRA, 2004), e como atividade, os alunos deveriam identificar as palavras “conhecidas” no português, mas que mantinham significados distintos no espanhol, além de explicar qual o sentido que estava sendo produzido no texto.

A conjectura desta atividade provocou sentimentos de euforia e descontentamento entre os alunos, pois o que parecia óbvio aos olhos do leitor, permeava de incertezas a partir do *start*¹³ de não compreender a interpretação da mensagem apresentada, mesmo que a nomenclatura já tenha sido identificada. À vista disso, a questão central da atividade estava para além da

¹² Vovozinha suspeita / Suposta avó.

¹³ Começar (iniciar)

identificação deste grupo de palavras, e sim, de olhar para o contexto sob uma perspectiva semântica, o que não foi tão fácil para o primeiro contato com o texto.

Identificadas todas as complexidades na execução da atividade, não foram estabelecidas aulas ou integração do conteúdo à outras ações no ensino, ratificando a não priorização da temática, à medida que outros assuntos são frequentemente inseridos. Tampouco foram contempladas as dificuldades por parte de aprendizes, inclusive os de níveis supostamente avançados.

Ao ser tratado o estudo de uma língua estrangeira - LE¹⁴ no Brasil, mais especificamente, o Espanhol, há algumas observações interessantes que são apresentadas por estudiosos¹⁵ (CELADA, 2002; CASTELANO RODRIGUES, 2010;), entre elas a incongruência do que se infere por grupo de palavras falsos amigos e o portunhol.

A expressão Portunhol é uma criação social enraizada de estereótipos do qual ocasiona análises divergentes sobre seu conceito. Sempre que um grupo de pessoas começa a construir movimentos de identificação de uma língua que não seja específica de um país, voluntariamente são gerados domínios de significados por diferentes pessoas, surgindo novos conceitos agregados a novos elementos. O sentido identitário do Portunhol (STURZA, 2019) é uma construção de língua que não têm uma gramática estabelecida, mas que se faz presente em uma comunidade fronteiriça do qual é estabelecido elo de ligação a partir da convivência entre dois territórios falantes dos idiomas português e espanhol.

No Brasil, difundiu-se a crença que para os brasileiros é natural a comunicabilidade no espanhol, diante às nuances de sua língua materna, o que não é uma fabulação em si, o que por sua vez, não pode ser elucidada em todas as circunstâncias. A ideia da utilização de estratégias que agreguem características tanto da língua espanhola como do português para a construção e uso de uma palavra, não pode ser validada como fluência entre nenhum dos dois idiomas. Torna-se, na verdade, uma visão arcaica, manifestada por muitos brasileiros que de fato não estudam o espanhol, corroborando para a desvalorização do idioma.

¹⁴ No estudo de Silva sobre o ensino de línguas (1997) e o contexto de aprendizagem, a autora se posiciona sobre a diferença entre o que é Segunda Língua - SE e Língua Estrangeira - LE. Para ela, há dois contextos bem claros a serem considerados: o tempo dentro da sala de aula (ambiente de aprendizagem) e o fora da sala de aula. É considerado contexto de aprendizagem de SE quando o aprendiz utiliza dos seus conhecimentos linguísticos na aula específica da língua, mas também a utiliza como mecanismo de comunicação, aprendizagem em outras atividades que não estejam relacionadas à aula destas línguas (fora da sala de aula). Já na LE, os contextos de uso não estão prontos para comunicação fora da sala de aula (estando ainda em construção), não fazendo parte (ainda) do cotidiano do aprendiz e em consequência não é utilizada como veículo de comunicação após imersão da aula. Todavia, neste trabalho, a pesquisadora interpreta que para este contexto, podemos utilizar os termos como equivalentes, não havendo limitação espaço-temporal, sendo o uso dos termos já citados utilizados com o mesmo valor semântico.

¹⁵ Pesquisadores, investigadores, observadores, professores.

Villalba (1994, p. 118) potencializa a ideia de que o sentido de língua fácil trafega por um conjunto de sistemas ordenados e internalizados na memória do aprendiz, com múltiplos argumentos justificáveis, sendo o mais comum, a semelhança entre os idiomas, sucedidas por um processo de ativação de informações, um nicho de vocábulos de sua própria língua materna, o que seria natural se ouvissem as palavras *corazón*¹⁶, *amarillo*¹⁷, *ojos*¹⁸, porém, se entrevendo com palavras do tipo pastel, globo, esquisito, rato, cairiam sob sua própria esperteza e genialidade.

Assim, este trabalho está configurado na investigação dos Falsos Amigos, e a motivação surge de duas experiências: a identitária, durante a minha graduação, e a prática observacional atuante como docente de espanhol para alunos do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental em uma escola do Distrito Federal - DF.

Há dois anos a instituição buscava um maior desenvolvimento das habilidades linguísticas, mas haviam problemas a serem resolvidos, sendo alguns deles: a alta rotatividade de professores da disciplina, a escolha dos materiais e conteúdos executados nas aulas (eram previamente selecionados pela coordenadora que não tinha nenhum conhecimento do idioma), a insuficiência de grade horária, etc. Estes são alguns dos motivos que formalizaram uma ponte de desinteresse entre os estudantes com a matéria.

Nas primeiras semanas, os objetivos estavam centralizados principalmente na análise do livro de espanhol, de uso obrigatório, além de identificar as lacunas existentes na aprendizagem das crianças, para então, poder planejar as aulas.

Diante dos recortes apresentados, um momento de fala atribuído à uma aluna do fundamental três, imprimiu reflexões que foram ponderadas em favor de uma estratégia de aprendizagem muito comum: a transferência linguística. As suas objeções estavam vinculadas ao fato de não ser divertido aprender espanhol, porque algumas palavras não tinham o significado que ela já conhecia no português, e seus pais, por vezes, diziam que todo brasileiro conseguia se comunicar nas duas línguas sem muitos esforços. Pude, então, compreender que o conteúdo de Falsos Amigos era a dúvida desta e, possivelmente, de outros estudantes.

O desafio, então, surgia: buscar uma maneira lúdica para ensinar a temática para um público desmotivado, à medida que se não conseguiam se divertir aprendendo um novo idioma, tampouco estariam produzindo reais usos da língua à longo prazo.

¹⁶ Coração.

¹⁷ Amarelo.

¹⁸ Olho.

Ao observar a troca de sala de aula, era comum encontrar alunos lendo os gibis da Turma da Mônica, versão português, objeto que ensejou a esta pesquisadora a procurar por materiais deste segmento na língua espanhola, sendo estas, as histórias em quadrinhos - HQ's comercializadas sob o título de *Mónica y sus amigos*¹⁹.

A Turma da Mônica é um fenômeno no ramo do entretenimento brasileiro, seja pela venda dos gibis, vídeos, filmes, parques, brinquedos, canções, etc. Seu uso, além de comercial têm a função informativa/educativa, sendo para muitas crianças o primeiro instrumento para aprender a ler, não só por serem famosos, mas divertidos, inteligentes, com linguagem simples, razão pela qual as produções fazem sucesso até hoje com qualquer faixa etária, e agora, em várias partes do mundo.

Cada vez mais utilizam-se materiais deste segmento nas aulas de língua estrangeira, para diferentes níveis de proficiência, sendo capaz de aprimorar a fluência e a compreensão do idioma devido às narrativas, ilustrações coloridas, balões, onomatopeias, personagens cativantes e diálogos mais curtos e simples.

As histórias em quadrinhos são produzidas e lidas, principalmente, por razões educativas e de divertimento e, geralmente são classificadas de acordo com sua função primária (entretenimento x instrução). Muitos quadrinhos pertencem aos gêneros narrativos e fictícios, porém uma variedade de gêneros instrutivos e educativos são produzidos em diferentes partes do mundo, para diferentes idades e leitores. (ZANETTI, 2008, p. 06).

Segundo Fernández (2012), o uso de material criado com o objetivo lúdico na aprendizagem de idiomas tem se mostrado uma estratégia pedagógica eficaz para promover a motivação e o engajamento do aluno, sendo uma abordagem cada vez mais multimodal e valorizada no contexto educacional por sua dinamicidade, descontração e prazer. Outro fator interessante é a importância do uso destas ferramentas para diminuir a ansiedade e o medo de executar os conhecimentos da língua estudada de forma mais espontânea, sem o receio de cometer erros que são comuns a todos os indivíduos.

É importante destacar que a ludicidade não deve ser vista e aplicada como um fim em si, mas compreendê-la como elemento integrador capaz de reforçar e contextualizar os

¹⁹ Mônica e seus amigos.

conteúdos trabalhados na disciplina, razão por qual foram escolhidos os gibis *Mónica y sus amigos*.

Diante da escolha do material para investigação do tema da pesquisa, o próximo passo foi a execução da análise de cada uma das histórias, com o objetivo de identificar a presença ou não de vocabulários de falsos amigos e suas possíveis estratégias de linguagem visual ou de explicação que corrobore o entendimento do seu significado, ainda que a intenção da criação das narrativas e do próprio material em si, não seja produzida especificamente para o ensino deste conteúdo.

O que parecia uma tarefa “planejada” para execução, foi imprevisivelmente acometida pela exigência de isolamento, devido ao estado pandêmico no ano de 2020 no Brasil, denominado por Coronavírus²⁰, causando a suspensão das aulas, o atraso na entrega dos gibis pelo sistema de postagem, e a impossibilidade de inferir resultados na prática.

Destaca-se, que não foram encontradas pesquisas e publicações sobre o estudo dos Falsos Amigos especificamente nos gibis *Mónica y sus amigos*, o que revela a importância deste trabalho para futuros investigadores da área, ensejando, inclusive, novas perspectivas de análise a partir desta dissertação.

1.2. Objetivo geral e específicos

Diante da importância de estudos sobre Falsos Amigos e a insuficiência de materiais acessíveis que aduzam a temática, depende-se neste trabalho a modalizar instrutivos para diminuir a carência observada.

Assim, este trabalho tem por objetivo geral relacionar se há Falsos Amigos e havendo, realizar o levantamento léxico desses vocabulários.

Tem-se como fim, alcançar os seguintes objetivos específicos:

²⁰ O coronavírus (SARS-COV2) é um vírus que pode causar doenças em animais e humanos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)*, a COVID-19 se espalha especialmente por meio de gotículas respiratórias quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou fala, o que se espalha rapidamente, gerando uma pandemia global em março de 2020, o que afetou não apenas a saúde das pessoas, mas a economia, a vida social e inclusive a educação. A educação teve um impacto significativo em todo o mundo, onde escolas, universidades foram obrigadas a fechar suas portas, mudar sua rotina para o ensino remoto ou virtual, o que levou uma interrupção significativa do ensino e da aprendizagem. O estresse emocional dos estudantes cresceu significativamente, inclusive pela ansiedade, medo, sentimento de incapacidade e inferioridade. Muitos estudantes preocupados com a própria saúde e a de seus familiares, sentiram-se sobrecarregados, e crescente foram os números da desigualdade educacional no país, devido a maior parte da população brasileira ser de classe baixa e não ter condições financeiras de adquirir equipamentos eletrônicos para estudar.

- Conceituar a natureza dos falsos amigos na literatura;
- Extrair os Falsos Amigos presentes nos gibis *Mónica y sus amigos*;
- Interpretar semanticamente os Falsos Amigos coletados na amostragem de gibis de *Mónica y sus amigos*;
- Apontar estratégias de linguagem visual e (ou) outros recursos que corroborem para a compreensão da mensagem que apresente o vocábulo Falsos Amigos.

Com este trabalho, pretende-se responder à pergunta:

Seria possível identificar Falsos Amigos na leitura atenta dos gibis de *Mónica y sus amigos*? Assim sendo, pode-se realizar um levantamento léxico que vise alertar o leitor infantil e aos seus mediadores com vistas a evitar equívocos de confusão interpretativa?

1.3. Estrutura da dissertação

Este trabalho é organizado em cinco seções. A primeira seção é apresentada a introdução ao qual contextualiza o tema da pesquisa e sua relevância, a motivação e justificativa, assim como os seus objetivos. Na segunda seção, abordam-se os referenciais teóricos que guiaram os estudos dos Falsos Amigos, como os modelos de investigação na aprendizagem de uma língua estrangeira, o léxico e o vocabulário, a língua, o gênero e o texto, a evolução e as características das histórias em quadrinhos, finalizando com a fundamentação sob diferentes perspectivas do conceito de Falsos Amigos. Na terceira seção, refere-se à escrita metodológica, ao qual situam os métodos escolhidos para a realização do trabalho, sendo estes, a pesquisa bibliográfica e o método qualitativo, e a nomeação das obras escolhidas para a análise. Na quarta seção, apresentamos as observações acerca dos léxicos de Falsos Amigos coletados nas histórias selecionadas, e na quinta seção, encerramos com as considerações finais sobre o trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo localizo o leitor quanto às leituras que me guiaram na compreensão de que os Falsos Amigos são elementos significativos - com ambiguidade permitida - principalmente tendo em conta o pequeno espaço dedicado a esse tipo de léxico no ensino de espanhol nas escolas.

2.1. Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada – LA²¹ é uma área interdisciplinar que tem como objetivo aplicar embasamentos teóricos da linguística em diversas áreas de concentração, seja no ensino de línguas, na análise do discurso, como também pelo uso da linguagem na vida cotidiana. Johnson e Johnson (1998, p.02) define a LA como o campo de pesquisa que estuda a linguagem na prática, ao considerar as complexidades e heterogeneidade dos contextos sociais aplicados.

Moita Lopes (1996) entende a LA como uma área de investigação interdisciplinar que centraliza seus estudos na resolução de problemas práticos no uso da linguagem dentro e fora de sala de aula, privilegiando as relações entre a ação humana e os processos de uso, ou seja, a inter-relação de usuários como uma atividade ou uma forma de vida.

O ensino de LE, em específico, das línguas irmãs²² português e espanhol, apresenta proximidades linguísticas que a depender do nível de proficiência do comunicador, projetam a ilusão de que falar espanhol²³ é fácil, e, portanto, não requer maior esforço para conhecer de fato as nuances deste idioma ou uma falsa impressão de domínio, criando, inclusive, uma nova língua conhecida como Portunhol (ALMEIDA FILHO, 2001).

A expressão Portunhol é uma criação social enraizada de estereótipos na qual ocasionam análises divergentes sobre seu conceito. Sempre que um grupo de pessoas começam a construir movimentos de identificação de uma língua que não sejam específicas de um país, voluntariamente são gerados domínios de significados por diferentes pessoas, surgindo novos conceitos agregados a outros elementos.

²¹ A Linguística Aplicada é uma disciplina que busca conhecimentos teóricos sobre a língua, sendo o seu principal objetivo a solução de problemas que geram o uso da unidade léxica em sociedade.

²² Línguas irmãs são idiomas que tem uma origem comum, compartilham de muitas semelhanças estruturais, lexicais e gramaticais, o que não significa que não possam ter desenvolvido diferenças significativas ao longo dos tempos.

²³ A interpretação também pode ser alocada aos nativos em espanhol.

O sentido identitário do Portunhol (STURZA, 2019) é uma construção de língua que não têm uma gramática estabelecida, embora presente em uma comunidade fronteiriça como um elo de convivência entre dois territórios falantes dos idiomas português e espanhol.

2.1.1. Modelos de investigações na aprendizagem de uma LE

Neste subtópico são apresentadas as teorias observáveis na aprendizagem de uma LE, analisando seus fenômenos e associando ao tema central do trabalho, para que os leitores e pesquisadores não limitem seu campo de investigação em apenas uma estrutura associativa, mas criem a partir delas, estratégias que entendam válidas para o público que estão trabalhando, refletindo sobre o papel da LM no estudo de um segundo idioma, suas interferências, e prováveis benefícios e desvantagens inerentes a essa conjectura.

2.1.2. Análise Contrastiva

Enunciamos a Linguística Contrastiva - LC, área de estudo dentro da Linguística Aplicada - LA, com seus precursores Fries (1945), Weinreich (1953) e Lado (1957). Lado é considerado um dos principais fundadores da LC, tendo um de seus trabalhos mais conhecidos sob o título *Linguistics Across Cultures. Applied Linguistics for language teachers*²⁴, publicado no ano de 1957.

Dentro da Linguística Contrastiva é possível encontrar *corpus* contrastivos que promovem a reflexão das similaridades e divergências entre a Língua Materna - LM e a Segunda Língua – SL, e como elas se fazem evidentes na vida do aprendiz.²⁵

Como modelo enunciador da LC, destaca-se a Análise Contrastiva – AC, estabelecida para provar que seriam possíveis evitar as materializações dos erros causados pela interferência, a partir de resultados de comparações, análises e observações (Fries, 1945), onde os materiais mais eficazes seriam os que tivessem embasamento na língua a ser aprendida, havendo, cuidadosamente, sua comparação com a língua materna do aprendiz.

Estas ideias estabeleceram duas vertentes do modelo AC, sendo a primeira denominada como a mais forte, onde os teóricos seguiam o princípio de que a aprendizagem de uma LE se

²⁴ Linguística entre culturas. Linguística Aplicada para professores de línguas.

²⁵ Alguns autores defendem que Segunda Língua e Língua Adicional são definições divergentes. Não iremos nos ater às distinções preconizadas, mas adotaremos a postura teórica de que ao aprender uma língua, se adquire e a aprende em um processo complementar e indissociável, podendo utilizar os dois termos como sinônimas.

daria em um processo mais fácil sempre que se aproximavam da LM, e cada vez mais difícil quando estavam mais distantes da LM. Já a segunda vertente, considerada fraca e negativa (interferente) acontecia quando as línguas apresentavam diferenças entre os sistemas, porém, tornavam-se positivas quando evidenciavam suas semelhanças.

James (1998, p. 175) é preciso em sua observação quando diz:

A questão da hipótese da Análise Contrastiva é que os elementos que são semelhantes na língua materna e na língua estrangeira sempre serão mais fáceis de aprender do que aqueles que são diferentes. Se no primeiro caso, os aprendizes se beneficiam da transferência positiva da língua-mãe, no segundo eles são atrapalhados pela transferência negativa ou interferência. (JAMES, 1998, p. 175).

Santos Gargalho (2004) afirma que a necessidade de comparação surge à medida em que os estudantes tendem a transferirem os vocábulos e as estruturas da língua materna no momento em que estão se comunicando, ou quando recebem informações do outro idioma. Deste modo, a AC se fundamenta na crença de que a aprendizagem de uma LE é frutífera a partir de um hábito, sendo eles, o estímulo-resposta, transferência positiva - negativa, imitação e repetição.

Críticas a este modelo surgiram entre as décadas de 60 e 70, e a incredulidade é resultado de contradições entre linguistas e contrastivistas, por inferirem que os estudantes não se equivocam quando os elementos linguísticos são diferentes, mas o contrário acontece, quando as semelhanças linguísticas são evidentes. Outras críticas foram acrescentadas, como o fato do modelo se limitar apenas à comparação formal, os contextos, os registros, além de terem evidências de que os métodos de ensino que se baseiam na AC não conseguem evitar os erros produzidos pelos aprendizes.

(...) o estudante que se dispõe a estudar um novo idioma, percebe alguns aspectos semelhantes ao de sua essência materna, e lhes parecem mais fáceis de aprender, enquanto outros oferecerem grandes dificuldades (LADO, 1957, p. 32).

Tendo como base de referência uma aula de espanhol para brasileiros, é perceptível que o primeiro contato com a língua, as semelhanças apresentam-se mais evidentes aos aprendizes, e os recursos internalizados são utilizados inicialmente de modo intuitivo, contudo, após

recorrentes “usos”, advêm a serem desenvolvidos de maneira mais automática, como instrumentos “facilitadores” da aprendizagem.

Os instrumentos “facilitadores” são pontos de referências que os aprendizes dispõem em seus insumos maternos (base formativa linguística) para instruí-los e motivá-los a se comunicarem e avançarem com segurança na língua espanhola. Nesta etapa, apenas observam a possibilidade de comunicação como eficiente, devido às semelhanças, e, portanto, validados como eficientes.

Santos Gargalho (2004) provoca críticas e reflexões a este modelo de investigação, ao apresentar suas evidências e abstratismo durante a aplicabilidade desta referência no ensino de língua estrangeira, vez que contrariam as ideias de Lado (1974) ao afirmar ser um instrumento simplificador, apto a explicar o que causa a maioria dos erros a partir do suporte da língua materna.

Embora existam críticas a esse modelo, não é conveniente reduzi-la a mera subjetividade, pois, segundo Durão (2004) as falhas evidenciam o desenvolvimento de outras pesquisas universais da linguagem, da tradução e de materiais didáticos mais eficazes para o ensino de línguas.

2.1.3. Análise de Erros

Após ferrenhas críticas à Análise Contrastiva, surge uma análise que se constitui como elo entre a AC e a Interlíngua, chamada Análise de Erros – AE, desenvolvida por Corder (1967), na qual apresenta uma variedade de desvios linguísticos que não foram bem explicados pela perspectiva contrastiva. Desde que foram introduzidas as primeiras contestações acerca da importância de analisarem os erros dos aprendizes em seu artigo *The significance of learners' errors*²⁶, de 1967, o tema passou a ser o ponto central de investigação dentro da aprendizagem da língua estrangeira.

O autor busca esclarecer a diferença metodológica que a Linguística Contrastiva e a Análise de Erros apresentam, pois, enquanto a primeira centraliza suas atividades na comparação entre a LE e a LM, a segunda direciona seus estudos para as diferenças das produções dos estudantes da então língua estudada.

Segundo as investigações, alguns erros que determinam as falhas de competências dos aprendizes, são oriundas de cansaços físicos ou mentais, da exposição às situações

²⁶ O significado dos erros dos alunos.

constrangedoras em um ambiente de comunicação, dos lapsos de memória, medos ou de insumos negativos. Estes geradores de insumos negativos devem ser desconsiderados, a fim de priorizar apenas os erros sistemáticos, pois deles são possíveis abstrair os dados mais importantes sobre a aprendizagem de uma LE.

Os erros sistemáticos, segundo Corder (1992, p. 39) podem ser nominados por competência transitória.

Os erros dos alunos proporcionam evidências do sistema da língua que estão utilizando (isto é, que aprenderam) e são importantes em três níveis diferentes. Em primeiro lugar para os professores, pois lhe dizem quando começar uma análise sistemática, quanto evoluiu o aluno em direção a seu objetivo e o que falta para aprender. Segundo, proporcionam aos pesquisadores evidências de como se adquire ou se aprende uma língua, quais as estratégias ou procedimentos estão sendo empregados ao aluno no seu descobrimento da citada língua. Terceiro (e no aspecto mais importante) são indispensáveis para os próprios alunos, pelo fato de que podemos considerar que cometer erros é um mecanismo que estes utilizam para aprender. Cometer erros é, pois, uma estratégia utilizada tanto por crianças que adquirem sua língua materna como pelos indivíduos que aprendem uma segunda língua. (CORDER, 1992, p. 39).

Se antes a palavra erro era vista com maus olhos, a era após Corder incitou professores e demais categorias de pesquisadores a entenderem que os resultados das produções dos alunos eram fontes teóricas passíveis de uso em suas reflexões e durante as práticas pedagógicas, mostrando mais facilmente como a língua é adquirida sob diferentes olhares (aprendizes), e como estas contribuições seriam positivas para os próprios estudantes, por aprenderem a LE a partir da análise dos seus próprios erros.

Sendo um dos primeiros pesquisadores a olhar para este elemento com mais amabilidade, não construiu pontes de negatividades diante das interferências causadas pela LM na LE, mas, considerou válidas as estratégias que os aprendizes utilizavam a fim de sentenciarem o uso da língua em situações reais de comunicação, como uma etapa que ainda não foi adquirida completamente.

Fernández (2009, p, 202) entende que a AE tem um papel relevante no campo de investigação de segunda língua, por possibilitar novas concepções dos erros como caminhos a serem percorridos até que os aprendizes se apropriem de fato da língua, além de serem marcadores de índices de evolução na aprendizagem.

(...) a evolução mais importante desta corrente, sobretudo, sob a concepção de erros que são valoradas atualmente, demonstram caminhos que os aprendentes passam como um processo de apropriação da língua; processo e caminho que constituem uma das grandes questões que giram em torno da investigação sobre uma forma geral de aprendizagem, e em particular, das línguas. (FERNÁNDEZ, 2009, p. 202).

Portanto, os erros devem ser compreendidos como desvios sistemáticos, regulares, que afetam os processos de aprendizagens de uma segunda língua, sendo inevitáveis, mas característicos que evidenciam o real uso do idioma e dos seus complexos sistemas.

Diante o contexto apresentado, contamos com a sistematização do equívoco aparecendo com frequência nas leituras desatentas, em situações comunicativas, na escrita da LE quando comparadas lexicalmente as línguas portuguesa e espanhola, ainda que por semelhanças ou falsas aparências.

2.1.4. Interlíngua

A Interlíngua (IL) surge de observações idiossincráticas na aprendizagem da língua adicional²⁷ em sistemas linguísticos que não são pertencentes a ela e nem à língua materna. A concepção da IL passa a ser associada à sistematização linguística intermediária do aprendiz, a partir de descrições que se constituem ao redor da análise de erros.

Diferentes são as definições apresentadas por autores, entre os quais apresentamos Selinker (1972) e Durão (2007). Selinker (1972) é conhecido como o autor que batizou o termo Interlíngua, tendo como referência o que Corder (1992) intitulava como competência transitória. Os autores apresentam em comum a ideia de que a língua do aprendiz é um sistema autônomo (têm sua própria gramática), sendo, portanto, o aspecto que valida a presença do elemento erro como vestígio de que a aprendizagem está acontecendo.

Dois pontos centrais na Interlíngua devem ser observados: o primeiro, chamado de estrutura psicológica latente, ativado toda vez que é iniciado o processo de aprendizagem de uma segunda língua, e, o segundo, chamado estrutura linguística latente, responsável pela aquisição da língua materna.

Selinker (1972) enseja a reflexão do leitor para o fato de que, toda vez que um aprendiz tentar produzir uma estrutura da LE, sempre será ativada a estrutura psicológica latente, o que explica a razão dessa estrutura nunca ser igual à produzida pelo falante nativo. Esta evidência

²⁷ Utilizamos este termo como referência a Segunda Língua – SL.

é utilizada para apresentar um sistema linguístico separado, denominando-a de Interlíngua, como resultado de sentenças perquiridas pelos aprendizes na produção no idioma estrangeiro.²⁸

Um das características da Interlíngua é a palavra Fossilização, amplamente observada por Selinker (1972, p. 38) que a definiu como uma tendência de regras que os aprendizes de uma segunda língua conservam dentro da Interlíngua e que não necessariamente fazem parte da LE, ou seja, já estão internalizados ou são difíceis de eliminá-los, podendo acontecer quando a aprendizagem é realizada longe de autênticos ambientes do idioma, como, não terem contatos com falantes nativos ou iniciados os estudos na fase adulta.

Chamamos fenômenos linguísticos fossilizáveis àqueles itens, regras e subsistemas linguísticos que os falantes de uma língua materna tendem a conservar na sua interlíngua em relação com uma língua objeto dada. É importantíssimo observar que as estruturas fossilizadas tendem a permanecer como atuação potencial, ressurgindo na produção de uma interlíngua, inclusive quando já pareciam erradicadas. (SELINKER, 1992, p. 85).

Durão (2007, p. 46) entende que a Fossilização possibilita reflexões relacionadas a este fenômeno como traços da Interlíngua, além de ser um elemento característico do processo de aquisição de LE, que não acontece durante no processo de aquisição da língua materna. Outro fator interessante dentro desta temática é identificá-lo não somente na transferência²⁹, opinião não unânime entre os autores, mas a partir de outros fatores, como escassa atenção, maior preocupação pelo conteúdo do que com a forma, estágios de cansaço, ansiedade ou timidez.

Portanto, a Interlíngua é constituída como um sistema de transição gerado pelos aprendizes como meio de assimilação da LE, caracterizada pela interferência da LM, por elementos fossilizados até chegar à etapa que os levem a alcançarem o seu máximo potencial de aprendizagem da língua estudada.

²⁸ Durão (2007) diante as considerações propostas por Selinker, explica que a IL é um sistema aberto de grande dinamicidade, cujo processo de construção acontece devagar, além da transitoriedade ser um dos aspectos básicos da Interlíngua. Por transitoriedade, Durão (2007, p. 34) indica que a essência de uma Interlíngua é deixar-se substituir por outra e outra, até que, intuitivamente, sejam consideradas suficientes para satisfazerem as próprias necessidades comunicativas, que dependem de cada aprendiz e de seus propósitos durante o processo de aprendizagem de uma LE.

²⁹ Transferência é o emprego em uma língua de elementos específicos de outro idioma, geralmente da língua materna, sendo comum esta atividade durante a aprendizagem de uma LE, onde o aprendiz tenta relacionar as novas informações apresentadas com aquelas já adquiridas anteriormente. Parece a primeiro modo uma estratégia benéfica, mas a longo prazo apresenta suas limitações. Odlin (1989, p. 15) conceitua o termo como influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua-alvo e outra previamente adquirida. Este modelo surge diante de investigações na AC e sofre muitas críticas sendo compreendido como seu processo principal, perdendo relevância nos estudos de AE e somente na IL volta a ser investigado como um processo integrante.

2.1.5. Tecendo conexões

Considerando estes modelos de análises, infere-se que pontos específicos de cada elemento apresentado são teoricamente aplicáveis às proximidades entre as línguas portuguesa e espanhola, embora, suas facilidades possam, por vezes, ser verdadeiros celeiros de enganação para os aprendizes diante das “facilidades”.

A Interlíngua, a depender do nível de proficiência, nem sempre produz efeitos benéficos a quem dela recorra, pois o que lhes parecem positivos, na verdade, desvirtuam o que deveria ser aprendido, ao inferirem que pela igualdade entre os idiomas, seus significados possam ser completamente transferidos, como é o caso dos Falsos Amigos, o que não é uma sentença autêntica.

Engendrar uma ideologia instrutiva de que aprender espanhol para brasileiros é muito fácil, não é uma fabulação, mas requer cautela quando esta afirmação é justificada pela transferência dos elementos de uma língua à outra, ainda mais evidente, quando os aprendizes adaptam estratégias de comunicação, a partir de nichos de “suposta” compreensão interlinguística, que resultam sempre em erro, o que dificultam seu desempenho e imersão na LE.

Depreende-se, que, níveis de relaxamento, “conforto” estabelecido pela relação proximidade-transferência, insegurança, medo de julgamentos, bloqueios cognitivos, etc., são potencialidades aptas a exprimirem a antecipação (imaginária) de baixos níveis de conhecimentos, que podem não ser verdadeiras, configurando desconfortos e estranhamentos na relação sujeito-língua.

Coligindo os tópicos de modelos de análises, busco nos próximos itens correlacioná-los com a compreensão do léxico e o vocabulário, e sua relação entre língua, texto e gênero.

2.2. O léxico e o vocabulário

Saber se comunicar em uma língua é o objetivo principal de quem se propõe aprender um novo idioma, habilidade que inclui a leitura, a audição e a escrita. Bartol Hernández (2010) considera notável e em constante reivindicação, o papel nuclear que o vocabulário desempenha nos processos de aprendizagem de uma língua, observando que a competência linguística possibilita fases de desenvolvimento interativo, cognitivo, cultural, evidenciando os erros a partir da frequência utilizada pelo aprendiz, sendo, entre outros fatores, um conjunto de processos que caminham lado a lado para aprender e compreender um novo idioma.

É frequente a prática associativa entre os termos léxico e vocabulário como sinônimos para designar um conjunto de palavras/expressões que fazem referência à construtos de uma língua, e de práxis, utilizam os termos como substitutos um do outro, o que se faz importante destacar, embora estejam correlacionados ao sentido da palavra, seus significados.

O léxico³⁰ é um acervo de palavras pertencentes a um determinado idioma, representativo de uma de cultura, é um conjunto de palavras ilimitadas, inventário aberto diante das mudanças culturais; podem não ser utilizadas com o decurso do tempo, mas não perdem o seu valor; os falantes não tem domínio completo de todas as suas unidades, pois novas palavras sempre surgem, apresentando variantes, sendo, portanto, de caráter social de um povo, não sendo seu uso exclusivo de grupos de pessoas ou pessoa específica.

Para Carvalho (2014), o termo léxico é visualmente abstrato, a medida em que não se pode mensurar exatamente o fim último de seu uso, havendo constantes mudanças de sentido, aplicabilidade, ora mais usuais, ora em desuso, mas nunca perdendo o seu valor. A autora ainda explica que no dia a dia, o usufruidor de uma língua utiliza apenas uma parte do subconjunto de palavras dentro do sistema léxico, no qual denomina de vocabulário (repertório lexical).

Chamamos de L o léxico de uma língua qualquer. Cada indivíduo que fala essa mesma língua, domina apenas uma pequena parcela desse conjunto de léxicos globais. Ao indivíduo 1, atribuímos o L1 léxico total desse sujeito; o segundo indivíduo apresenta outro repertório lexical dentro deste idioma, assim, atribuímos L2 léxico a esse conjunto de palavras que ele domina; o terceiro, disporá de outros léxicos, podendo, inclusive, dominar alguns (léxicos) de domínio do L1, L2. A ele chamamos de L3 léxico, e assim, por diante. A esse fenômeno, atribuímos a regra $L = L1 + L2 + L3 \dots$ não sendo um sistema fechado, mecânico, mas contributivo, entremeado, e em constante transformação. (SEABRA, 2015, p. 76).

Autores como Vilela (1997) verbaliza o léxico por ser um grupo de vocabulários, isolados ou fraseológicos, dos quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam e interagem com o meio a sua volta.

A definição do léxico segundo a Real Academia Española - RAE³¹ é:

1. Pertencente ou relativo ao léxico (vocabulário de um idioma ou região);

³⁰ A palavra léxico surge da cultura grega, *leksikós*, fazendo referência aos estudos da palavra de uma língua.

³¹ É uma instituição cultural dedicada a regulação linguística entre o mundo hispanohablante. O Dicionário da língua espanhola é o dicionário normativo mais amplo do castelhano, editado e elaborado pela ERA.

2. Que expressa conteúdo ou conceitos próprios do léxico;
3. Vocabulário, conjunto de palavras de um idioma, ou das que pertencem ao uso de uma região, a uma determinada atividade, a um campo semântico dado, etc.

Em todas as definições de léxico, há um direcionamento à palavra vocabulário, o que se faz importante conhecer sua definição, motivo pelo qual é prática comum encontrar associações a estes dois termos sempre que pretendem se referir a alguma palavra.

O vocabulário é o conjunto de palavras que ocorrem em determinado contexto de uso, exercendo um papel crucial na veiculação de significados, por ser o objeto da comunicação linguística. Os termos característicos de uma determinada área de conhecimento é concebida por a expressão vocabulário, como por exemplo, a linguagem médica/enfermagem (angi<o> - sangue, ite – inflamação, oma - tumor, etc.), jurídico (*amicus curiae*³², *in dubio pro reu*³³, etc.).

Vocabulário é o conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registo linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de facto nesse discurso. (CORREIA, 2005, p. 07)

No estudo de idiomas, existem diferentes perspectivas de análise para o vocabulário, sendo uma delas a equivalência lexical, visão estruturalista de linguagem, onde o uso da sinonímia, a partir da língua materna e sua tradução literal para outro idioma se configuram como práticas emblemáticas³⁴, partindo do princípio de que as palavras não são ensinadas isoladamente, mas em contextos de frase e textos, sendo a percepção de seu significado primordial para compreensão das relações de contextos, o conhecimento da forma falada, escrita e sua colocabilidade.

Autores como Nation (1997), Basso (2007), Scaramucci (2007), Gattolin (2007) dissociam de outros autores, ao inferirem que é importante apresentar um conjunto de vocabulários a serem ensinados e aprendidos ao menos à níveis iniciais, como forma de

³² Significa ‘amigo da corte’, muito comum seu uso no âmbito jurídico em caso de terceiros serem convocados para auxiliar o juiz em um veredicto, sendo comum seu uso em casos de grande apelo popular ou de repercussão na mídia.

³³ Significa ‘em dúvida pelo réu’, termo comum quando há dúvida quanto à culpabilidade do réu/acusado, de modo a não condenar alguém sem a certeza, devendo favorecer quando houver elementos de dúvida e não puderem ser comprovados.

³⁴ A tradução literal a depender da palavra leva a erros de compreensão e uso, mesmo que apresentem semelhanças fonéticas e estruturais, seu significado pode divergir do já internalizado em sua língua materna. Os idiomas português e espanhol, carregam traços linguísticos próximos ou idênticos, são na maioria vocabulários usuais por seus falantes nativos, que imbuídos de autoconfiança, caem na própria armadilha da língua.

percepção da língua e uso; a validade da repetição planejada de um léxico em diversos enunciados e contextos; a exposição prévia de conhecimentos dos próprios aprendizes; a utilização de outros tipos de texto para identificação e compreensão semântica das unidades lexicais, não sendo um fim em si, mas uma possibilidade de a percebê-la mais a frente como uma competência transversal.

Nick (1994) contextualiza duas vertentes de aprendizagem, sendo instituídas de forma implícita e explícitas a partir de vocabulários.

A aprendizagem implícita se constitui a partir de uma palavra e seus sentidos adquiridos de maneira natural, inconsciente, resultando da abstração de repetidas exposições numa série de contextos. Por ora, a explícita pode ser fortemente facilitada a partir de uma gama de estratégias metacognitivas: I – notando que a palavra não é familiar; II – tentando inferir a palavra a partir do contexto apresentado; III – compreendendo o vocábulo diante de estratégias associativas como as imagens. (NICK, 1994, p. 45).

Ruiz – Ruano e Unza (1984) criou uma lista que melhor esclarece seus pontos de contato e diferenças entre o léxico e vocabulário, demonstrando como o aluno interioriza constantemente a língua aprendida, processando informações e aplicando em contextos de frase.

Imagem 02 - Tabela comparativa entre léxico e vocabulário

LÉXICO	VOCABULÁRIO
É um sistema;	É uma lista de palavras;
Transcende o texto;	Faz parte de um determinado contexto de uso (ensinar o vocabulário de um escritor, mas não seu léxico, uma vez que apenas aquele se traduz numa lista de palavras utilizadas de fato).
Faz referência a uma língua posta;	Faz referência a fala apresentada;
É ilimitada;	É ilimitada;
O número de unidades que a compõem não pode ser estabelecido, são hipotéticas, sem podê-las enumera-las objetivamente.	Podem ser objetos de estudos estatísticos.

Assim, considera-se léxico a parte indivisível, ampla, conjunto de palavras pertencentes a uma língua específica, e o vocabulário, a materialização em textos como uma parte do léxico que são utilizadas por alguém para se comunicar.

No ensino de línguas é estabelecido através da relação que as palavras produzem não apenas com a relevância que é posta sob seu significado, mas principalmente dos seus sentidos, a partir da contextualização em que é apresentada, gerando novos significados, como é o caso dos falsos amigos. Ensinar uma língua a partir do campo lexical deve ser constante, inesgotável, contextualizada, associativa, e que não devem esgotar seus significados e sentidos após compreendê-las, por haver uma constante mudanças de paradigmas e contextos culturais.

É a partir do léxico que o aluno interioriza progressivamente a língua e constrói um pensamento consciente acerca do povo que essa língua fala; é através do vocabulário que o sujeito de aprendizagem processa a informação e alia uma função de representação a uma função de comunicação; é com o léxico que ele constrói, estrutura e organiza o saber e é através do léxico que ele acede ao sistema conceptual configurando pela linguagem” (FIGUEIREDO, 2004, p. 103).

Sob esta perspectiva, destaco que a aprendizagem focalizada no léxico pode contribuir para obtenção de melhores resultados a partir do processo de imersão. Quando nos referimos ao termo imersão, a regra é clara: possibilitar o maior contato com a língua, de modo que o processo gere conhecimento das regras e uso do idioma de forma natural, identificando erros, consolidando palavras que os levem a interpretação, e não meros repetidores de significados.

2.2.1. Língua, texto e gênero

Quando se ensina língua, o que se ensina? Esta pergunta foi proposta por Marcuschi (2008) em um de seus livros e se coloca pertinente a esta pesquisa, por construir indagações sob diferentes perspectivas, sendo sua resposta um processo que poderá perdurar meses, anos ou a vida toda.

Sendo a sala de aula um ambiente natural do professor, hora atuante como protagonista, por vezes, coadjuvante, mas sempre espectador final de tudo o que se sabe e transmite a outro alguém, é um consenso entre os linguistas aplicados e teóricos que estudam uma língua, que em algum momento da prática docente, haverá de ter como suporte algum gênero textual, não

apenas pelo uso em si, mas sob a perspectiva do instrumento posta em prática, ou seja, a forma de trabalho.

É pelo texto escrito, verbal, sonoro ou imagético que se corpora a possibilidade em ser debatido, investigado e redefinido o funcionamento da língua, a relação, a padronização, as diversas variedades linguísticas e as relações entre fala, uso, compreensão, contextualização, argumentação, raciocínio, atuação, redução, resumo de texto, etc.

Sabemos que o ensino de línguas não se formaliza como um sistema estanque, por haver características próprias de cada sistema, o que por outro lado, não devem ser compreendidas pela rigidez ou reduzi-las apenas à compreensão ortográfica ou gramatical. Diante de tais circunstâncias, Marcuschi (2008) infere que a língua não deve ser vislumbrada apenas como uma entidade de análise fonológica, morfológica, sintática ou semântica, ainda que relevantes, mas posicioná-la como uma realidade em seu funcionamento social e fenômeno encorpado.

(...) pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/ leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples. (MARCUSCHI, 2008, p. 54).

Imperativo depreender que a língua se manifesta a partir de experiências cotidianas, como uma atividade interativa, mental e social, construindo e ressignificando ao mesmo tempo o conhecimento, pois sua função precípua não está na prática informativa, mas em sua serventia de inserir pessoas em diferentes contextos como uma forma de ação e comunicação. O texto, é, portanto, um sistema de intersecção da língua e seus elementos, como a fala, o som, a imagem, os sentidos, os contextos, as palavras, etc., e os seus gêneros são formas sociais reconhecíveis pela produção de seu discurso.

Os gêneros textuais, conforme afirmou Bronckart (1999, p. 100) é um mecanismo fundamental de socialização e inserção prática nas atividades comunicativas, sendo impossível não se comunicar verbalmente a partir de algum texto ou gênero textual, ou seja, toda comunicação verbal principia de um gênero.

Em uma aula de língua estrangeira, o gênero textual não vislumbrará apenas a materialização formal da língua, mas o interacionismo sociodiscursivo durante a aprendizagem,

sendo o aspecto intercultural, crucial para o ensino de um segundo idioma, já que não é possível supor que em todas as culturas, os mesmos hábitos sejam praticados ordenadamente iguais.

(...) a inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita que normalmente utiliza. (VERGUEIRO, 2010, p. 25).

Nesse sentido, os gêneros são modelos comunicativos, reunidos em sequências linguísticas em sua composição, com distintas intencionalidades, com características que se submetem aos contextos culturais / temporais, onde algumas espécies comportam elementos de multimodalidade em sua combinação, sendo eles: recursos escritos (o próprio texto), sons e imagens (onomatopeias, desenhos em suas diversas gêneses de sentido, etc.).

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 146).

Uma das grandes vantagens de encontrar elementos multimodais em alguns gêneros, como é o caso das histórias em quadrinhos – HQ’S, está situado justamente na prevalência dos significados que as imagens muitas vezes sobrepõem ao próprio texto e compreensão.

As HQ’S são instrumentos eficientes a figurar por meio de imagens e textos (frases, léxicos, onomatopeias, etc.) vários recursos interpretativos de produção de sentidos, destacando seu aporte cada vez mais integrativo, capazes de moldar os pensamentos, as interpretações, as comunicações, as entonações de leitura, relação palavra-leitura, palavra-

imagem, permitindo o reconhecimento pelo aprendiz como gênero textual, ainda que não exista o domínio da língua em que está sendo apresentada.

A linguagem quadrinhística está presente em diversos segmentos de ensino, sendo instrumentos de expressões e significados, mas geralmente tudo o que é simples passa muitas vezes despercebido ao olhar humano, não seria diferente quando o assunto é utilizar este material em sala de aula, pois a tendência social é valorizar aquilo que apresenta um *status* elevado, materializando-se em uma obra de arte, um clássico da literatura ou em algo que apresente um poder aquisitivo de prestígio.

De nada adianta selecionar textos e aplicá-los nas aulas de línguas se o processo é exaustivo para o aprendiz, se as categorias de trabalho e as propostas analíticas continuam as mesmas e se não é observado a forma como o texto é apresentado.

(...) os textos padecem de problemas de organização linguística e informacional e o resultado será evidentemente, um baixo rendimento do aluno, onde muitos textos escolares revelam descompasso em relação à complexidade da produção do aluno. (MARCUSCHI, 2008, p. 54).

Dionísio (2002) destaca que as imagens são elementos colaborativos para conhecer um novo idioma, figurando como recurso para prender a atenção dos alunos ou como instrução complementar ao texto verbal, não havendo prevalência específica de gêneros textuais para o ensino de língua estrangeira, embora seja possível identificar produtos mais formais, menos informais, acessíveis ou mais restritivos a determinados públicos.

Seguindo os aportes de Dolz e Schneuwly (1998), a existência de comunicação a partir de gêneros textuais funciona como intermediador da aprendizagem, instrumentalizando-se no agir discursivo em diferentes situações, sendo referências concretas para os alunos como fonte de informação.

A compreensão linguística não é um simples ato de identificação de informações, mas um conjunto de sentidos construídos a partir de bases inferenciais, o que para Marcuschi (2008) transpõe as estruturas fixas de sentidos já internalizadas por quem dela faz uso, alertando que entender um texto não é o equivalente, por vezes, ao sentido de uma palavra ou frase, seus contextos podem ser maiores que os projetados, sendo necessário produzir sentidos e não contextos prontos, já que os textos são inferidos pela relação de vários conhecimentos.

A isso, subjaz outras inferências:

Os textos são em geral lidos com motivações muito diversas; diferentes indivíduos produzem sentidos diversos com o mesmo texto; um texto não tem uma compreensão ideal, definitiva e única; condições socioculturais diversas, temos compreensões diversas do mesmo texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 226).

No ensino do espanhol, as HQs mostram-se eficazes para conhecer o idioma, sendo amostras autênticas da língua estudada ao estimular o leitor a diferenciar as variantes linguísticas, a capacidade analítica diante dos enunciados apresentados na obra, a desenvolver habilidades cognitivas de léxicos ainda desconhecidos, a estimular o real uso da língua em aulas práticas, à deduzir ideias a partir da linguagem não-verbal, a definir as categorias gramaticais, ao estudos dos gêneros textuais, a treinar o raciocínio e a argumentação, a pontuação e ortografia, etc.

Há quem entenda que as HQs são apenas rabiscos com textos de linguagens simples, populares por serem acessíveis ao custo de produção e pouco fomentadoras de conhecimento educacional, e, portanto, em muitos espaços não são considerados arte. Para tanto, faz-se necessário conhecer sua origem, seus precursores, marcos históricos, ascensão no Brasil e no mundo sob uma perspectiva macroestrutural, além de suas características que objetivam esse gênero textual.

2.3. Histórias em quadrinhos

Nesta subseção enuncio aos apontamentos anteriores os marcos importantes na evolução histórica dos quadrinhos, as primeiras manifestações na época dos homens das cavernas, a difusão impressa do material gráfico, a referência norte-americana do inventor das tiras em quadrinhos e o desprestígio elitista diante à difusão das HQ's. Além disso, a legitimação da HQ no Brasil, com referências à Maurício de Sousa e suas produções nacionais e internacionais, com explicações sobre o processo de tradução e o uso de elementos visuais estrategicamente dispostos nos gibis.

2.3.1. A arte em evolução pelo mundo

Muitas são as suposições sobre a origem das histórias em quadrinhos no mundo, mas o que poucos sabem é que as primeiras expressões de evolução desta arte aconteceram por meio

dos homens das cavernas, que, em contexto de evolução, revelava a necessidade de externar seus acontecimentos através de sucessivos desenhos.

Este estilo de arte (escrita em imagem) é considerada antecedente à prática de falar do ser humano, por estimar que a idade média de vida era de aproximadamente 25 a 30 anos. Quem sobrepujava essa idade, já era um ancião, tendo responsabilidade de proteger e orientar àqueles que eram órfãos mais cedo, e, como estratégia de sobrevivência, começaram a criar escritas em imagens nas paredes, com símbolos de cordas, fechas, rabiscos de animais, etc.

Na imagem abaixo, verifica-se uma pintura descoberta com data de 44 mil anos atrás, localizada em uma caverna³⁵ na Indonésia, representando um búfalo caçado por homens primitivos, e hoje, considerada por historiadores³⁶ como a arte rupestre mais antiga do mundo e um dos marcos para a origem das HQ's.

Imagem 03 - Arte rupestre mais antiga datada de 44 mil anos atrás



Fonte: bbc.com/portuguese

Por outro lado, Luyten (1985) estipulou como o marco inicial das HQ, o início do século XIX, como produto de difusão em impressão gráfica da época, em um jornal norte-americano sensacionalista de propriedade de Joseph Pulitzer³⁷, cuja obra foi produzida por Richard F. Outcault, em meados de 1894.

Outcault é referência entre ilustradores por ser considerado o inventor das tiras em quadrinhos moderna norte-americanas, sendo mérito de sua obra o atributo de introduzir os balões, elemento que caracteriza as HQ, e o destaque que obteve com o seu personagem *The*

³⁵ Caverna chamada Leang Bulu'Sipong.

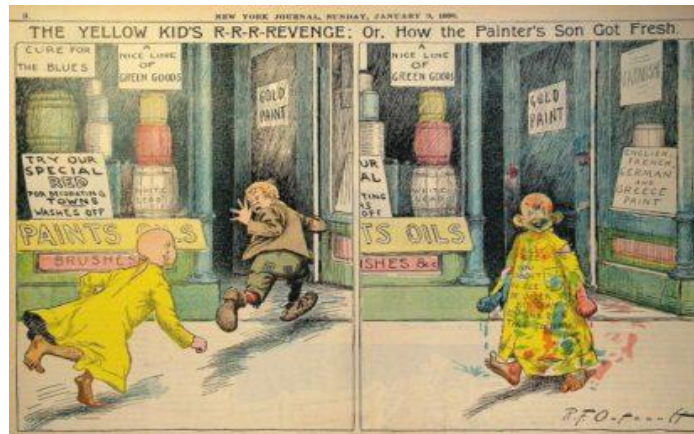
³⁶ Posteriormente, outras manifestações desse gênero foram consideradas fontes das artes em quadrinho, como mosaicos, afrescos, tapeçarias e diversas técnicas que registravam a história a partir de sequências de imagens.

³⁷ Magnata dos meios impressos de comunicação dos Estados Unidos da América – EUA.

*Yellow Kid of Rogan's Alley*³⁸. A narrativa é sobre um garoto que usava um pijama amarelo que vivia nos becos de Nova York, e em suas roupas era possível ler críticas com o uso de gírias referenciais à painéis publicitários da época.

Neste período, Outcault destacou-se diante de outros criadores de HQ's devido ao uso de balões que continham textos escritos, o que culminou em uma fama repentina e muito enriquecedora no âmbito financeiro.

Imagem 04 - O Garoto Amarelo do Beco Hogan's



Fonte: Imagem do sítio Bonhams publicada na internet

Em meados dos anos de 1907, as HQ's além de serem publicadas uma vez por semana em jornais, começaram a ser divulgadas mais vezes, o que possibilitou o acesso a um número maior de leitores e, conseqüente, aumento de tiragens. Sem dúvidas, a grande difusão ocorreu devido ao *syndicates* (agências distribuidoras), tendo a primeira criação instituída em 1912, denominada *International News Service*³⁹, cuja função era distribuir as produções para veículos de todo o mundo, sendo o Pafúncio (*Jiggs*)⁴⁰ um dos primeiros personagens internacionalizados.

³⁸ The Yellow Kid of Hogan's Alley (O Garoto Amarelo do Beco Hogan's) de 1894, criação de Richard F. Outcault para o New York World.

³⁹ Serviço de notícias internacionais.

⁴⁰ Imigrante irlandês, grosseiro, rico, vive com sua esposa (também rica) e seu enredo está por contar as chateações de viver em um contexto de vida que nunca imaginou fazer parte. O nome foi modificado para *Jiggs* em referência aos seus dois personagens principais (*Jiggs e Maggie*).

Imagem 05 - Pafúncio



41



42

Fonte: gazetadobairro.com

O que parecia uma facilidade com a chegada das agências distribuidoras, tornou-se um dos empecilhos nas histórias em quadrinhos, porque o que se via era um sistema que controlava os desenhistas que produziam as HQs, já que suas produções eram encaminhadas para um setor de correções e padronizações dos materiais. Assim, não era muito divulgada a censura interna que os autores sofriam, pois, ainda que parecessem livres para criar suas artes, existiam roteiros previamente padronizados que os obrigavam a nivelar os conteúdos das histórias aos padrões da sociedade moralista.

Com toda a movimentação para difundir as HQ, surgia o desafio de lutar contra o desprestígio que uma parte da sociedade elitista impunha aos verdadeiros consumidores da época: a população mais humilde, considerada desprovida de intelecto acadêmico⁴³. Segundo os elitistas, o acesso destas pessoas a este tipo de material corroborava a falta de inteligência, porque as informações expostas não exigiam dedicação maior para compreensão, se comparadas aos romances da época.

Não foi possível mensurar o tamanho do preconceito quanto ao uso das HQ's, e nem por quanto tempo perdurou este pensamento, mas as produções iam além da informação ou satirização, pois, o que se via era um veículo de comunicação capaz de produzir o bem estar de quem a lia, ainda que diante de situações controversas.

⁴¹ Criado por George McManus, publicada pela primeira vez em 1913, mostrando o comodismo e conforto do dono de casa neoburguês.

⁴² "O que eu já fiz na vida para ter que levar um cachorro desse para passear." (tradução própria)

⁴³ Para esta categoria, a condição de ser pobre, já seria uma condição para ser desprovido de inteligência.

(...) os quadrinhos agiam como estimulante evasão compensatória das rotinas e das frustrações sofridas pelo público leitor, o que lhes garantia a popularidade. Não devemos nos esquecer de somar a isso tudo o pequeno esforço intelectual requerido por sua literatura, de uma forma bem popular, bem menor que o solicitado por qualquer romance ou outras obras da literatura universal. (SILVA, 2003, p. 20).

Após surgir as agências distribuidoras, em cada lugar do mundo, as HQ's começaram a receber nomes diferentes: nos Estado Unidos é conhecido como *Comic Strips (Comics)*⁴⁴, no Japão são chamados de 漫画 (Mangá)⁴⁵, na França e na Bélgica são chamados de *Bande Dessinée*⁴⁶, na Itália são encontrados pelo nome *Fumetti*⁴⁷, na Argentina são descritos como *Historietas*⁴⁸, na Espanha elas podem ser vendidas como *Tebeos*⁴⁹, e no Brasil elas podem ter o nome de Gibi, Histórias em Quadrinhos (HQ) ou Revistinhas em Quadrinhos.

Ainda que tenha ocorrido uma grande comoção internacional pela comercialização das HQ's, a sua consolidação aconteceu na década de 30, quando os holofotes estavam voltados para os acontecimentos políticos e sociais. No final do ano de 1929, um assunto que repercutiu foi a quebra da Bolsa de Nova York, onde o dia 24 de outubro ficou conhecido como a Quinta-Feira Negra, por causa da perda de 11% do valor das negociações, fazendo com que milhares de empresas falissem e um expressivo número de trabalhadores ficassem desempregados.

No mundo, os países que mantinham acordos econômicos com os Estados Unidos sentiram as consequências em pouco tempo, ao ponto deste acontecimento ser apelidado de Grande Depressão⁵⁰, pelo fato de toda a economia mundial ser afetada.

Diante do cenário caótico, o vazio instalado necessitava ser abstraído dos pensamentos da sociedade, logo, surgem as HQ's com o gênero “aventura”, onde seus personagens são apresentados como super-heróis. Foram criados os seguintes personagens: *Tarzan* (algum

⁴⁴ Tiras de quadrinhos caracterizadas por uma série de vinhetas, publicadas regularmente em jornais, revistas e atualmente na internet.

⁴⁵ História em quadrinho japonês que apresenta características específicas como a forma de leitura, a publicação, a diagramação e os traços nos desenhos dos personagens. Quando os Mangás são transformados em séries de desenhos na televisão, eles mudam de nome e são chamados de Animes.

⁴⁶ Banda desenhada ou Quadrinho é o nome designado aos quadrinhos franco-belga e geralmente são publicados em formatos maiores.

⁴⁷ Revistas em quadrinhos. São sempre em preto e branco e com formatos pequenos.

⁴⁸ Histórias ou Narrativas curtas. Contém ilustrações e em algumas vinhetas podem conter um texto mais ou menos breve.

⁴⁹ É uma adaptação fonética de TBO de uma revista muito famosa entre os anos de 1917 até 1983, cuja leitura do termo soa como *te veo* (te vejo).

⁵⁰ A Grande Depressão, também conhecida como a Crise de 1929, foi uma forte recessão econômica nos EUA, atingiu o capitalismo internacional e terminou apenas com a Segunda Guerra Mundial.

tempo depois modificou-se a grafia para Tarzan), *Flash Gordon*, o Príncipe Valente, o *Mickey Mouse* (e o império Disney), *Minnie*, Pato Donald, Tio Patinhas, Margarida, Zé Carioca.

Diante do magnetismo desses personagens corajosos, muitos autores não se deixaram influenciar pela padronização dos roteiros divertidos e imaginários, mas buscaram usar nos quadrinhos a realidade como meio de crítica ao sistema social do qual ainda faziam parte.

Uma referência é o cartunista Alfred Gerald Chaplin (mais conhecido como Al Capp), criador do personagem Fernandinho, obra que promoveu uma evolução das HQs para um movimento mais adulto, satírico e ao expositor do macarthismo⁵¹. Assim, o mercado das HQs americano tornou-se uma referência mundial devido a qualidade dos desenhos e das tiragens para comercialização, sem contar com um eficiente sistema de distribuição.

Apesar de todo este magnetismo, com o estouro da Segunda Guerra Mundial⁵², as histórias em quadrinhos foram proibidas durante muito tempo, e, após serem permitidas, os militares decidiram o que seria escrito, como seria publicado e quem teria acesso aos materiais, tomando o total controle da liberdade de expressão dos artistas e dos leitores. Este período é o exemplo claro de que a liberdade de expressão pela arte em quadrinhos estava sendo utilizada como veículos de cunho ideológico⁵³.

O que ninguém esperava era que dois jovens corajosos, Joe Shuster e Jerry Spiegel fossem capazes de lutar pela sua liberdade de expressão e criar um dos personagens mais fascinantes de todos os tempos: o Super-Homem. Criado em 1938 e publicado pela revista *Action Comics*⁵⁴, com cerca de 200 mil tiragens por edição, o personagem era um estereótipo daquilo que os autores esperavam que a população se tornasse: vilões com superpoderes. A segunda edição foi ainda mais vendida, sendo um sucesso na época.

Depois dele, surgiram outros fenômenos gráficos: *Batman*, Homem de Ferro, *Hulk*, *Thor*, Mulher Maravilha, etc. O que parecia um alívio com o final da Segunda Guerra para os criadores de HQs, não perdurou por muito tempo, pois a falta de insumos fez com que a qualidade das produções caísse bastante e a motivação dos escritores findava-se com novas perseguições contra as HQs, tendo como alvo, as crianças.

⁵¹ Termo derivado de *McCarthyism* ao qual se refere à prática de acusar alguém de subversão, como por exemplo, o desrespeito aos direitos civis, o combate ao consumismo, a perseguição a determinada classe de trabalhadores, etc.

⁵² A Segunda Guerra Mundial ocorreu entre o período de 01 de setembro de 1939 até 02 de setembro de 1945, representando um conflito militar global envolvendo as maiores nações do mundo.

⁵³ Na China, por exemplo, o líder Mao Tsé-Tung⁵³ decidiu criar suas próprias histórias para manter o maior controle sobre o que era escrito e publicado no país. Neste período, a liberdade de uma nação estava submetida a critérios bem particulares que não poderiam ser questionados e nem mesmo ignorados, cabendo ao povo seguir as ideologias que eram colocadas à força em meio a um cenário de conflito.

⁵⁴ Quadrinhos de ações.

Segundo alguns manifestantes da época, as histórias em quadrinhos eram maléficas para este público e a consequência do consumo destes materiais refletiria no comportamento delinquente na adolescência.

(...) as tiras de quadrinhos, as revistas em quadrinhos permaneceram não estudadas por décadas. Quando a arte dos quadrinhos, na forma de revistas, finalmente achou o seu caminho (...) na maioria das vezes ela era tratada como uma pária, um perigo para a juventude, para a moral, para o próprio tecido da sociedade. (LOMBARD, 1999, p. 19).

Em 1954, a obra intitulada *Sedução do Inocente*, de Frederic Wertham, logrou fama. Contudo, seu renome era compreendido como uma história perigosa para as crianças, o que desencadeou inquérito⁵⁵ nos Estados Unidos sobre a indústria dos quadrinhos e a criação da Autoridade de Código de Quadrinhos, documento que regulava sua publicação através de selo de permissão e comercialização.

Este marco reforçou a ideia de que a arte é um movimento de informação e resistência, pois, por seu intermédio as pessoas sabiam exatamente o que estava acontecendo em sociedade e, poucos foram os escritores que tiveram forças para resistir, como foi o caso de Quino⁵⁶. Em 1964, o cartunista argentino, apresentava ao mundo uma grande estrela das historinhas em quadrinho, sua personagem Mafalda, tornando-se um fenômeno mundial e de referência a assuntos políticos e sociais.

Imagem 06 - Mafalda (assuntos políticos)



Fonte: História publicada no sítio Espanhol sem Fronteiras

⁵⁵ No Brasil, por causa deste inquérito, culminou na queima de muitos gibis locais. Muitos pais e professores foram influenciados por esta ideologia e começaram a proibir que os pequenos lessem esse tipo de obra.

⁵⁶ Joaquín Salvador Lavado Tejón (conhecido como Quino).

2.3.2. Legitimação da HQ no Brasil e a Turma da Mônica

As histórias em quadrinhos tiveram um desenvolvimento muito peculiar no Brasil, recebendo influências de vários países pelo mundo, onde no século XIX, as primeiras tiras foram publicadas em jornais locais, destacando-se as caricaturas e as charges. Não se sabe ao certo o nome do precedente autor que publicou a primeira história, já que por questões políticas havia censuras e riscos de divulgação de autoria, principalmente em trabalhos que estimulavam o questionamento e aprendizagem de seus leitores⁵⁷.

No Brasil, a partir de 1984, o dia 30 de janeiro é comemorado o Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos, data em que foi publicada a primeira edição de *As Aventuras de Nhô Quim* (1869), de autoria do Ângelo Agostini, embora muitos não a considerem genuinamente arte brasileira, porque foi escrita por um italiano. Outros, portanto, validam por autêntica publicação nacional a obra intitulada *O Tico-Tico* (1905), concebida pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, em uma revista dedicada exclusivamente a este tipo de arte, vendendo, inclusive 100.000 exemplares por semana.

Sua inspiração surgiu de uma revista infantil francesa *La Semaine de Suzette*⁵⁸, obra que também foi traduzida no Brasil com o nome de *Felismina*, o que muitos dizia ser uma cópia de *Buster Brown*, de R. Outcault. Nesta edição, o autor buscou apresentar além das histórias, os jogos de passatempo, mapas educativos, literatura juvenil, caça-palavras, etc, dicas estas de mercado que foram utilizadas por outros autores, como o Maurício de Sousa, pai da Turma da Mônica.

Muitos artistas da época não tiveram o seu devido reconhecimento no Brasil, mas não desistiram de publicar suas histórias diante do desânimo e incompreensão nacional, onde anos seguintes foram constituídas grandes empresas jornalísticas com monopólio, sistema de produção e de distribuição dos materiais gráficos. Ao contrário do cenário internacional, os editores⁵⁹ de quadrinhos tiveram mais destaque que muitos desenhistas, perdurando até a chegada de Maurício de Sousa no mercado de HQs.

⁵⁷ Especula-se que a primeira revista deste gênero foi divulgada na *Semana Ilustrada*, do alemão Henrique Fleiuss (1823-1882) como espécie de modelo para as futuras publicações brasileiras do século XIX. Fleiuss deixou evidente seu gosto pelo humor satírico da realidade política e social do Brasil para as outras gerações, o que influenciou o brasileiro Ângelo Agostini (1834-1910) a criar uma sequência bastante similar ao que temos hoje por histórias em quadrinhos nos Gibis com temáticas diversas.

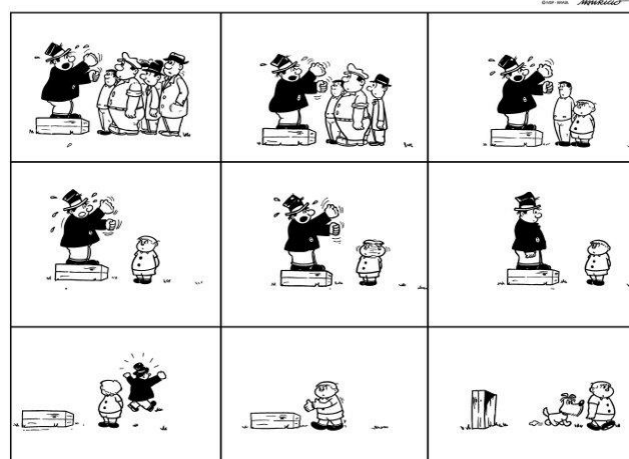
⁵⁸ *Semana Suzette* é o nome de um seminário para meninas ricas da França, no ano de 1905.

⁵⁹ Fazer quadrinhos neste período exigia muito investimento e oportunidades de espaço nos meios de comunicação, o que acirrava uma competição entre os autores e editores, fazendo com que muitas histórias não atingissem sua independência.

Maurício Araújo de Souza⁶⁰, cartunista, sempre teve interesse por gibis quando era pequeno, e incentivado por sua mãe a ler as histórias em quadrinhos, jamais imaginou que no ano de 1959 criaria os personagens mais famosos do Brasil, tendo sua primeira tira publicada no jornal Folha de São Paulo com personagens o cão Bidu e Franjinha, surgindo anos depois (1963) a Turma da Mônica⁶¹.

Com produções cada vez mais ricas em detalhes e voltadas para o público infanto-juvenil, a distribuição nacional de HQ's centralizadas principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo ficou cada vez mais populares entre os leitores, o que estimulou a “febre” por coleção de gibis, ganhando *status* elitista, assim, apenas pessoas de classe média alta tinham condições de adquirir exemplares para serem denominados colecionadores de histórias em quadrinhos.

Imagem 07 - Primeira Tira publicada por Maurício de Sousa, 1959



Fonte: recreio.uol

É inegável a relevância da marca em vários segmentos do entretenimento. Seu uso, além de comercial, tem a função informativo-educativa, com linguagem simples, razão pela qual as produções fazem sucesso em diferentes idades e por várias partes do mundo, com traduções na língua local de vendas.

As histórias em quadrinhos são produzidas e lidas, principalmente, por razões educativas e de divertimento e, geralmente são classificadas de acordo com sua função primária (entretenimento x instrução). Muitos quadrinhos

⁶⁰ No dia 27 de outubro de 1935, nascia em Santa Isabel – São Paulo um menino que se tornaria referência de produção nacional e internacional de materiais brasileiros para o mercado gráfico de histórias em quadrinhos.

⁶¹ A personagem Mônica tinha papel coadjuvante ao de Cebolinha, sendo sua criação um pedido dos leitores para ter a presença feminina nas histórias.

pertencem aos gêneros narrativos e fictícios, porém uma variedade de gêneros instrutivos e educativos são produzidos em diferentes partes do mundo, para diferentes idades e leitores. (ZANETTI, 2008, p. 06).

O nome Mônica e a sua Turma foram modificados para Turma da Mônica como uma estratégia para alocar mais personagens aos longos dos anos, introduzir temas que eram até então pouco explorados por alguns cartunistas. Em suas HQ's foram inseridos temas como amizade, família, escola, estudo, comida, lazer, roça, saúde, animais, respeito, cuidando do mundo, preconceito, religião, acessibilidade, saneamento básico, meio ambiente, justiça, Estatuto da Criança e do Adolescente (referência à Lei n. 8.069/90), Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741/2003), etc.

Em 2007 a *Panini Comic*⁶² se edifica como a Editora responsável pela publicação, comercialização nacional e internacional das HQ's, e no ano de 2009, decidido traduzir suas publicações para alguns países hispanohablantes, as revistas que eram vendidas sob o título *Mónica y Su Pandilla*⁶³, foram modificadas em maio de 2015 para *Mónica y Sus Amigos*⁶⁴, com receito de causar confusão quanto ao seu significado, porém, ainda é possível encontrar a utilização do vocábulo em títulos narrativos.

Segundo a Real Academia Española - RAE o termo *pandilla* pode ter os seguintes significados:

- Pandilla*: 1. Grupo de amigos que unem para se divertir;
2. Grupo de pessoas que se associam com fins criminosos ou fraudulentos;

A tradução de *pandilla* apresenta referências que encaminham à dúbias interpretações, mesmo que a intenção inicial do título seja o silogismo a um grupo de amigos que se reúnem por uma relação de amizade, porém, os leitores seguiam para a tradução que aludia à violência em grupo, embora algumas narrativas ainda utilizem a denominação.

O processo de tradução não é tão simples quanto parece, pois, traduzir um texto vai além de interpretar signos verbais ou não verbais, e sim, a interpretação de sistemas culturais num

⁶² É uma editora italiana de histórias em quadrinhos pertencente ao grupo editorial Panini que tem como materiais de divulgação, por exemplo, os títulos da Marvel. Editora Multinacional especializada em divulgação e comercialização de HQ.

⁶³ Mônica e sua gangue.

⁶⁴ Mônica e seus amigos.

determinado tempo e espaço, cujo resultado deve refletir o mais próximo possível da contextualização da língua-alvo. Para Polchlopek (2008) a tradução é concebida como um processo de comunicação intercultural que reúne alguns elementos básicos. São eles:

(...) A tradução é uma ação, uma situação comunicativa inserida num contexto de situação real. (...) todo texto traduzido ou não tem uma função, e a função do texto só é realizada a partir do momento de sua recepção pelo destinatário, o que significa que todo texto é prospectivo, voltado ao leitor final, na língua de chegada. (POLCHLOPEK, 2008, p. 67).

O desenvolvimento de uma tradução em uma obra clássica é mais fácil de documentar em diferentes idiomas à outras obras que contenham imagens, contextos de humor e variações lexicais igual ou próximas em outro idioma, sendo estas últimas a armadilha para muitos tradutores, pois, segundo Soares (2005) ao tratar de línguas próximas ou irmãs como é o caso do português e do espanhol, a semelhança gráfica deste tipo de léxico é um dos pontos que confunde o leitor, tende a traduzir para sua língua de conhecimento, o que pode ocasionar uma interpretação errônea das palavras em uma situação de comodidade/facilidade.

As HQ que são comercializadas em língua espanhola como *Mónica y Sus Amigos* é traduzido por uma tradutora chamada Sandra M. Dolinsky. Esta tradutora tem mais de 20 anos de experiência na prestação de serviços de tradução, revisão de textos em todas as etapas (detecção de erros gráficos, ortográficos, estruturais e de conteúdo), edição, redação e lexicografia, e conta com mais de 400 trabalhos já traduzidos e com profundo domínio da língua espanhola.

Finalizado a etapa de tradução da língua correspondente, a HQ é transferida para o setor de supervisão de roteiros, onde o Maurício de Sousa e sua equipe ajustam as falas às imagens e verificam se a mensagem segue o mesmo sentido a obra original, finalizando tão somente sob sua supervisão geral e dos membros da Academia Paulista de Letras⁶⁵.

Deste modo, em cada língua estrangeira que o material será divulgado existe um profissional especializado no processo de tradução, cuja atividade não se limita apenas a uma mudança de língua, mas a capacidade de traduzir emoções, sons, sentidos, humor e, principalmente, a preservação da cultura de um povo.

⁶⁵ Fundada em 1986 por Luiz Schwarcz e Lilia Moritz, a editora surgiu com foco original em literatura, mantendo atenção à qualidade dos textos, das traduções e de todos os processos de edição, reunindo em 2015 os mais célebres artistas brasileiros após se tornar o Grupo Companhia das Letras.

O que chama atenção nas produções de Maurício de Sousa é a qualidade do material e as suas imagens que são distribuídas propositalmente pela linguagem estética que combina elementos textuais e imagéticos, apresentando um encadeamento de quadros na construção de narrativas, criando conexões de tempo e espaço logicamente coerentes com o conteúdo proposto, fazendo cada elemento presente sua importância para uma produção global desta arte.

A linguagem estética é um organismo regido pela valorização de elementos que exprimem sentidos, interconexões observacionais entre o que é exposto pelo autor e o que é inferido no campo da subjetividade pelo leitor, permitindo analisar a arte sob diferentes perspectivas: pragmática (cognitiva), simbolista, naturalista (referencial), formalista (poética), interativa (lúdica), crítica, emotiva e apelativa.

Não nos cabe adentrar na exegese da teorização sobre o que é, o que pode ou não ser considerado arte, uma vez que seu conceito vem se expandindo ao longo dos anos, agregando novos atributos, alargando a visão estética e social sobre sua expressão. Sabe-se que a HQ tem sua identidade reconhecida como arte, e sua constituição é planejada sob ritmos, sons, significados, simbologia, e tantos outros sentidos expressos ao longo das páginas de um gibi que merecem ser reconhecidos.

Luyten (1985) pesquisadora sobre histórias em quadrinhos convida os leitores de gibis a transcenderem sua visão para além do texto, a observar que os elementos estão apresentados no material impresso ou digital por algum motivo, a começar pela capa.

A primeira informação que o leitor tem acesso está nela, a capa da arte, sendo a apresentação prévia do idioma que será lido, da primeira narrativa a ser contada logo em seguida, os personagens principais, os elementos visuais que serão encontrados nas próximas páginas e, o principal, o título da história.

Destaca-se que o primeiro quadrado da história é sempre apresentado em tamanho maior que os outros para dar ênfase ao ambiente que os personagens vão atuar.

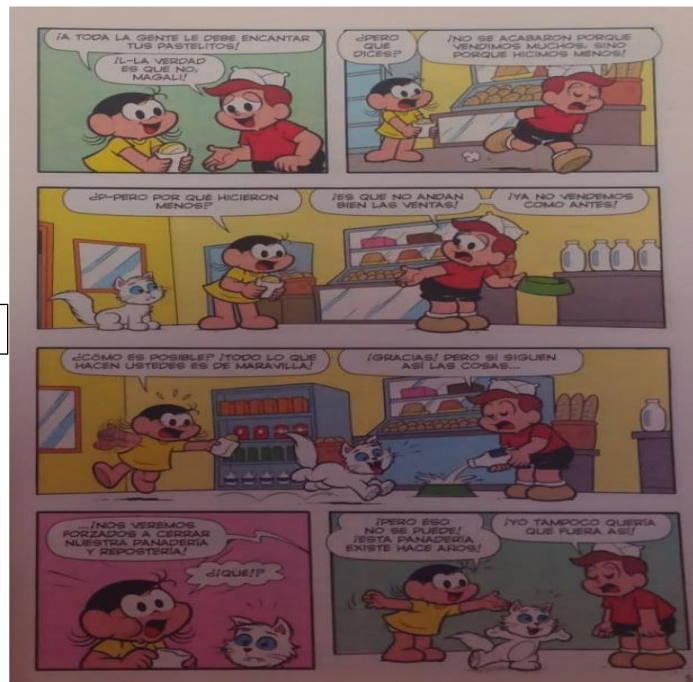
Imagem 08 - Capa e Primeiro quadrinho da história



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos. Los pasteles del señor Borón*. 2020

Os quadrados são de tamanhos diferentes, com espaço entre eles estrategicamente planejados, as cores ao fundo são alternadas entre um bloco e outro, elementos de traços próximo dos personagens e seus objetos, tudo isso para dar sentido de ação de movimentação da narrativa.

A percepção destes recursos faz do leitor um ser participativo e acontece tão rápido que sua mente nem percebe que está recebendo a informação e ao mesmo tempo fazendo parte da montagem, isso tudo por prazer.

Imagem 09 - Trecho da história *Los pasteles del señor Borón*

Fundo diversificado

Movimento das mãos (riscos)

Espaço entre quadros

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos. Los pasteles del señor Borón*. 2020

A HQ tem outra característica marcante que é a imagem. Não é apenas pelo texto narrativo que se constrói a história, a imagem nos quadrinhos conta algo para seus leitores, cada vinheta tem sua função narrativa, principalmente quando ausente de diálogos e legendas, o que são chamados de recordatório ou texto em off.

O uso do texto em off é uma estratégia interessante e provocativa para os leitores, compartilhando destaque e influência sobre os significados que devem ou esperam que sejam inferidos por quem dela leia, e sua isso acontece por contribuições expressivas dos personagens, os objetos, lugares, ou pelas onomatopeias⁶⁶.

Compondo o construto investigativo deste trabalho, aduzo no próximo tópico os principais dados sobre os Falsos Amigos aos quais busco relacionar os Gibis ao tema Falsos Amigos.

2.4. Falsos Amigos

O estudo dos Falsos Amigos é um fenômeno de investigação que ecoa controvérsias terminológicas e de exemplos que possam definir a exegese da pesquisa, contudo, há registro de nomenclatura apresentada por Maxime Koessler e Jules Derocquigny, no ano de 1928, no livro *Les Faux – Amis*⁶⁷, para denominar vocábulos de duas línguas muito iguais ou parecidas, mas que se diferenciam, inclusive, de modo considerável, no significado e uso.

Esta perspicuidade foi primeiro relacionada à língua francesa, traduzida à olhos nus, sempre primando por manter a cautela e a criticidade ao que é falso, para não ultrapassar a barreira da comédia, tradução e contexto de uso. Para estes autores, a deturpação era a falta de respeito erigida por infecções malignas que desnaturava a língua, capaz de envenenar, e, execravelmente, tornar um hábito viciante por quem não tivesse controle, sendo veemente o entendimento até aos dias atuais, onde a incorporação de vocabulários iguais ou parecidos de outros idiomas despi o purismo da língua francesa.

⁶⁶ A onomatopeia (ou mimologia), embora seja um texto escrito, tem a função de reproduzir diferentes tipos de sons, seja comendo algo, sentindo dor, ruídos de animais, barulho de ações produzidas pelos personagens, etc., sendo consideradas figuras de som ou de harmonia (com a narrativa).

⁶⁷ Falsos amigos. Importante destacar que o termo referido não é comumente citado em dicionários franceses, com exceções aos *Trésor de la langue française* (Tesouro da língua francesa) e do *Le Petit Robert* (O pequeno Roberto). São dicionários bastante conhecidos, sendo o Tesouro da língua Francesa agora digitalizado, supervisionado pela *Université de Lorraine* (Universidade de Lorena), disponibilizando mais de 95.000 mil palavras em francês, sendo um diferencial para a base de dados, a referência às primeiras origens de palavras conhecidas em obras respeitáveis. Portanto, para Campenhoudt (2003) a Linguística Aplicada – LA traz este termo à destaque particularmente difundido na aprendizagem do inglês para falantes franceses, e depois, expandida para outras análises entre idiomas.

A respeito, Prado (1989, p. 653) reconta:

Desde que Maxime Koessler e Jules Derocquigny publicaram a *Lex Faux Amis* em 1928, a expressão falsos amigo é usada para denominar os vocabulários de duas línguas que são iguais ou muito parecidas, mas que se diferem a vezes consideravelmente em seu significado ou uso. Estes falsos amigos são extremamente traiçoeiros porque à primeira vista parecem ser uma grande ajuda por sua similaridade ortográfica, mas a realidade faz mais árdua a tarefa de professores, estudantes e tradutores. (PRADO, 1989, p.653).

Estes conceitos transpuseram fundamentos aplicáveis à outros idiomas, como o português e espanhol, que compartilhem de muitas proximidades estilísticas, apresentam vocabulários considerados semelhantes ou próximos, que, se por um lado, insinuam-se como aparato de amigabilidade, e portanto, são vistos como facilitadoras de compreensão entre estas duas línguas, por outro, causam bastante confusão por uma leitura desatenta, sentidos contraditórios, sendo mais frequentes do que se possam imaginar, principalmente quando não é conseguido captar a ideia central da mensagem.

O falso amigo é aquele signo que, geralmente pelo efeito de partilha de uma mesma etimologia, tem uma estrutura externa muito semelhante ou equivalente à de outro signo numa segunda língua, cujo sentido é completamente diferente fazendo com que as formas ou aparências levem o falante a estabelecer significados intuitivos/aparentes, acreditando numa relação de amizade semântica falsa. (CASTELEIRO, 2007, p. 03)

Alguns pesquisadores trazem a debate seus conceitos sobre o tema, como Bugueño Miranda (2008), ao depreender que a nomenclatura de Falsos Amigos é neutra, justamente para designar duas unidades lexicais entre línguas convergentes fonológica total ou parcial, porém, em seu significado, divergem na mesma proporção.

Ceolin (2003) afirma seu conceito a partir da afinidade de duas línguas, o que determina sua quantidade de Falsos Amigos, assim sendo, quanto mais próximas são, como é o caso português – espanhol, mais elementos característicos evidenciarão, e Alves (2002) explica que a conceituação não é científica, porém, difundida em livros didáticos que abordam de maneira pitoresca o tema, uma leve armadilha.

Álvarez LUGRÍZ (1997) chama atenção para a paridade que é apresentada por diferentes autores a partir da semelhança formal dos vocabulários e seus significados diferentes, mas esquecem que este estudo não ocorre somente entre línguas etimologicamente próximas, mas pela imposição de estruturas da língua materna sobreposta à outra, como a palavra *push*, que traduzida do idioma inglês para o português significa empurre, e não puxe (puxar). Assim, Falsos Amigos, não é um conteúdo apenas importante, mas significativo em sua tradução.

Os falsos amigos (uma forma bem conhecida com significado estranho) são vistos como uma anomalia; a coincidência linguística (...) opta por se reafirmar com um pensamento do tipo "as coisas são como eu as conheço e como eu as vejo". Portanto, para esta autora, o autoengano supõe um mecanismo de defesa e autoafirmação contra um elemento que vem desestabilizar o conhecimento linguístico do falante (ÁLVAREZ LUGRÍZ, 1997, p.72).

Para compreender melhor esse fenômeno, averigua-se a definição da palavra falso nos dicionários Priberam (português) e RAE (espanhol):

- Priberam: FALSO

1. Não verdadeiro; não verídico.
2. Fingido, simulado. ≠ AUTÊNTICO, SINCERO, VERDADEIRO
3. Enganoso; mentiroso.
4. Desleal, traidor.
5. Que foi alvo de falsificação ou de corrupção. = ADULTERADO, FALSIFICADO
6. Suposto, que não é o que diz verdade.
7. Que ou quem mostra algo que não corresponde àquilo que pensa ou sente.

- RAE: FALSO ⁶⁸

1. adj. Fingido ou simulado. *Sorriso falso.*
2. adj. Incerto e contrário à verdade. *_ namoro falso. Argumentos falsos.*
3. adj. Dito de uma pessoa: que mente ou não mostra o que realmente pensa ou sente.

Se adentrarmos no sentido da palavra falso, percebemos que é relativo a algo/alguém em que não podemos confiar, ainda que apareça ser amigável e que compartilhe de interesses

⁶⁸ 1. adj. Fingido o simulado. *Sonrisa falsa.* 2. Adj. Incierto y contrario a la verdad. *Citas falsas. Argumentos falsos.* 3. adj. Dicho de una persona: *Que miente o que no manifesta lo que realmente piensa o siente.*

em comum. Nesse sentido, Falsos Amigos é um termo coloquial, congênere, que protagoniza várias categorias de investigação, sendo os mais citados nos estudos pela perspectiva total e parcial, acarretando frisar que é um campo de investigação e definição subjetivo, onde os pesquisadores/investigadores elencam palavras e abstrações que corroboram significativamente para o seu trabalho e futuras pesquisas, havendo ou não consenso sobre a variedade lexical e a correspondência de significados, o que estabelece uma relação semântica traiçoeira.

Ao primeiro contato com a temática, os estudo de Falsos Amigos não é um conteúdo que ganha notório destaque nas aulas de línguas, unidade capitular de um livro, ou o próprio reconhecimento por parte de alguns pesquisadores/professores, considerando ínfimas as suas interferências lexicais em uma comunicação, o que para Debyser (1970), a lista de Falsos Amigos se mostram apenas divertidas, mas são pequenas dentro de um sistema léxico, não fomentando graves preocupações ou de interferências significativas na prática.

Esta perspectiva de interpretação corrobora a importância deste trabalho a partir das histórias da *Mónica y sus amigos*, por ser comum a recorrência estratégica de estrangeiros à língua materna quando tentam resolver alguns problemas de interpretação ou comunicação, o que reforça a ideia de que, embora, os Falsos Amigos apresentam-se em tamanho reduzido dentro do sistema léxico, é muito comum a insurgência dos erros por uma simples questão de adequação vocabular, e não pelo quantitativo em que é apresentado.

Para Falsos Amigos totais, entendemos que os significantes são iguais, mas os significados são distintos, como exemplo, a palavra “presunto”.

Imagem 10- Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português e o espanhol

PORTUGUÊS	ESPAÑOL
<p>- PRESUNTO</p> <p>1. Perna ou espádua posterior do porco, depois de salgada e curada.</p> <p>2. [Brasil] Carne de porco, geralmente de presunto cozido, preparada para ser comida fria. = FIAMBRE</p> <p>3. [Informal] Corpo de pessoa morta, geralmente assassinada. = CADÁVER (língua popular brasileira policial pelos criminosos, termo de conotação pejorativa, de uso proibido, indo contra a moral e os bons costumes.</p>	<p>- PRESUNTO</p> <p>1. adj. supuesto. (ERA). {suposto}</p> <p>2. f. desus. Presunción, orgullo. (RAE). {presunção, orgulho}. *** PRESUNTO ≠ JAMÓN</p> <p>1. m. Pierna trasera del cerdo, curada o cocida entera. (RAE). {perna de porco, curada ou cozida inteira}.</p> <p>2. m. Carne del jamón. (RAE). {carne de presunto}.</p> <p>3. m. desus. Anca, pierna. (RAE). {quadril, perna}.</p>

E parciais, seguindo os pressupostos apresentados por Mallot (1997) ao inferir que são os vocábulos de línguas diferentes, com formas semelhantes ou suficientemente próximas capaz de assimilá-las como equivalentes, apesar de terem significados diferentes.

Imagem 11 – Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português e o espanhol

PORTUGUÊS	ESPAÑOL
<p style="text-align: center;">- HORA</p> <p>1. Período de sessenta minutos. 2. Tempo determinado. 3. Espaço breve de tempo.</p> <p style="text-align: center;">Se refere a dimensão de tempo.</p> <p style="text-align: center;">Que horas são?</p>	<p style="text-align: center;">- AHORA</p> <p>1. En este momento o en el tiempo actual. (RAE). {Neste momento ou no tempo presente}.</p> <p style="text-align: center;">É uma expressão de tempo imediato.</p> <p style="text-align: center;">Ahora voy a salir. {Agora vou sair}.</p>

Fonte: Priberam e RAE

Ruiz Mezcua (2008) busca classificar os Falsos Amigos pela perspectiva da tradução e interpretação, separando-as em duas categorias: a de maneira diferente e a de forma semelhante.

- Na maneira diferente temos os Falsos Amigos:

- Prosódicos: são compostos por expressões com formas e significados iguais, mas as sílabas tônicas são diferentes;
- Ortotipográficos: nela encontramos aspectos da tipografia, notadamente sinais de pontuação, o uso de abreviaturas ou caracteres ortográficos distintos. Por exemplo, em alguns países é comum fazer referência à primeira letra da palavra dos meses do ano em letra maiúscula, já na Espanha, por exemplo, as pessoas se expressam com a letra minúscula;
- Homônimos: ainda que tenham sua escrita e pronúncia iguais, apresentam significados diferentes, subdividindo-as em duas variações: os homógrafos, que são categorizadas em duas subdivisões, os homógrafos fonéticos e ortográficos, exemplo, *cachorro*, e os homógrafos sem semelhança fonética, exemplo, uma palavra que seja igual à uma sigla de uma Organização.

Imagem 12 – Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português/espanhol

- HOMÓFOMOS

PORTUGUÊS	ESPAÑOL
Fato / Facto	Baca / Vaca
Hesitar / Excitar	Hola/ Ola
Doze/ Doce	Rebelar / Revelar

Fonte: Priberam e RAE

- De forma semelhante temos os Falsos Amigos:

- Morfológicos ou sintáticos: são expressões com formas e sentidos parecidos ou iguais, mas quanto ao gênero número, prefixos, sufixos são diferentes;
- Semânticos: analisando seus sentidos totais ou parciais, analisando a diacronia e a historicidade;
- Situacionais ou de uso: são aquelas expressões com formas parecidas, mas que se utilizam de diferentes registros, apresentam diferentes conotações, ou mantém a frequência de uso diferente;
- Referências culturais: expressões que fazem referências aos topónimos, marcas de produtos, instituições sociais, etc.

Marrone (1990) classifica os Falsos Amigos em 04 (quatro) grupos. São eles:

- Heterossilábicos: dois vocábulos contíguos são pronunciados em dois enunciados de voz. Um exemplo é o hiato, fenômeno pelo qual duas vogais consecutivas se pronunciam em sílabas separadas, havendo as exceções da língua. Como exemplo, temos a palavra *caoba*. Quando dividida, se separa em sílabas diferentes, sendo, portanto, *ca - o - ba*.
- Heteroprosódicos: também chamadas de heterotônicas, são palavras que quando comparadas entre o português e o espanhol apresentam diferenças quanto à sílaba tônica. Por exemplo, no espanhol encontramos a sílaba tônica na vogal *e* em *academia*, já em português, a mesma palavra a sílaba tônica é encontrada na vogal *i* de *academia*. Outros exemplos a seguir:

Imagem 13 – Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português/espanhol

ESPAÑOL	PORTUGUÊS
<i><u>A</u>lguien</i>	Algu <u>e</u> m
<i>Atro<u>f</u>ia</i>	Atro <u>f</u> ia
<i>Cardi<u>a</u>co</i>	Cardi <u>a</u> co

Fonte: Priberam e RAE

- Heterogênicos: são palavras que mudam o gênero em português e em espanhol. Ou seja, se no português são masculinas, no espanhol elas podem ser apresentadas no feminino, e vice-versa, observado sempre suas exceções.

Imagem 14 – Exemplo de vocábulo de Falsos Amigos entre o português/espanhol

ESPAÑOL	PORTUGUÊS
<i>La sal</i>	O sal
<i>La leche</i>	O leite
<i>El origen</i>	A origem
<i>La nariz</i>	O nariz

Fonte: Priberam e RAE

3. METODOLOGIA

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. (CHIZZOTTI, 2005, p. 11).

Nesta seção, apresento o embasamento metodológico que fundamentou esta pesquisa, para tanto, fez-se a opção por utilizar no iter persecutório (caminho; que envolve ou que há perseguição) do seu objeto de investigação a pesquisa bibliográfica que se apoiou no método qualitativo. Os elementos discutidos nos capítulos anteriores dialogam e se complementam, coletando os excertos de falsos amigos a partir das narrativas selecionadas nas histórias em quadrinhos *Mónica y sus amigos*.

3.1.1. Pesquisa bibliográfica

A escolha desta pesquisa inicia o seu objeto de investigação pela pesquisa bibliográfica.

Fundamentamos segundo Andrade (2010) que todo tipo de investigação acadêmica passa preliminarmente pelo campo investigativo bibliográfico, seja na delimitação do tema de um trabalho, no desenvolvimento do assunto, em citações, na busca de outras referências, na reflexão dos materiais, na construção de argumentos e divergências.

Ao pesquisador cabe a função de conhecer o material que será utilizado durante o processo de escrita, delimitando claramente o seu campo de investigação, além de buscar referências teóricas que embasam os temas a serem pesquisados, pois todo estudo é fruto de um compilado de contribuições de outros autores.

Como características deste tipo de método investigativo, temos as fontes primárias, classificadas como aquelas geradas pelo próprio pesquisador a partir de suas observações acerca de um determinado material objeto da pesquisa, e como fonte secundária, ordenam-se os livros, mapas, enciclopédias, teses, publicações, etc., com os conhecimentos materializados por outros autores.

Não é possível dissociar uma pesquisa primária sem o suporte das fontes secundárias, pois toda espécie de pesquisa, em qualquer área de saber, requer o estabelecimento do estado investigativo e suportes teóricos que sirvam de alicerce para tentar responder alguma questão específica que poderá ou não ser concretizada ao final do trabalho.

Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer a maneira de atividade exploratória, quer para o estabelecimento de status quaestionis, quer para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa (RUIZ, 2009, p. 57)

Para esta dissertação, preliminarmente foi realizada a busca de referências e suas publicações relacionadas ao tema geral de Falsos Amigos em pesquisas, livros, artigos, dissertações e teses, a fim de evidenciar ou determinar diferenças, estabelecer diálogos teóricos, e reformular conceitos, destacando-se os autores Soares Alves (2005), Durão (2014), Guedes Costa (2016) como referências nas buscas realizadas.

Em seguida, analisar o instrumento de investigação de escolha desta pesquisadora, os gibis *Mónica y sus amigos*, a partir da experiência observacional vivida em uma escola particular do Distrito Federal - DF, onde as crianças apresentaram desinteresse pelo estudo da língua espanhola, dúvidas sobre as palavras que conheciam em sua língua materna ou pareciam semelhantes (para elas, a mudança estava na substituição de algumas letras, o que creditava ter o mesmo significado, ainda que em idiomas diferentes).

A acessibilidade de aquisição deste material para a maioria dos alunos era possível, mas a escola primava pelo uso do livro obrigatório, o que ensejou a compra por ação própria por esta pesquisadora, e que posteriormente seria apresentado aos alunos.

Em decorrência da pandemia da Covid -19, as aulas de espanhol foram suspensas no ensino remoto, por questões institucionais acerca do que seria considerado prioridade de disciplinas, e a pesquisa seguiu a perspectiva de investigação para a análise do material, uma vez que não foram encontrados estudos que tratassem especificamente sobre Falsos Amigos nos gibis *Mónica y sus amigos*, corroborando a relevância e aprimoramentos deste trabalho para os próximos pesquisadores.

Os gibis foram adquiridos no *site* panini.com, que é uma editora italiana de histórias em quadrinhos pertencente ao grupo Panini, responsável pela divulgação de materiais da Disney, Planet Manga, Star Wars, Marvel, DC e os da Editora Maurício de Sousa.

Os gibis selecionados foram os seguintes:

- *Mónica y sus amigos: una gran yincana*. Ed. 46, Brasil, 2019.
- *Mónica y sus amigos: cuidado con el tiburón*. Ed. 47, Brasil, 2019.
- *Mónica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror*. Ed. 48, Brasil, 2019.
- *Mónica y sus amigos: nosotros, robots*. Ed. 60, Brasil, 2019.
- *Mónica y sus amigos: el regalo convertidor*. Ed. 62, Brasil, 2020.
- *Mónica y sus amigos: superamigos*. Ed. 63, Brasil, 2020.
- *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Ed. 64, Brasil, 2020.
- *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor Borón*. Ed. 67, Brasil, 2020.

Para a coleta dos dados entre as 08 (oito) edições dos anos de 2019 e 2020 adquiridas conforme a disponibilidade de vendas no *site*, foi realizada uma leitura de todas as narrativas sob N° de cada edição, e elegida a história que ofertasse o maior número de *corpus* para análise, sem mencionar as repetições das palavras.

Apresentamos em cada edição analisada o total de Falsos Amigos entendidos pela pesquisadora, ainda que este não seja o objetivo central do trabalho, mas como elemento de acréscimo informativo para o leitor. Assim, entre as 08 (oito) edições e suas 75 (setenta e cinco) histórias, identificamos, segundo os critérios semelhança lexical português – espanhol, 76 (setenta e seis) exemplos de Falsos Amigos, incluindo os termos repetidos, e destes, 34 (trinta e quatro) foram explicados.

Buscamos contato por diversos meios de comunicação com a Editora Panini e a Produção Maurício de Sousa para a coleta de dados que pudessem corroborar com o trabalho e debate dos Falsos Amigos nos gibis comercializados, mas não obtivemos respostas.

O embasamento em uma pesquisa bibliográfica, segundo Ludke (1986), direciona-se como um instrumento eficaz na abordagem dos dados pelo método qualitativo, seja por direcionar com mais precisão os objetivos da pesquisa, como por também viabilizar um novo sujeito investigador em um caminho até então desconhecido. Para o autor, existem ainda outras vantagens em percorrer uma pesquisa por este método. São eles:

(...) constituem-se também como uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador, além de representarem mais uma fonte 'natural' de informação (LUDKE, 1986, p. 33).

3.1.2. Método qualitativo

Para González Rey (2011) a epistemologia qualitativa tem em sua essência fundamental a base de conhecimento como fruto da construção humana, a qual pode ser correlacionada a uma elaboração de uma epistemologia da resposta. Nela, o conhecimento pode ser compreendido como uma produção instrutiva e dedutiva, fruto da apreciação dos sentidos do pesquisador, onde a concepção de que o acesso ilimitado e fidedigno ao que se espera será alcançado ao final da pesquisa, de fato poderá não ocorrer.

(...) a pesquisa qualitativa se define e se redefine no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de forma constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.79).

Entre a perspectiva da epistemologia qualitativa e outros ramos de pesquisa epistemológicas, a inerência entre as análises interpretativas e as construtivas caminham para a compreensão do objeto que se constitui pela subjetividade, além de ter a base do conhecimento como um processo dialógico.

Pelo caráter construtivista-interpretativo, o conhecimento é uma construção humana em processo, ao qual se legitima em sua capacidade de possibilitar novas descobertas no campo de investigação, e a única tranquilidade que o pesquisador tem é a capacidade de confrontar seu pensamento com a multiplicidade de ocorrências que coexistem durante seu processo investigativo.

Nesta conjectura não há motivos para aplicações de questionários que geram dados numéricos ou gráficos, e sim, a leveza interpretativa com a qual o pesquisador terá que se utilizar para analisar a realidade que recai o objeto da pesquisa, pois a realidade não é posta, ela é apresentada, e suas conclusões são provenientes do momento em que são praticadas, estimuladas, geradas.

Nos ensinamentos Demo (1998) toda pesquisa precisa ter o elemento discutibilidade, pois um discurso só é científico se for discutível, se assim não o for, se torna um dogma, e o material observado tem que ser um argumento aberto, de modo que o discurso seja bem feito, metodologicamente correto, teoricamente consistente, com validade política, pois nem sempre o que é lógico, vale.

Conclui-se, portanto, que o apoio ao método qualitativo perpassa na escolha adequada de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas,

nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

Como os gibis não foram produzidos exclusivamente para o ensino de Falsos Amigos, esquadramos os materiais escolhidos com o objetivo de identificar a presença destes vocábulos contrastivos ao qual possibilitariam a comparação entre as duas línguas: o português e a língua meta de tradução, o espanhol.

Tomamos como base de pesquisa os dicionários *on-line* de língua espanhola (Real Academia de Língua Espanhola – DRAE)⁶⁹ e o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)⁷⁰ para melhor análise das acepções das palavras. Foram escolhidos esses dicionários pensando, sobretudo, em sua viabilidade.⁷¹

Neste estudo com o uso dos gibis, optamos por destacar as palavras com grafia parcial ou total comparadas às línguas espanhola e portuguesa, além de contar com o destaque para situações em que o texto imagético funcionasse como um elemento elucidativo (em alguns momentos complicador) quanto ao significado do termo considerado falso amigo, excluindo possíveis subclassificações, como também as palavras utilizadas pelo personagem Cebolinha que de forma “proposital” troca a letra **r** pela letra **l**, de modo a não criar falsos amigos por indução.

Parte-se, portanto, à exposição do levantamento léxico realizado, bom como da análise desses vocábulos encontrados e comparados entre as duas línguas. Vale a pena ressaltar que esse trabalho contrastivo, ao realizar a comparação entre os dois idiomas, exige o conhecimento de um nível mais avançado e profundo de ambas as línguas para possibilitar, por fim, a detecção analítica dos elementos que podem ocasionar as confusões semânticas ou mesmo o desconhecimento de um significado enganoso.

⁶⁹ É o dicionário normativo mais amplo do Castellano, sendo sua primeira edição no ano de 1780.

⁷⁰ O dicionário Priberam está elencado entre os 10 (dez) melhores sites de pesquisa on-line do ano de 2023, pela Mybest Brasil, em nível de popularidade, confiabilidade e gratuidade.

⁷¹ Primamos pela escolha destes dois dicionários, não excluindo outros que foram citadas suas fontes.

4. “MÓNICA Y SUS AMIGOS” FALSOS. – ANÁLISE DOS FALSOS AMIGOS DESCOBERTOS NOS GIBIS

Sendo o instrumento de investigação os gibis *Mónica y sus amigos*, a análise dos dados não tem a pretensão de caucionar que todos os materiais deste segmento serão fontes indubitáveis para a aprendizagem dos falsos amigos, visto que o seu préstimo resultará de fatores definidos por quem dele se utiliza.

Seguindo as ideias apresentadas quanto a categorização dos Falsos Amigos, selecionamos 08 (oito) gibis de publicações entre os anos de 2019 e 2020, após leitura de todo o material, escolhendo uma história que possibilite a coleta dos exemplos de Falsos Amigos, não se limitando em uma única edição, para não suscitar objeções que a pretensa unidade foi produzida para expender a temática investigada.

Importante ressaltar que o material observado possibilita argumentações abertas, ou seja, a habilidade interpretativa deve ser estimulada, valendo-se dos elementos visuais e demais fontes de informação, pois, embora muitas palavras sejam de conhecimento do campo da tradução, outras, podem ser inferidas erroneamente a partir do prévio conhecimento/semelhança fonética e ortográfica pela perspectiva da língua materna. Portanto, estas e outras possíveis indagações fazem do tema Falsos Amigos um desafio interessante na aprendizagem da língua espanhola, no estudo e na investigação do tema.

Imagem 15 e fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46



- **História selecionada:** *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*⁷²
- **Edição:** n° 46
- **Ano de publicação:** 2019
- **N° histórias:** 09 (nove)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 11 (onze)
- **N° de Falsos Amigos da edição 46:** 14 (catorze)

⁷² Cascão e sua turma na grande gincana.

Imagem 16 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 04

A narrativa está centralizada em uma colônia de férias onde o pai do Cascão está trabalhando como o monitor de planejamento das atividades para serem disputadas em duplas pelas crianças. O que parecia ser um momento de descontração, desperta a rivalidade entre o Cebolinha e a Mônica *versus* o Cascão e a Denise, que a todo momento tentam provar que são os melhores nas atividades, burlando as provas e enganando os outros competidores, porém, no fim, todos os truques postos em prática são descobertos, ninguém ganha o primeiro lugar nas gincanas, e o que parecia ser um fim para a competitividade das crianças, recomeça quando descobrem que a última prova seria de quem organiza a mala de viagem mais rápido para ir embora da colônia.

Imagem 17 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 06

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição nº 46

OSO (español)

OSSO (português)

Urso	Parte dura de um corpo vertebrado
------	-----------------------------------

Oso (espanhol) é a primeiro Falso Amigo selecionado para análise, com grafia semelhante ao vocábulo *osso* (português). Casualmente, em uma leitura desatenta, é possível cair em duas armadilhas: a primeira, a partir da transferência da língua materna, inferir que o significado de *osso* (parte dura de um ser vertebrado) e *oso* (urso) são equivalentes, diante da proximidade gráfica em que é visualizada, e a segunda, em não observar que o termo *oso* está correlacionado à palavra *hormiguero* (formigueiro), juntas, elas significam tamanduá. Assim, a literalidade do que o Cebolinha expressou é que o barulho provocado pelo monitor parecia ao de um tamanduá, e não a de um urso em um formigueiro, ou de um osso, quando interpretado

a palavra isoladamente. Um notável exemplo de que os Falsos Amigos não são insignificantes em um texto, diálogo, comunicação, interpretação, etc.

Imagem 18 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 07



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

NIÑOS (español)

NINHOS (português)

<p>Criança Relacionado ao termo infância Menino</p>	<p>Estrutura ou abrigo de aves</p>
---	------------------------------------

Niños é um vocábulo frequente nas histórias *Mónica y sus amigos*, tendo os elementos imagéticos que possibilitam inferir, a depender do nível de proficiência no idioma espanhol ou do espaço em que os fatos acontecem, que o personagem direciona sua fala a um público em geral, de núcleo infantil, ou seja, a todas as crianças. Deste modo, *niños* faz acepção ao termo crianças, porém, se não houvesse personagens femininas, o sentido estaria mais específico aos meninos, que subjetivamente pode ser controvertido pelo leitor. Embora, os fonemas *niños* e *ninhos* sejam equivalentes, a predominância das imagens sugestiona o sentido que a narrativa se propôs, o que poderia ser mais difícil de compreender se os fatos apresentados tivessem pássaros e crianças reunidas, levando à confusão de *niños* e *ninhos*.

Imagem 19 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 08

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

MOLA (español)

“da hora”
 “irado”
 “curtir”
 “gostar muito”
 “adorar”

MOLA (português)

Objeto metálico ou de plástico que imprime movimento/balança/impulso para voltar ao estado anterior
 “trabalha”
 “bobo”
 “tonto”
 “atrapalha”
 “perturba”

Neste quadrinho, o vocábulo *mola* é encontrado com a mesma forma ortográfica em português, mas sua aceção faz referência a situações distintas. Esta expressão *mola* é uma gíria tipicamente utilizada na Espanha, principalmente pelo público mais jovem para referir-se a coisas que lhe agradam, mais especificamente, relacionando o sentido de “da hora”, “irado”, “curtir”, “adorar” etc. Na língua portuguesa, a expressão se refere a uma peça que imprime movimento/balanço, que mantém elasticidade, e pela perspectiva informal, usa-se a gíria *mola* para referir-se a várias aceções: atrapalhar, perturbar, trabalhar, bobo, tonto, etc⁷³. Pelo contexto da fala da Magali, poderia ser inferida várias percepções para *mola*, mas a literalidade só seria possível se conhecesse o sentido deste fenômeno linguístico informal.

Imagem 20 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 10

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

⁷³ O significado pode variar diante do regionalismo, cada local utiliza de expressões e significados distintos.

AHORA (español)

HORA (português/español)

Agora	Hora (horário) Tempo determinado
-------	-------------------------------------

Nesta imagem temos o vocábulo *ahora* (agora). Na língua portuguesa temos as expressões *hora* e *ora*: enquanto a primeira segue a interpretação de horário, tempo determinado, etc., a segunda, *ora*, fornece semelhança de significado ao apresentado no espanhol: neste momento (agora), podendo, também, ser utilizado para exprimir acréscimo de algo que foi dito (ex. *ora*, depois disto, só posso desistir de comprar o carro).

A palavra *ahora* assemelha mais ao termo *hora* em português, do que ao vocábulo *ora*, sendo talvez até de pouco conhecimento o seu sentido de *agora*, mas ainda que a tradução seja equivocada, não haveria grande interferência de compreensão da mensagem final, contudo, seria deselegante utilizar um vocábulo com outro sentido apenas por ser similar, porém, incorreto.

Imagem 21 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 14



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

PEPINO (español)

PEPINO (português)

Fruto (pepino) “não ligar” “coisa insignificante” “nenhum valor” “não dar a mínima”	Fruto (pepino) “algo complicado” “problema” “confusão”
---	---

COMPETENCIA (español)

COMPETÊNCIA (português)

Disputa ou contenda entre duas ou mais pessoas sobre algo Competição desportiva Pessoa ou grupo rival	Capacidade (aptidão) Atribuição
---	------------------------------------

Pepino é um vocábulo encontrado em espanhol e em português, de extensão simbólica referente ao fruto do pepino, mas como em toda língua, existe locuções que externam mais sentidos que o próprio de origem, como este que é uma gíria. Na frase da personagem Denise, o termo *pepino* traz o sentido de “não dou valor algum”, e sua expressão facial demonstra que é algo referente a não dar a mínima, elemento que requer do apreciador do texto um grau de atenção.

A outra palavra selecionada é *competencia* (competição), que não está relacionado à capacidade ou atribuição, mas à disputa em si. Duas interferências simples, porém, significativas quando analisadas em contexto.

Imagem 22 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 15



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

POLVO (español)	POLVO (português)
Pó	Molusco com oito tentáculos (animal/alimento)

Polvo (pó) é um verbete que tem a mesma grafia nos idiomas português e espanhol, com pronúncias e significados diferentes. A personagem Denise grita *¡A esos dos los haré polvo!* No português, esta palavra se refere ao animal/alimento molusco, o que poderia ser interpretado como “vou fazer esses dois virarem um polvo (animal), e o sentido é “virarem pó”.

Imagem 23 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 16

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

ROJO (español)

ROXO (português)

Vermelho (cor)

Violeta (cor)

O vocábulo *rojo* (roxo) leva a deduzir o sentido empregado na língua portuguesa, de roxo (coloração violeta), porém, observados alguns elementos que foram incorporados no quadrinho, como a palavra antecessora *monos* (laços/arcs), sabendo seu significado, poderia inferir que os arcs são vermelhos, além de observar que um dos personagens foi propositalmente colocado para olhar diretamente para o objeto da cor descrita, como uma pista ou sugestão do que foi referido.

Imagem 24 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 20

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

CENAR (español)

ACENAR (português)

Jantar	Fazer acenos (cumprimentos, sinais, movimentos com alguma parte do corpo, etc.) “dar a entender” “fazer referência a” “atrair a atenção” ameaçar negar chamar
--------	---

ENCENAR (português)

Pôr em cena Organizar a encenação de uma obra artística Protagonizar alguma mímica, fala, dança, etc.

Cenar (jantar) é uma palavra próxima ao da língua portuguesa *acenar* e *encenar*, e esta sonoridade quase semelhante entre os dois idiomas facilmente provoca erros de interpretação, e conseqüentemente, de aplicabilidade. O personagem diz *ahora, a cenar* (agora, jantar), e continua *¡y canturrear canciones de campamiento alrededor de la hoguera!* (cantarolando músicas de acampamento ao redor da fogueira). Nesta proposta, o enunciado do monitor não apresenta nenhuma relação direta com as imagens, e com isso, uma interpretação descuidada permite deduzir que a fala é convidativa para a produção de mímicas, movimentos, teatrar, etc., por causa da seqüência das palavras *canturrear canciones*.

Imagem 25 - *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*, p. 20



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

BOLSA (español)

BOLSA (português)

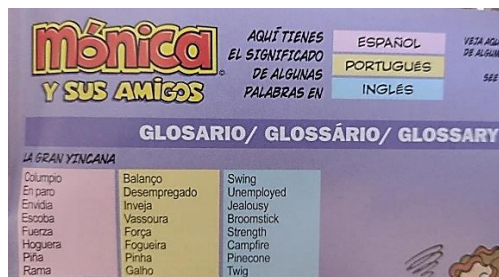
Saco/sacola	Acessório produzido a partir de diferentes materiais para carregar diferentes objetos
-------------	---

ESCOBA (español)	ESCOVA (português)
Vassoura	Utensílio para limpar dentes, etc.

Neste quadrinho, temos dois exemplos de Falsos Amigos, são eles: *bolsa* (sacola/saco) e *escoba* (vassoura). São vocábulos semelhantes à língua portuguesa quanto à ortografia e sonoridade, porém, seus significados são indutivos de acepções provocativas ao erro, porque em português, identificamos a palavra *bolsa* (acessório para carregar objetos) e *escoba* (utensílio para limpar os dentes), bem distintas do que prescrevem na língua espanhola, mas os elementos visuais disponibilizados na história contribuem com a dedução do significado produzido pelo personagem, ao menos, quanto ao que se refere à *bolsa*, e sugere a partir do cabo de vassoura com luva o que seria a *escoba*.

Observação para esta história é que o editorial apresenta um simples glossário de palavras ao final de todas as narrativas, como forma de ajudar a compreender o sentido dos vocábulos considerados “difíceis”. Lá, é possível encontrar o termo *escoba* e sua tradução para o idioma português, vassoura. Porém, no quadrinho onde a palavra é pronunciada, não há nenhum tipo de símbolo ou referência que informe ao leitor que no material existe esta possibilidade de pesquisa.

Imagem 26 - Glossário. *Cascarón y la pandilla en la gran yincana*

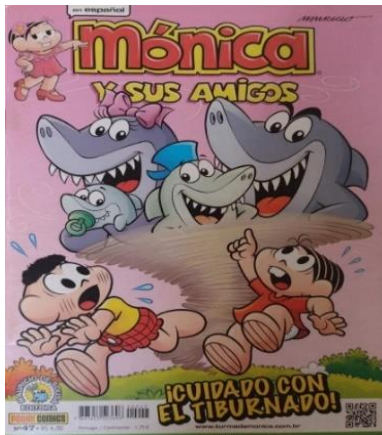


Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos*. Edição n° 46

Informações adicionais

Entre as 09 (nove) histórias apresentadas neste gibi, apenas na sexta e nonas narrativas, foram identificadas outros vocábulos que categorizam os Falsos Amigos: *raro* e *pata*, que serão explicadas mais à frente.

Imagem 27 e fonte: Gibi *¡Cuidado con el tiburnado!*. Edição n° 47



- **História selecionada:** *Carcarón y Mónica en ¡cuidado con el tiburnado!*⁷⁴
- **Edição:** n° 47
- **Ano de publicação:** 2019
- **N° histórias:** 10 (dez)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 01 (um)
- **N° de Falsos Amigos da edição 47:** 08 (oito)

Imagem 28 - *Carcarón y Mónica en ¡cuidado con el tiburnado*, p. 04



A história traz como protagonista o Cascão, onde a partir de um vento estranho avistado da janela de sua casa, o faz sair correndo de medo e se depara com uma família de tubarões “caindo” do céu por meio de um tornado, e se acomodando em sua residência como os novos proprietários. Assustado, busca ajuda na rua, esbarrando em Mônica, e juntos tentam expulsar os novos

moradores fingindo serem seus parentes tubarões, mas o plano não dá certo e Mônica resolve o problema com sua famosa “coelhada”.

Imagem 29 - *Carcarón y Mónica en ¡cuidado con el tiburnado*, p. 06



Fonte: Gibi *¡Cuidado con el tiburnado!*. Edição n° 47

⁷⁴ Cascão e Mônica em cuidado com o “Tiburnado” (Tornado de tubarão). *Tiburnado* não existe na língua espanhola, mas o autor quis fazer um trocadilho entre as palavras tubarão e tornado.

NADIE (español)	NADA (português/español)
Ninguém	Nada

A palavra *nadie* é o exemplo clássico e recorrente entre os vocábulos de Falsos Amigos. Na língua portuguesa, é possível confundir com o termo nada, sendo o seu sentido equivalente à palavra; expressão comum para referir-se à ausência total de ideias, conceitos, de não existir, ou não ser, assim como no espanhol, *nada*, segue o mesmo valor semântico.

Embora exista *nadie* e *nada* em espanhol, quem não tem o domínio do idioma, presumivelmente, inferirá o sentido de *nadie* equivalente a nada. Em uma leitura desatenta, a aplicação da frase dita pelo tubarão pai, não provocará grandes infortúnios de entendimento, mas trazendo à risca o que o pretendeu exprimir seria o local onde ele estacionou a aeronave (nave), ninguém conseguiria ver.

Informações adicionais

No glossário ao final do livro, não foi apresentado significado do termo *nadie*.

Entre as 10 (dez) histórias apresentadas, foram identificadas a repetição de exemplos da categoria analisada na quarta narrativa (*raro, nadie*), na sexta (*balón*), na sétima (*noviar*), oitava (*pelo*) e na décima (*raro e niños*), que não serão analisadas, seja por haver repetição e/ou explicação já apresentada neste capítulo.

Imagem 30 e fonte: Gibi *Mônica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror*. Edição n° 48



- **História selecionada:** *Mônica en cómo se hace una historia de horror*⁷⁵
- **Edição:** n° 48
- **Ano de publicação:** 2019
- **N° histórias:** 08 (oito)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 03 (três)
- **N° de Falsos Amigos da edição 48:** 12 (doze)

Imagem 31 - *Mônica en cómo se hace una historia de horror*, p. 04



A história apresenta o personagem Cebolinha desesperado ao passar em frente à uma casa abandonada, avistando uma menina na janela considerada morta, ficando assustado por lembrar que mais tarde iria se encontrar com a Mônica e os seus outros amigos para ver algo do gênero. Todos os convidados (Cascão, Magali e Cebolinha) aparecem na casa da Mônica relatando ter

conhecimento da menina morta, menos ela, que acredita ser mais um plano dos meninos, e tenta bater neles com o Sansão, onde coisas estranhas acontecem, até a campainha tocar e para surpresa, o Cascão e Cebolinha chegam pedindo desculpas por terem se atrasado, fazendo ela questionar tal atitude, pois a pouco eles estavam com ela, afirmando que a Magali já chegara, contudo, sua amiga vem da rua com uma panela, pedindo desculpas pelo atraso, pois estava preparando um prato para comerem durante o filme. Mônica fica espantada porque se a Magali também chega naquele instante, ela então... (vivia uma história de terror).

Imagem 32 - *Mônica en cómo se hace una historia de horror*, p. 06



Fonte: Gibi *Mônica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror*. Edição n° 48

⁷⁵ Como se faz uma história de terror

RARO (español)	RARO (português)
Esquisito Estranho Diferente	Que tem seu mérito Difícil Único Excepcional Extraordinário Original Diferente

Raro é um vocábulo idêntico ao encontrado na língua portuguesa, com significados que podem convergir, a depender da aplicação em uso, sendo a graça do texto, a capacidade interpretativa do leitor, pois Mônica questiona o Cebolinha se ele está louco, apontando as situações que havia supostamente visto, e questiona: *¿Qué tienes eso de raro?* (O que tem isso de estranho?), e, neste momento há o elemento provocativo que é adentrar no contexto que o autor propõe, o conjunto de informações apresentadas, não usurpando-se de sentidos por similaridade.

Imagem 33 - Mônica en cómo se hace una historia de horror, p. 21



Fonte: Gibi *Mônica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror*. Edição n° 48

PELO (español)	PELO (português)
Cabelo “brincadeira” “gozação” “sacanagem” “enganar” “fazer acreditar em algo que não é verdade” “pregar uma peça em você” “mentindo”	Cabelo

Neste quadrinho, a palavra *pelo* (cabelo) está justaposta a outras expressões que constroem outro sentido. A genialidade que os falsos amigos apresentam ao usufrutuário do idioma espanhol, é a possibilidade de conhecer as nuances, fluidez, necessidade de interpretação, adentrando na história e pensando como o personagem se expressam. Após o Cascão e Cebolinha informarem que hoje eles não se encontraram, Mônica utiliza a expressão *¿Me están tomando el pelo*⁷⁶?, esta frase é a verdadeira armadilha, segundo Álvarez Lugeriz (1997) que a coincidência linguística cria o mecanismo de defesa e autoafirmação contra um elemento que vem desestabilizar o conhecimento linguístico do falante.

O sentido empregado por Mônica não tem relação com “transplante de cabelo”, mas é uma expressão que costuma ser utilizada quando alguém está brincando com a pessoa (informal, de tirar sarro, de tempo), quando uma pessoa suspeita que o outro o está fazendo acreditar em algo que não é verdade, assim, sua tradução seria: me zoando, de brincadeira comigo, me enganando, mentindo.

Imagem 34 - Mônica en cómo se hace una historia de horror, p. 22



Fonte: Gibi Mônica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror. Edição n° 48

⁷⁶ A origem do uso da palavra *pelo* neste contexto, surgiu a partir de pegadinhas feitas pelos veteranos durante as funções executadas no exército, e pelo corte de cabelo que eram feitos nos novatos. (MC 360 – site injeto capilar).

PUCHA (español)	PUXA (português)
<p>Cadela Para expressar surpresa, desgosto... Puxa!</p>	<p>Expressão designativa de espanto, irritação, impaciência</p> <p>Origem etimológica:</p> <p>Espanhol <i>pucha</i>, alteração de <i>puta</i>, puta, prostituta</p>

PUTA (português)
<p>Mulher que se prostitui (meretriz, prostituta, rameira) Mulher que tem muitas relações sexuais com muitos homens</p> <p>Adjetivo de dois gêneros: Que tem qualidade, quantidade ou intensidade</p>

Este quadrinho expõe averiguações divergentes que possam caucionar ser Falso Amigo ou não, sendo uma questão subjetiva e passível de contestação, como tudo que é investigado. A tradução da palavra *pucha* pela RAE traz como acepções:

- Pucha (RAE)*
I. f. cadela.
2. interj. U. para expressar surpresa, desgosto, etc.

O portal Bab.la⁷⁷, que reúne uma equipe poliglota e multicultural, segue o mesmo sentido interjetivo proposto pela RAE, como puxa! (interjeição). No entanto, na língua portuguesa, encontramos as expressões que podem provocar confusão semântica entre puxa e puta, esta última, suscetível de conotação sexual e pejorativa, inclusive, em um estudo mais aprofundado por Rosa (2002), é um campo investigativo para a Linguística Aplicada dos Falsos Amigos de baixo-calão no par português-espanhol, contudo, há de se observar que a significação pode ou não ter na língua de saída a mesma conotação imprópria de língua de chegada.

⁷⁷ Sítio eletrônico que disponibiliza ferramenta de tradução e jogos em vários idiomas.

Putá (português) – *cadela* (*español*)
 Cadela (animal, português) – *perra* (*español*)
 Pera (fruta, português) = *pera* (*español*)

Não obstante, no Brasil, mais especificamente, no Rio Grande do Sul, é comum os habitantes utilizarem a expressão *a la pucha*⁷⁸ com a mesma grafia, fonética e semântica, em vista que o sotaque do gaúcho mantém grande influência do espanhol falado pelos vizinhos Platenses, assim, possivelmente, o que seria para os demais brasileiros um exemplo de falso amigo, para este grupo de pessoas, não seria.

Dessarte, *¡ A la pucha!* pode ser compreendida como uma locução informal utilizada para expressar surpresa ou admiração antes a uma situação. Adquire quase uma forma de interjeição, de um enunciado exclamativo, que expressa vários sentimentos e emoções.

Uma curiosidade é que a palavra *pucha*, analisada de maneira isolada pode ser utilizada como uma expressão de lamentação ou descontentamento. Por essa razão, seu uso é abrangente e pode ser encontrado em situações distintas, como aplicado na frase de Magali: *¡A la pucha! ¿Qué le pasa a Mónica?* (Puxa, o que aconteceu com a Mônica?), em uma análise isolada da palavra ou em contexto de frase, podem deduzir dois sentidos: demonstra lamentação em sua fala, quanto expressar surpresa pela situação (uma questão subjetiva de análise).

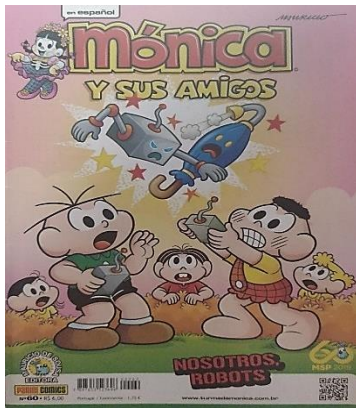
Informações adicionais

Não há no glossário alguma palavra acima citada e sua significação.

Dentre as 08 (oito) histórias, temos na segunda (*nadie*), terceira (*pesado*), quarta (*pelo, rico*), sétima (*oso, pelo*) e oitava (*niños, pelado, nadie*), seguindo o critério anteriormente apresentado.

⁷⁸ Este termo é típico da linguagem regional do gaúcho como sinônimo de *a la fresca*, para expressar espanto, surpresa e admiração.

Imagem 35 e fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: nosotros, robots*. Edição n° 60



- **História selecionada:** *Mónica y sus amigos en nosotros, robots*⁷⁹
- **Edição:** n° 60
- **Ano de publicação:** 2019
- **N° histórias:** 10 (dez)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história selecionada:** 01 (um)⁸⁰
- **N° de Falsos Amigos da edição 60:** 04 (quatro)

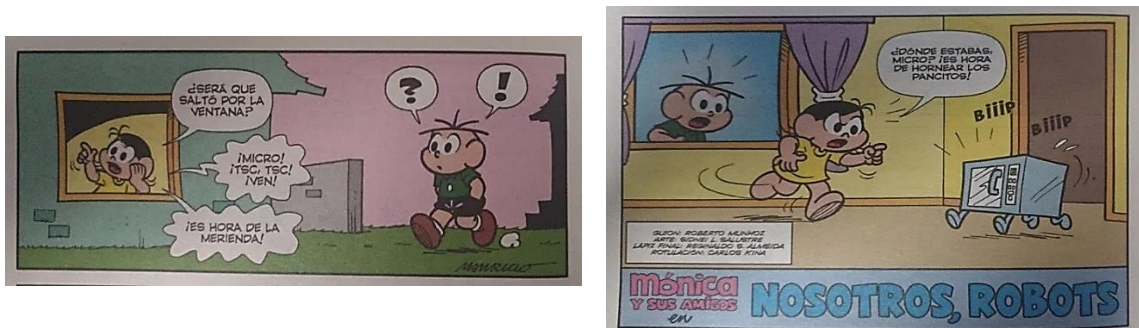
Imagem 36 - *Mónica y sus amigos en nosotros, robots*. p. 04



A narrativa desta história está centralizada entorno de objetos que se movimentam e realizam atividades 'estranhas', ou seja, que não são comuns à sua função principal, mas que a partir da programação computacional previamente projetada pelo personagem Franjinha, eles se movimentam e realizam os comandos de quem os detém sob seu poder. A personagem Mônica, por

sua vez, pediu que instalasse um sistema de segurança em seu coelhinho chamado Sansão, e quando o personagem Cebolinha tenta capturar, é surpreendido com poderes que Sansão nunca teve, e a partir daí todos os objetos que têm contato com ele, se descontrolam, até serem desligados e voltarem a exercer a função principal de cada objeto.

Imagem 37 - *Mónica y sus amigos en nosotros, robots*. p. 04



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: nosotros, robots*. Edição n° 60

⁷⁹ Mônica e seus amigos em: nós, robôs.

⁸⁰ Embora apareçam as palavras *nadie* e *balón* nesta história, não serão analisadas novamente.

HORNEAR (español)	ORNEAR (português)
Colocar algo no forno para assar Assar Cozer	Emitir zurros (barulho que o animal burro emite) Sentido figurado (coisas insensatas, asneiras, tolices)

Neste quadro temos a palavra *hornear*, muito próxima ao termo encontrado em português *ornear*, contudo, apesar de grafias aproximativas, os seus significados transpõem caminhos distintos. O leitor que não conhece o significado em espanhol, mas que tenha o conhecimento na língua portuguesa, pode, por indução, inferir o sentido principalmente pelos elementos apresentados nas imagens e pela onomatopeia⁸¹.

O que chama atenção neste exemplo é a fala da Magali *¿Dónde estabas, micro? ¡Es hora de hornear los pancitos!* (Onde você estava? É hora de assar os pães), é apresentada com os movimentos e as características que o equipamento fornece, como ter pernas e está em se deslocando. Em português, o termo *ornear* faz referência ao zurro (barulho) que o animal burro emite, e em espanhol, *hornear* significa assar.

A edição construiu um jogo estratégico com o leitor, aplicando uma frase com um sentido e as imagens com significados provocativos, exigindo uma expertise de analisar o conjunto, afinal, nesta história, os objetos não são aquilo que parecem, e sendo um leitor que conheça o sentido da palavra *ornear*, deduzirá por transferência materna o que já lhe é de conhecimento.

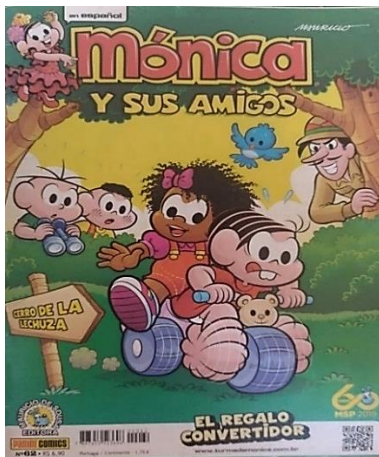
Informações adicionais

No glossário, encontra-se o significado de *hornear*.

Entre as 10 (dez) histórias apresentadas, na sexta é utilizada o vocábulo (*ninã*), já explicado em *niño*.

⁸¹ São palavras que procuram imitar aproximadamente sons e ruídos gerados por alguma ação ou aqueles emitidos por objetos, animais e fenômenos da natureza.

Imagem 38 e fonte: Gibi *Mónica y Milena: el regalo convertidor*. Edição n° 62



- **História selecionada:** *Mónica y Milena en el regalo convertidor*⁸²
- **Edição:** n° 62
- **Ano de publicação:** 2020
- **N° histórias:** 09 (nove)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 04 (quatro)
- **N° de Falsos Amigos da edição 62:** 09 (nove)

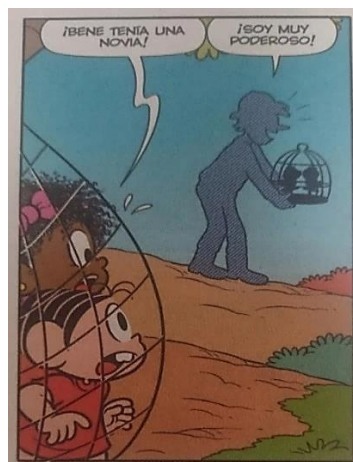
Imagem 39 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 04



A narrativa está centralizada no aniversário que Milena está preparando para si com a espera dos seus convidados logo mais tarde, mas seus planos mudam quando a campainha de sua casa toca e ela encontra um passarinho preso na gaiola. Tentando soltar o animalzinho para ser livre, muitas coisas acontecem, até descobrir que o pássaro é uma espécie muito rara e com grandes poderes, capaz de

transformar qualquer objeto a partir do desejo de alguém.

Imagem 40 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 17



Fonte: Gibi *Mónica y Milena: el regalo convertidor*. Edição n° 62

⁸² Mônica e Milena em: o presente convertido.

NOVIA (español)

NOIVA (português)

Namorada	Mulher que está prestes a se casar
----------	------------------------------------

Novia e *noiva*. São duas palavras muito próximas e passíveis de passar pelo que não é. Em português, *noiva* é a designativo para mulher que está prestes a se casar, e em espanhol, *novia* é de quantia ínfima, que induz ser igual ao significado em português, mas não é. Este vocábulo significa namorada, e *prometida* seria o termo sinônimo ao significado da palavra em português.

Imagem 41 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 21



Fonte: Gibi *Mónica y Milena: el regalo convertidor*. Edição n° 62

CAZAR (español)

CASAR (português)

Caçar (perseguir para aprisionar ou matar animais)	Unir por casamento
---	--------------------

Cazar e *casar*. Duas expressões que certamente ditas sem contexto imagético, levaria a erro de tradução. O personagem diz: *¿No sabes que cazar es prohibido?*⁸³, poderia ser inferido que o casamento não é permitido, e essa percepção seria mais por semelhança fonética e gráfica da palavra do que pela leitura da imagem, pois este exame fomenta diferenças interpretativas quando analisado a palavra isoladamente. A interpretação do texto não-verbal se efetiva pelo

⁸³ Não sabe que caçar é proibido?

recorte de vários contextos ao longo da história, assim, por já terem sido apresentados outros elementos que corroborem para o contexto apresentado, por questões explícitas imagéticas, seria mais fácil entender que *cazar* significa caçar, perseguir para aprisionar ou matar animais.

DESCABELLADO (español)	DESCABELADO (português)
Louco Maluco Absurdo Descabido Insensato Maluquice Bizarro Algo que saiu fora de ordem, concerto ou razão	Careca Que tem os cabelos em desalinho Despenteado Sentido figurado: mentira, história mal contada ou pessoa surtada

Seguindo o quadrinho, o outro personagem pronuncia o vocábulo *descabellado*, termo que é encontrado na língua portuguesa, com grafia e fonética quase inquestionáveis da palavra *descabelado*, mas com definições que permeiam caminhos distintos.

Enquanto no português, o vocábulo *descabelado* significa que algo ou alguém é careca, que apresenta os cabelos desalinhados, despenteados, etc., e ainda, seguindo a lógica informal, pode ser utilizada para fazer referência a algo mentiroso, ou alguém que “surtou” /não tem controle sobre seus atos, chama atenção (ex. o cara está descabelado, dando show de gritos...).

No espanhol, *descabellado* está relacionado a uma situação antiética, atitudes erradas, por isso a frase *¡Además de ser algo descabellado y deplorable!* (além do mais é algo absurdo (caçar) e deplorável).

Imagem 42 - *Mónica y Milena en el regalo convertidor*, p. 21



Fonte: Gibi *Mónica y Milena: el regalo convertidor*. Edição nº 62

COMISARÍA (español)

COMISSÁRIA (português)

Delegacia de policía	Designativo para mulheres que trabalham no avião como aeromoça
----------------------	--

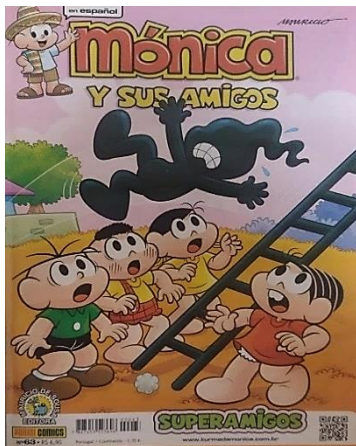
Embora os termos *comisaría* e *comissária* apresentem ações pariformes, na língua espanhola, a palavra *comisaría* designa local, ambiente onde são encaminhadas as pessoas para averiguarem possíveis atos contra a moral social, a delegacia de policía, local onde existe uma autoridade que está investida de poderes para resolver os problemas. No português, o vocábulo *comissária*, também é designativo de autoridade, mas relaciona-se à aeromoça, profissional responsável pelos aspectos de organização e segurança durante o voo.


 Informações adicionais

Não foram empregados significados aos léxicos analisados.

Entre os 09 (nove) unidades, temos a palavra *pata*, terceira narrativa, *rato* na quarta história, e a repetição de *raro*, *niño*, *novia*, encontrados na nona história.

Imagem 43 e fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição n° 63



- **História selecionada:** *Mónica y sus amigos en superamigos*⁸⁴
- **Edição:** n° 63
- **Ano de publicação:** 2020
- **N° histórias:** 10 (dez)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 04 (quatro)
- **N° de Falsos Amigos da edição 63:** 07 (sete)

Imagem 44 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 04



Esta história apresenta um personagem encapuzado que misteriosamente sempre aparece com uma escada para tentar solucionar os problemas que estão acontecendo no bairro. Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão o apelidam como homem berinjela (por causa da roupa que utiliza) e porque é rápido em resolver os problemas que as pessoas estão passando,

mas em sua última solicitude, a escada quebra e a deixa para trás, sendo descoberta sua identidade (Xaveco), que o deixa muito triste, pois queria se sentir importante, poder inspirar outras pessoas, ser famoso, o que não aconteceria jamais. Mônica, inconformada com o discurso dele, diz que todos querem ele exatamente como é, já que é um superamigo.

Imagem 45 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 06



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição n° 63

⁸⁴ Mônica e seus amigos em: superamigos

RARO (español)

RARO (português)

Esquisito	Que não é fácil de encontrar Que não é abundante Que não é frequente Que tem seu mérito (extraordinário) Excêntrico/Extravagante
-----------	--

A palavra *raro* e raro são encontradas nas duas línguas português-espanhol, mas o mais central, a característica, a ideia principal entre elas, são díspares, sendo estas observações compreendidas nesta pesquisa. Assim, *raro* serve para indicar que alguém se comporta de maneira diferente, não habitual.

Magali diz *¡Qué raro!*, quando o personagem berinjela desaparece no momento em que ainda estava agradecendo por gentilmente ter lhe ajudado, porém, ao procurá-lo, não o encontra. No espanhol, esta expressão é traduzida por <Que estranho!>, e o inferido no português de raro, é dito por *poco frecuente* (raro).

Imagem 46 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 08



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição n° 63

BALÓN (español)

BALÃO (português)

Bola Bola grande, utilizada em jogos ou para fins terapêuticos Recipiente para conter gases Recipiente de vidro esférico com gargalo longo Grande pacote de mercadorias	Invólucro, feito de borracha ou de plástico muito fino e com formas e cores variadas que se encher de ar ou de hélio, sendo usado como brinquedo ou como decoração
---	--

Balón e balão. Dois vocábulos que apresentam características semelhantes entre os idiomas espanhol-português, depreendido como um objeto oval, contendo ou não o elemento ar, compartilhando de funcionalidades comuns, porém, diferenciam-se pela perspectiva semântica quando analisado o contexto cultural entre estes dois países.

Em espanhol, a palavra *balón* significa bola, e no português, balão (em espanhol seria denominado de *globo*), é um objeto estético principalmente circular (que embora apresente outras formas, a mais comum é de uma bola, um círculo), que flutua.

Na imagem selecionada, o personagem Cascão utiliza dois vocábulos para fazer referência ao mesmo objeto: *balón* (bola) e *pelota*⁸⁵ (bola, bola grande...), ambas compartilham do mesmo valor semântico, embora realizando uma pesquisa on-line, alguns usuários da comunidade virtual entenda que a palavra *balón* é designativo para a bola que pode ser inflada ou é um pouco maior, como as de futebol, basquete e vôlei, e a *pelota* é genericamente utilizada para qualquer tipo de bola, geralmente referenciado a bola pequena, refutando as definições apresentadas pela RAE.

O que chama atenção neste quadrinho é o enfoque textual onde a tradução permeia a hermenêutica entre as palavras *balón* e *pelota*, descrevendo dois caminhos possíveis de inferência, diante de um texto estrangeiro, sendo *balón* a palavra que vai aproximar o autor até o leitor final, onde a escrita parece ser produzida na língua do leitor (balão), e por outro modo, quando utiliza a palavra *pelota*, trazendo o leitor a conhecer as marcas de estilo da língua estrangeira, assim, concedendo o amadurecer da palavra como fruto de compreensão e interpretação subjetiva.

Imagem 47 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 11



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição n° 63

⁸⁵ Segundo Grijelmo (2017), o termo *pelota*, no ano de 1490, foi documentado na língua espanhola, embora 150 anos antes é possível encontrar registros informal desta palavra. Sua origem é francesa, *pelote*, que por vez, deriva do latim *pila*, que significa bola.

GRACIOSO (español)

GRACIOSO (português)

<p>Engraçado Que é agradável ou atraente aos olhos Engraçado, afiado, cheio de inteligência Ator de teatro que interpreta papéis cômicos</p>	<p>Que tem graça, engraçado, chistoso Agradável Gratuito</p>
--	--

Graciosa é um exemplo de falso amigo que provoca pouca confusão quando comparada à palavra em português, graciosa. Contudo, há de fato, uma diferença de uso, sendo esta circunstância a razão pelo qual o fenômeno de falsos amigos se expõe, porque, em espanhol, o adjetivo *gracioso(a)* é utilizado para referir-se a algo ou alguém que provoca risos, situações engraçadas, como aconteceu na fala da personagem Magali, diante do comentário da Mônica ao apelidar o personagem misterioso de homem berinjelela: *¡Muy gracioso!* (muito engraçado).

Na língua portuguesa, a expressão gracioso(a), ainda que apresente semelhança semântica ao que é engraçado, ver-se mais para referir a algo ou alguém que demonstre elegância, gentileza, atração, adorável, belo, amável, etc.

Uma busca no *Oxford Languages*⁸⁶ pelo sinônimo de gracioso, foram encontrados:

Atraente / belo / admirável / adorável / aliciador / aliciante / aliciente / amável /
atrativo / bem -encarado / cativante / deleitante / encantador / estimável

Imagem 48 - *Mónica y sus amigos: superamigos*, p. 13



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição n° 63

⁸⁶ *Oxford Languages* é um dicionário de português ofertado pelo Google.

DESMAÑADO (español)	DESMAIADO (português)
Desajeitado	Que não tem cor ou perdeu a cor: desbotado, pálido
Falta de habilidade e habilidade	Sem sentidos: desacordado, desfalecido
	Que tem pouca força ou intensidade: fraco
	Particípio de desmaiar: perder a consciência durante um curto período de tempo; perder os sentidos (desfalecer, esvair-se)

Desmañado (desajeitado) e *desmaiado* (desfalecido) são dois vocábulos interessantes no estudo dos falsos amigos, principalmente pela semelhança fonética das línguas portuguesa e espanhola, mas ainda maior, pelo jogo de interpretação provocativo atribuído à imagem acima apresentada, onde o leitor precisa aflorar seu senso crítico interpretativo.

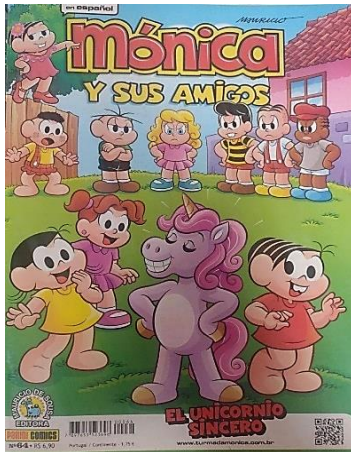
A imagem à esquerda fornece a visualização do personagem que caiu, porém, sua inferência por si é a armadilha que ludibria quem dela utiliza para traduzir o significado da palavra *desmanãdo*, porque seu sentido é de uma pessoa desajeitada, sem jeito nem habilidade, e não pela tradução do português, que desmaiou.

Informações adicionais

No dicionário disponibilizado ao final da obra, é explicado o sentido da palavra *raro*.

A palavra *portero* na segunda história e uma repetição dos termos *nadie* e *pata*, na décima história.

Imagem 49 e fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edição n° 64



- **História selecionada:** *Mónica en el unicornio sincero*⁸⁷
- **Edição:** n° 64
- **Ano de publicação:** 2020
- **N° histórias:** 09 (nove)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 02 (dois)⁸⁸
- **N° de Falsos Amigos da edição 64:** 07 (sete)

Imagem 50 - *Mónica en el unicornio sincero*, p. 04



Em *Mónica en el unicornio sincero* mostra a Mônica e a Magali assistindo TV quando são surpreendidos por sua colega, gritando sobre uma mega novidade, o que para as meninas era suspeito, pois todos os dias ela tem algo de novo para mostrar, mas quando chega, se surpreendem com um unicórnio falante, chamado Geraldinho. Questionado por Magali de onde ele vinha, disse que era da quebrada do

unicórnio, e o objetivo da presença dele era para trazer as verdades que as pessoas necessitavam ouvir, o que não agradou a muito, causando muitos problemas entre a turma e o animal.

Imagem 51 - *Mónica en el unicornio sincero*, p. 09



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edição n° 64

⁸⁷ Mônica em: o unicórnio sincero.

⁸⁸ As palavras *niños* e *nadie* já foram explicadas, sendo informadas apenas para ponderações numéricas.

LORO (español)	LOURO (português)
Papagaio	Árvore (loureiro)
coloq. Pessoa muito feia, vestida de forma estridente e barulhenta	Folha ou ramo de loureiro
coloq. Pessoa que fala e se repete muito. (tagarela)	Adj. Que ou quem tem o cabelo louro
<i>AL LORO</i> : Atento, vigilante Consciente, informado	Adj. Que é da cor de ouro
	Informal. Papagaio

Este quadrinho foi colocado na história sem nenhuma relação direta com as falas anteriormente apresentadas, sendo mais um novo enquadramento comunicativo dentro do contexto já iniciado. Para compreender o sentido empregado pela palavra *loro*, o leitor precisa entender o sentido que está sendo utilizada as frases *¡Que vá!* e *¡Venga!*, pois embora *loro* seja próximo ao termo louro em português, formalidade da palavra remete a um pássaro ou a cor loira, o que não traz nenhum sentido a frase.

¡Que vá! é uma expressão interjetiva, coloquial muito utilizada como ironia, incredulidade, negação, a depender do contexto. Exemplo: *¿Tienes miedo? No, ¡qué va!* (Tem medo? Não, e aí?)

¡Venga! é uma palavra coloquial de uso frequente na língua espanhola, podendo ser utilizada em diferentes contextos, como para dar ordem *¡Venga, haz los deberes!* (Vamos lá, faça sua lição de casa!), motivar alguém para realizar algo *¡Venga, tú puedes conseguirlo!* (Vamos lá, você consegue!), expressar acordo com algo *Venga, entonces hacemos como tu digas* (Vamos fazer como você diz), apresentar discordância de algo que não desejamos realizar, ou se opõe a uma ideia/circunstância *Venga ya, yo no quiero ir al dentista mañana* (Vamos, não quero ir ao dentista amanhã), para expressar uma situação que se repete *¡Y venga! Otra vez que he perdido el autobús* (E vamos. Outra vez perdi o ônibus), confortar alguém *Venga, no te preocupes, mañana todo irá mejor* (Vamos, não se preocupe, amanhã tudo vai melhorar), etc.

Al loro é uma expressão que surgiu durante a guerra civil espanhola⁸⁹ que, com a ajuda do exército italiano para um dos lados, não conseguindo comunicação no idioma local, sempre

⁸⁹ *La cruzada* (também conhecida como a Guerra Civil Espanhola), ocorreu entre os anos de 1936 e 1939.

que via a presença de um avião do inimigo, gritavam: *sono loro*⁹⁰ (são eles). Os espanhóis não compreendendo o que eles falaram, subentendiam que o sentido empregado era da palavra *loro* em espanhol, papagaio. Toda vez que o exército se aproximava, começavam a dizer: *¡Al loro!* (Atenção! Cuidado. Vigilância).

Deduz-se que, ao ouvirem os italianos falarem, havia uma adjetivação de papagaio para o sentido de “eles estão falando”, uma vez que papagaio fala, como uma forma de chamar atenção, cuidado... olha o “barulho”.

A fala do personagem Titi quer dizer: *Entonces le dije: ¡Al loro!* (Então eu disse a ele: Atenção, cuidado...), seguida de inferência de ironia *¡Que vá!* e concordância *¡Venga!* com o que foi dito. Assim, este exemplo de falso amigo é a prova de que o nível de domínio do idioma é um fator que pode facilitar a maioria dos casos quando tratamos de leitores estrangeiros, com um bom repertório lexical, pois o processo emissor – receptor – mensagem – compreensão, será satisfatório, em um nível mais elevado.

Imagem 52 - *Mónica en el unicornio sincero*, p. 22



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edição nº 64

PATA (español)	PATA (português)
Pé e pernas dos animais	Cada um dos membros de um animal usados na locomoção
Pé de um móvel	Informa (depreciativo): pé ou mão de uma pessoa (ex: tire daqui as patas)
Coloq. Perna de uma pessoa	METER A PATA: Intrometer-se
	Pata. Fêmea do pato

⁹⁰ Idioma italiano que significa são eles.

Pata e *pata* são duas palavras que fazem referência aos membros inferiores de um animal, as extremidades. Embora carregue esta e outras definições, inclusive depreciativas, o termo *meter la pata* é uma expressão idiomática que significa cometer um erro ou dizer algo inoportuno ou equivocado, atitude grosseira, indiscrição, etc.

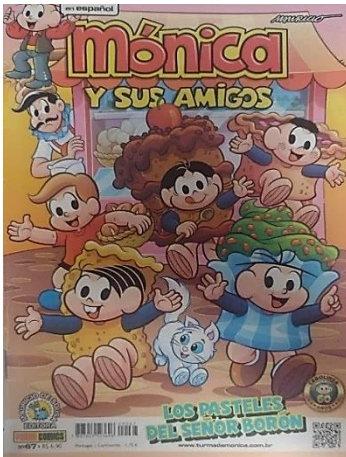
Existe muitas teorias sobre a origem desta expressão, a mais comum é a referenciação de quando um animal cai na armadilha do caçador, ele comete um erro grave, pois não deveria ter se colocado naquele lugar, entrado com seus pés, o que seria equivalente ao que o personagem Cebolinha se referiu: *!Metimos la pata!* (Nos equivocamos), quando o unicórnio expressa o que sente de cada um pelos julgamentos que eles fizeram pretensiosamente.

Informações adicionais

Não foram identificadas nenhum léxico acima apresentado.

Entre as 09 (nove) histórias, apresentam a palavra *nadie* na segunda unidade, *balón* na quinta história, e *raro* na última unidade.

Imagem 53 e fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67



- **História selecionada:** *Magali en los pasteles del señor borón*⁹¹
- **Edição:** n° 67
- **Ano de publicação:** 2020
- **N° histórias:** 10 (dez)
- **N° de páginas:** 65 (sessenta e cinco)
- **N° de Falsos Amigos da história analisada:** 08 (oito)⁹²
- **N° de Falsos Amigos da edição 67:** 15 (quinze)

Imagem 54 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 04



Magali en los pasteles del señor borón traz como o enredo a personagem indo até a loja de bolos de Quinzinho, sendo surpreendida que o seu produto preferido estava sendo produzidos pela última vez na loja, não porque venderam tudo, mas por não ter ninguém para comprar, o que poderia levar a falência e fechar a empresa, pois abriram uma loja chamada massas e bolos, e todo estavam indo para lá. Inconformada, foi

averiguar o que estava acontecendo, encontrando mais gente do que imaginava, para espanto, seus amigos Cascão, Cebolinha e Mônica já estavam se deliciando com os bolos desta loja, o que lhe gerou vontade de comer um, mas não poderia por causa de sua amizade com Quinzinho, pois ficaria triste, se soubesse o que ela tinha feito. Contando o porquê de ir até a nova loja e o que estava prestes a acontecer, Cebolinha cria um plano infalível para que todos soubessem da péssima qualidade dos produtos ali vendidos, o que não deu muito certo, deixando o dono furioso com a turminha. Explicando as razões de tal atitude, decidiram mostrar os produtos do Quinzinho ao novo comerciante que ficou surpreso com a qualidade do que comia, lembrando de sua infância, e dando sua palavra que iria na loja dele comer essas iguarias todos os dias. Apesar de sua confirmação, informaram que talvez não seria possível, pois logo seria fechada em vista da falta de cliente, e como ideia, o novo vendedor propôs que vendesse para ele a loja,

⁹¹ Magali em: os bolos do Sr. Borón.

⁹² Excluídas para análise as palavras já explicadas.

não sendo aceito por Quinzinho, mas sugerido uma outra coisa: uma parceria entre eles. Assim, em sua loja, os clientes comprariam tanto seus produtos quanto os da massa e bolos. Juntos, a parceria foi um sucesso e todos ficaram felizes.

Imagem 55 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 04



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67

PASTELES (español)

PASTÉIS (português)

<p>Bolos</p>	<p>Iguaria de massa de farinha com recheio, doce ou salgada</p> <p>Massa constituída por um aglomerado de ingredientes picados que é depois frita em pequenas porções (pastéis de bacalhau)</p> <p>Pessoa com pouco préstimo, branda, indolente</p>
--------------	---

Um dos Falsos Amigos mais conhecidos e citados nesta categoria é a palavra *pasteles* (*pastel*), encontrada a mesma aceção no português pela palavra *pastel*, com grafia idêntica, e fonética quase imperceptível, mas seus significados são enganadores.

Enquanto no Brasil, utilizam o vocabulário para designar uma massa que é recheada com ingredientes doces ou salgados, na língua espanhola, este tipo de iguaria seria denominado

de *empanadilla*, *pastelillo*, e o *pastel* é um bolo de massa doce ou salgada, consolidando uma verdadeira armadilha presente entre estes dois idiomas, sendo os responsáveis pelos equívocos que marcam a transferência da língua materna para “possível” compreensão da língua meta.

Observe-se, também, que na fala de Quinzinho é utilizado o termo *pastelito*, sendo este o diminutivo na palavra *pastel* para referir-se a um bolo pequeno.

Imagem 56 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 05



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67

VENTAS (español)

Oferta
 Ação e efeito da venda

VENTAS (português)

Nariz
 Cada uma das fossas nasais (narina)

Um dos principais erros que um falante português pode cometer é entender que sua língua é semelhante ao outro idioma (e vice-versa) e deixar que o mito da facilidade faça crer que as duas línguas não precisam de sistematização, criando a percepção de comodismo por acreditar que o mínimo possível de conhecimento o permite se comunicar e interpretar uma mensagem sem muito esforço.

O vocábulo *ventas* faz referência ao ato de vender um produto, por isso, *!Es que no andan bien las ventas!* (as vendas não estão como esperadas), e não uma mera percepção de que o olfato, cheiro do produto não é mais atrativo, diante do que se traduz em português por *venta*. Aliás, é uma expressão coloquial produzida no interior do Brasil para referir-se a cheiro, a algo mal feito, por exemplo: *Você não fez isso direito. < Armaria, tá igual as suas ventas!>*.

Imagem 57 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 06

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67

EXQUISITA (español)

ESQUISITA (português)

Requintado De singular e extraordinária qualidade, beleza ou bom gosto em sua espécie Delicioso	Estranho Difícil de explicar Esquisito Incomum
--	---

Os vocábulos *exquisito(a)* e *esquisito(a)* tem a mesma origem, no latim, *exquisitus*,⁹³ com significados idênticos, porém, o seu conceito na língua portuguesa sofreu modificações ao longo dos anos, sendo pertinente entender essa mudança para compreender a aplicação nesta frase.

A etimologia desta palavra *exquisitus* denota os termos apurado, distinto, raro, delicado, excelente, requintado, elegante, sofisticado, porém, no português, houve uma transmutação de sentidos para estranho, incomum, esquisito, etc., o que não impossibilita encontrar ainda em algumas obras antigas, e até em determinados dicionários da língua portuguesa, alguma referência interpretativa de sua origem, como é o caso dos textos dos séculos XV, XVI e XVII, onde o uso do vocábulo *esquisito* ainda faz referência ao requinte, sofisticado, exemplo, a obra *Os Lusíadas*, de Luíz Vaz de Camões, publicado primeira vez em 1572, onde em <Não cos manjares novos e esquisitos>, falasse sobre comidas requintadas.

⁹³ Outros idiomas como o francês *exquis*, italiano *squisito*, inglês *exquisite*, alemão *exquisit*, etc, tiveram influência do latim, com o mesmo significado,

(...)
 Não cos manjares novos e esquisitos,
 Não cos passeios moles e ouciosos,
 Não cos vários deleites e infinitos,
 Que afeminam os peitos generosos;
 Não cos nunca vencidos apetitos,
 Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não sofre a nenhum que o passo mude
 Pera algũa obra heróica de virtude;
 (CAMÕES, 1572, p. 97).

Contudo, em estudos publicados por Bizzocchi (2021), é possível entender o processo de modificação do significado do termo esquisito, tendo como referência os séculos XVIII e XIX, como adjetivo pejorativo para algo inusual e estranho que os plebeus tinham sobre as roupas, as linguagens e os costumes que os aristocratas mantinham diante do contexto social presente. A realidade vivida pela grande população da época não condizia com a minoria que se sentia privilegiada, sendo visto como esquisito pelos plebeus o comportamento da nobreza, permeando o sentido da palavra esquisito(a) até os dias atuais.

Assim, quando o personagem Quinzinho diz: *!Es una cadena de repostería exquisita!*, quer dizer que a loja que foi aberta, sua concorrente, é muito requintada quando comparada a sua, já que a etimologia em espanhol não sofreu nenhuma modificação, como aconteceu na língua portuguesa.

TIENDA (español)

TENDA (português)

TIENDA (español)	TENDA (português)
<p>Loja</p> <p>Armação de paus fincados no chão e cobertos com panos ou peles amarrados com cordas, que servem de alojamento, principalmente de guerra</p> <p>Casa, barraca ou local onde os itens de varejo são vendidos ao público</p>	<p>Barraca portátil desmontável, feita de pano grosso (geralmente lona) impermeabilizado, que se arma ao ar livre para servir de abrigo</p>

Na continuação da fala de Quinzinho, faz-se o uso do termo *tienda*, podendo provocar no leitor uma inferência de uma barraca montada, ou aquela utilizada para acomodar-se, contudo, em espanhol, exista essa mesma acepção, o vocábulo é utilizado para referir-se a uma loja, um estabelecimento comercial que não é “desmontado”.

Imagem 58 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 09



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67

RICO (español)

RICO (português)

Gostoso Saboroso Agradável	Que tem riqueza Agrada (legal) Que tem grande quantidade
----------------------------------	--

A personagem Magali pergunta *¿Qué pastel rico es esse que estás comiendo?*, chamando atenção para a palavra *rico*, idêntica ao termo gráfico em português. No espanhol, o uso do vocábulo *rico* é para referir a sabor de uma comida, como sinônimo de saboroso e agradável, como por exemplo, *pastel rico* (bolo gostoso), *¡Qué rico!*, para dizer: Que delícia!, ou então, *¡Eso está riquísimo!* (Isso está saborosíssimo! ou Nossa, está maravilhoso, uma delícia!).

O segundo uso da palavra *rico* é quando deseja referir a alguém que tem muito dinheiro, ou *adinerado*, por exemplo, *mi tío es muy rico porque trabaja en una multinacional* (meu tio é muito rico porque trabalha em uma multinacional). Contudo, seu uso para referenciar a pessoa deve ser utilizado de forma cautelosa, pois pode provocar uma interpretação errônea sobre o sentido de saboroso e gostoso como algo vulgar, o que é designativo para os alimentos.

Neste quadrinho, é importante situar sobre qual assunto a história é contextualizada, assim, a fala da Magali faz a referência para o saboroso bolo que o Cascão está comendo.

Imagem 59 - Magali en los pasteles del señor borón, p. 17



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67

PESADO (español)

Chato
Irritante
Que pesa muito
Inconveniente

PESADO (português)

Que pesa muito
Grave
Intenso
Profundo
Cheio

A palavra *pesado* e *pesado* é um adjetivo comum entre os dois idiomas, como referência a algo que pesa muito, contudo, em espanhol, figurativamente, pode ser utilizada esta expressão para adjectivar diversas situações vistas como inconvenientes, ou até mesmo de atitudes das pessoas.

O personagem Cascão diz *!No seas pesado!* (*Cebolinha*), diante da forma que o seu amigo se comportou ao ver todo o grupo se abraçando, reclamando que estão perdendo tempo com abraços em vez de criar um plano para que a loja do Quinzinho consiga vender seus produtos. O sentido empregado da palavra *pesado* é chato, inconveniente, contextualizando a maneira que o Cebolinha se comporta, suas atitudes, sendo uma ideia subjetiva da atitude de uma pessoa.

DURO (español)

Insensível, implacável, indiferente, cruel,
mal, duro

DURO (português)

Que não se quebra ou não se coze
facilmente
Riguroso

Bruto Difícil de quebrar Disse uma coisa: que não é tão macio, fofo ou macio quanto deveria ser	Severo Que não se deixa comover facilmente Desagradável à vista ou ao ouvido Sem dinheiro
--	---

O mesmo raciocínio aplicado na palavra *pesado* pode ser deduzido a expressão *duro*. Embora apresente características de algo que é difícil de quebrar, ou apresente rigidez em sua estrutura, etc., a palavra *duro* pode ser aplicada para adjetivar um comportamento de uma pessoa, seja de teimosia, que não demonstrar sentimentos, que é difícil de lidar, insensibilidade, reações diversas, etc.

Quando a personagem Magali diz *!No te hagas el duro!*, está dizendo que o Cebolinha não precisa ser insensível, se passar por uma pessoa que não gosta de abraços, exigindo do leitor a capacidade de compreender não só o que está escrito na mensagem textual, mas refletindo sobre o que observou ao longo da história, observando, inclusive as estratégias criadas do autor para o leitor final.

Imagem 60 - *Magali en los pasteles del señor borón*, p. 23



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição n° 67

FACTURA (español)

FATURA (português)

Fatura Conta em que os artigos vendidos ou os serviços prestados são detalhados com o seu preço que é entregue ao cliente para exigir o pagamento Arg e Ur. Pãozinho ou biscoito que é fabricado e vendidos em padarias.	Conta das mercadorias que se entregam e das despesas acessórias Relação de mercadoria ou bens vendidos a uma pessoa ou entidade Ato ou maneira de fazer algo
---	---

O falso amigo identificado neste quadrinho é a palavra *factura*⁹⁴ que parece muito com o vocábulo *fatura* da língua portuguesa. Embora apresentem semelhanças estruturais, o termo empregado na fala *!Factura de dulce de leche!*, provavelmente suscitará ambiguidades de sentidos se o leitor trazer da sua língua materna a interpretação que usualmente seria empregada em contextos gerais.

Factura é uma palavra muito utilizada na Argentina, dentro da gastronomia do país, onde são produzidas massas doces de padaria, trazidas pela imigração europeia e adaptadas aos costumes locais com seus sabores e formatos. Entre os vários tipos de *factura*, encontram as *medialunas (croissant)*, muito famosas na Argentina, seja ela doce ou salgada, *pastelito (cupcake / massa folhada...)*, *bomba (profiterole)*, etc. São, portanto, comidas produzidas em padarias, sejam elas do tipo doce ou salgado.

Para compreender a fala do personagem Quinzinho, o leitor necessita saber o significado da palavra em espanhol, ou inferir que seja um tipo de bolo/doce, diante da informação apresentada pelo autor ao desenhar um mini - bolo na mão do personagem.

Informações adicionais

O dicionário apresentado ao final do gibi não traz nenhuma definição das palavras acima analisadas.

Entre as 10(dez) histórias, foram citadas as palavras *doce* na quinta narrativa, *nadie* e *raro* na sétima, e *balón* na décima.

⁹⁴ Uma curiosidade: o vocábulo *factura* surgiu no final do XIX, quando um grupo de imigrantes europeus com ideias anarquistas e comunistas buscavam melhores condições de trabalho. O anarquismo é uma ideologia política que se opõe a hierarquia e dominação, seja ela política, econômica, social e cultural, instituições religiosas, o racismo, patriarcado (Wikipedia.org), e o comunismo que é caracterizado por processo democráticos, não apenas no sentido da democracia eleitoral, mas no sentido mais amplo de ambientes e de trabalho abertos e colaborativos (Wikipedia.org).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho até então traçado nos levou à detecção de um número significativo de Falsos Amigos nos gibis “Mónica y sus amigos” corroborando assim, a necessidade da leitura atenta aos possíveis elementos de confusão interpretativa em sua respectiva comparação com nossa língua materna.

Como resposta às nossas indagações iniciais, percebemos que sim, era possível e necessário identificar os Falsos Amigos presentes nos gibis de Mónica y sus amigos como forma de gerar um material acessível aos leitores mediadores e a todo aquele que queira uma leitura que vá além de uma intercompreensão global que já sabemos ser existente entre duas línguas irmãs tão similares.

Vimos a partir desse levantamento léxico realizado que os alertas aos leitores vão além da simples conferência das acepções trazidas pelos dicionários das línguas em questão: o português e o espanhol. As confusões interpretativas careciam de elementos que as levassem à elucidação a partir dos recursos imagéticos utilizados pelo gibi, além das explicações de como se davam esses elementos de contato que por vezes foram fonéticos, gráficos, semânticos etc.

A acuidade na seleção léxica exigiu um nível avançado em ambas as línguas além da comparação e tradução que, embora ainda seja elemento execrável por parte de diversos professores, é um processo natural entre os leitores de uma língua materna. Ao ler, faz-se inferências, transferências e raciocínios que levam a hipóteses interpretativas do que seria a equivalência entre as línguas.

Esse vocabulário destacado não estava previsto no miniglossário apresentado pelos próprios gibis, sendo inclusive desconsiderado para nossa temática específica. Gerando, pois, a necessidade de disponibilizar esse glossário específico sob o olhar da Análise Contrastiva. A não observância das acepções advindas do contato das duas línguas, assim como a leitura inadvertida são capazes de prejuízos de matiz interpretativo. O leitor que se limite ao contexto pode ser levado a uma perda considerável da carga semântica de Falsos Amigos que possam passar inadvertidamente pelas crianças e inclusive pelos seus responsáveis, sejam eles cuidadores, pais ou professores que se proponham a mediar tais leituras.

Ainda que esse gênero nem sempre tenha sido considerado adequado para comercialização e prática de leitura no processo de aprendizagem de conhecimento e ainda pouco difundido como uma possibilidade entre as crianças. Vimos que, o interesse que nos motivou a pesquisar os gibis vem desse público infantil que cada dia mais vem realizando seu processo autônomo de contato com as línguas estrangeiras.

A associação de aprendizagem e foco na leitura com o lazer e o entretenimento, considerados até como superficiais pelo público leigo são capazes de promover e ampliar o uso da língua escrita e falada, de forma divertida.

Os gibis da Turma da Mônica produzidos para a língua espanhola - e também para a língua inglesa - mantém o padrão de qualidade das produções de Maurício de Souza desde os traços para a constituição dos personagens, quando da diversidade de temas para a construção de narrativas.

Quanto aos Falsos Amigos, embora não haja intencionalidade do uso desse léxico comparado - que é a realização linguística desses vocábulos - eles abundam nas tirinhas, são fontes de questionamento quanto à sua compreensão, tanto com relação aos Heterossemânticos considerado parciais e os totais.

Percebemos que, naturalmente pela grande proximidade tipológica do espanhol e do português, a depender do nível léxico, quanto mais similaridade houver quanto a escrita da palavra, maior será a indução de erros a serem cometidos por seus leitores a depender do domínio da língua alvo e inclusive do elemento de distração durante a leitura.

Observamos que nos gibis em espanhol, algumas expressões sujeitas à classificação quanto à forma como parciais e totais, podem ser de mais fácil compreensão por causa do uso de imagens e onomatopeias, enquanto outras expressões podem ter um comprometimento interpretativo por não conter nenhum outro elemento de construção de contexto para maior entendimento do seu significado como uso de recursos imagéticos.

Caminhamos à consideração de que embora os gibis em espanhol apresentem um léxico de Falsos Amigos considerável - principalmente após esse levantamento que assim o demonstra - o editorial parece não ter buscado elementos que corroborem a assimilação do significado da palavra na língua espanhola, limitando-se à tradução literal de uns poucos vocábulos - média de cinco por historinha- apresentados ao final da revistinha.

Inclusive Falsos Amigos de maior frequência lexical entre o público leitor brasileiro, como observado em Alves (2005) são ignorados podendo levar a alteração da compreensão da narrativa apresentada. Assim, ainda que os Falsos Amigos se apresentem como uma parcela talvez não significativa do que seja possível aprender na língua espanhola, é fato que estão presentes em contextos no cotidiano de uso real de língua e merecem maior atenção no processo de compreensão.

Geramos, portanto, com este trabalho, a inquietação dos leitores mediadores, os que estarão em companhia das crianças na leitura em língua espanhola, ao mesmo tempo que

buscamos instrumentalizá-los em uma leitura atenta nesse universo de LEC- Línguas Estrangeiras para Crianças.

Esperamos que este trabalho seja somente um passo inicial que desperte nos mediadores de leitura, principalmente nos docentes, uma possível aplicação do glossário e a comprovação ou refutação de possíveis interpretações e hipóteses geradas pelos estudantes. Sabemos que no processo de Interlíngua, tais hipóteses são geradoras de aprendizagem e que a aprendizagem de uma língua estrangeira pode ser permeada por meios prazerosos como os gibis, tanto melhor.

REFERÊNCIAS

ALBA QUIÑONES, V. *La competencia. Una propuesta de actividades sobre los campos léxicos para las clases de ELE*. Revista de didáctica español como lengua extranjera, 2011.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? Português para estrangeiros interface com o espanhol. Campinas: Pontes, 2001.

ALVES, J.S. *Cuestiones de lectura e interpretación en textos en portugués a hispanohablantes y en español a lusófonos: el caso de los heterosemánticos*. Universidad de Salamanca, 2005.

ANIMAL: a incrível descoberta de desenho de animal com 44 mil anos de idade em caverna. BBC, 12 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50756103>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

BARTABURU, M.E.A; OLYVEIRA, G.A; *Español en Acción - Tareas y Proyectos*. Ed. Hispania, 2004.

BARTOL HERNÁNDEZ. *Disponibilidad léxica y selección del vocabulário*. Universidad de Salamanca, 2010.

BAZI, D. Nada de Mônica: Conheça a primeira tirinha publicada por Maurício de Souza. Recreio UOL. 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://recreio.uol.com.br/noticias/entretenimento/nada-de-monica-conheca-primeira-tirinha-publicada-por-mauricio-de-sousa.phtml>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

BIZZOCCHI, A. Diário de um linguista. Um blog sobre língua e outros assuntos. 27 de julho de 2021. Disponível em: <https://diariodeumlinguista.com/2021/07/27/uma-palavra-esquisita/>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

BRONCKART, J.P. Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio discursivo. 1999.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Falsos amigos, falsos cognatos, heterossemânticos: uma simples escolha de designações?. Porto Alegre, 2002.

CAMÕES, L.V. Os Lusíadas. Biblioteca Virtual do estudante brasileiro, 1572.

CAMPENHOUDT, M.V. *Mille faux – amis en langue française*. Bruxelles, 2003.

CARVALHO, O.L.S. Glossário Ceale. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. UNB, 2014.

CASTELANO RODRIGUES, F. D. Língua viva, letra morta. Obrigatoriedade e ensino do espanhol no arquivo jurídico e legislativo brasileiro. USP, 2010.

CASTELEIRO, J. A Intercompreensão entre o Português e o Espanhol: Diferenças Fonético-Fonológicas e Lexicais. Diálogos em Intercompreensão – Colóquio Internacional. Lisboa, 2007.

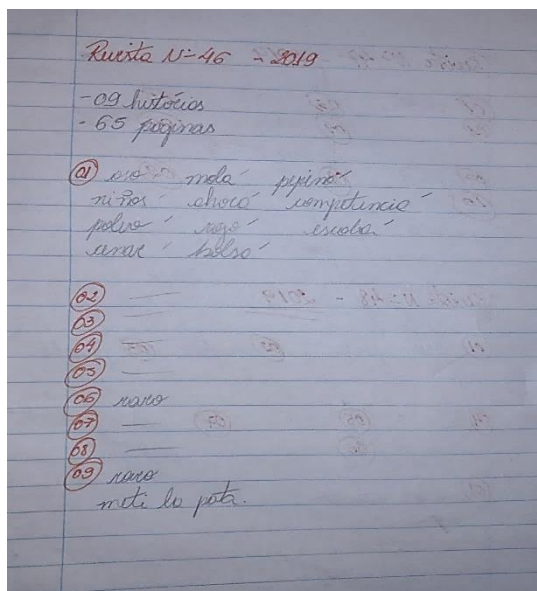
- CELADA, M.T. O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira. Unicamp, 2002.
- CEOLIN, R. Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano. 2003.
- CERVANTES, Instituto. *El español. Una lengua viva*. Informe, 2021.
- CHOMSKY, N. *A review of B. F. Skinner's verbal behavior*. *Language*, V. 35, 1959.
- CEOLIN, R. Falso amigos estruturais entre o português e o castelhano. *Revista Philologica Românica*, 2003.
- CORDER, S.P. *The significance of learners' errors*. Heidelberg, 1967.
- CORDER, S.P. *La importancia de los errores del que aprende una lengua segunda*. Madrid, 1992.
- CORREIA, M. Inovação lexical em português. Lisboa, 2005.
- CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge: Cambridge Press University, 2003.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2002.
- DOLZ, J.B., SCHNEUWLY, B. *Pour un enseignement de l'oral*. 1998.
- DOWNES, L.S. Palavras amigas da onça. Edição Português, 1984.
- DURÃO, A.B.M.B. Por uma lexicografia bilíngue contrastiva. Londrina, EDUEL, 2007.
- DURÃO, A.B.M.B. *La interlengua*. Madrid: Arco/Libros, 2007.
- DURÃO, A.B.A.B. Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol. Florianópolis: Editora Insular, 2014.
- FERNÁNDEZ, J.S. O uso de materiais lúdicos no ensino. São Paulo, Editora Contexto, 2012.
- FERNÁNDEZ, S. *Interlengua y aprendizaje / adquisición del español*. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada*, 2009.
- FRIES, C. *Teaching and learning english as a foreign language*. Michigan. University of Michigan Press, 1945.
- GUEDES COSTA, Z. Falsos cognatos: revisão da fundamentação teórica e proposta de novas abordagens práticas para sua aplicação nos processos de ensino-aprendizagem de ELE no Brasil. UFP, 2016.
- GRIJELMO, A. *Balón, pelota, pelotón*. AS, 14 de outubro de 2017. Disponível em: https://mexico.as.com/mexico/2017/10/15/opinion/1508029802_935354.html. Acesso em: 17 de junho de 2023.
- JAMES, C. *Errors in language learning and us*. New York, 1998.
- JOHNSON, K; JOHNSON, H. *Encyclopedic dictionary of applied linguistics*. Wiley-Blackwell, 1998.

- LADO, R. *Linguistics across cultures: Applied Linguistics for language teachers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957.
- LUGRÍS, A.A. Os falsos amigos da tradução: criterios de estudio e clasificación. Universidad de Vigo, 1997.
- LUYTEN, S. Histórias em quadrinhos – leitura crítica. São Paulo, 1985.
- LUYTEN, S.M.B. Histórias em quadrinhos. Leitura crítica. Edições Paulinas, 1985.
- LUYTEN, S.M.B. O que é história em quadrinhos. Editora brasiliense, 1987.
- MARCUSHI, L.A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. Editora Parábola, 2008.
- MARZANO, F. Dicionários em estudos de línguas estrangeiras. Espanhol – Português de Falsas Semelhanças. Campos, 2011.
- MORENO RAMOS, J. *Didáctica del vocabulario en la enseñanza secundaria obrigatoria*. 1999.
- NICK, E. Aprendizagem implícita e explícita de línguas. Londres, 1994.
- ODLIN, T. *Language transfer. Crosslinguistic influence in language learning*. Cambridge, 1989.
- PRADO, M. Falsos amigos en lexicografía bilíngüe. Hispania, 1989.
- RÓNAI, P. Guia prático da tradução francesa. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1983.
- ROSA, L.A. Os heterossemânticos de baixo calão nas legendas de La casa de papel: “*puñetero tío, com boquete o sin boquete*”. Universidade de Brasília, - DF, 2022.
- RUIZ O RUANO, C.B; UNZA, M.I.M.S.M. *El desarrollo léxico em los primeros niveles de E.G.B.* Madrid, 1984.
- SABINO, M.A. Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática. Revista de Linguística, 2006.
- SANTOS GARGALLO, I. S. *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2004.
- SEABRA, M.C.T.C. Língua, cultura e léxico. São Paulo, 2015.
- SELINKER, L. *Interlanguage. International Review of Applied Linguistics*, 1972.
- SELINKER, L. *Language transfer and fossilization: the multiple effects principle*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

- SILVA, A. Era uma vez... o conto de fadas no ensino/aprendizagem de língua estrangeira: o gênero como instrumento. USP, 1997.
- STURZA, E.R. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. UFMS, 2019.
- PRADO, M. Falsos amigos en lexicografía bilingüe. Hispania, 1989.
- PERRENOUD, P. Pedagogia da Diferença. Das intenções à ação. Porto Alegre. Editora Artmed. 2000.
- TRANJAN, R. O velho e o menino: a instigante descoberta do propósito. 1 edição. São Paulo: Buzz Editora, 2017.
- TRASK, R. L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. Londres: Routledge, 2013.
- TIRAS. Clássicas Pafúncio e Marocas. Gazeta do Bairro.
- TORIJANO PÉREZ, J. A. *Errores de aprendizaje, aprendizaje de los errores*. Cuadernos ed. Madrid: Arco Libros, 2004.
- VILLALBA, T. K. B. A transferência na aquisição de Espanhol como L2. Sagra Luzzatto, 1994.
- VILELA, M. Léxico e Gramática. Coimbra, 1995.
- VILELA, M. O léxico português: perspetivação geral. Filologia e Linguística portuguesa, 1997.
- ZANETTI, R. Histórias em quadrinhos e educação. São Paulo, Contexto, 2008.
- WARREN, B. *The idiom principle and the open choice principle*. Gwyneth, 2000.
- WEGER-GUNTHARP, HD. *Advanced Language Learning: The contribution of Halliday and Vygotsky*. 2012.
- WEINREICH, U. *Languages in contact. Findings and problems*. New York: Linguistic Circle, 1953.

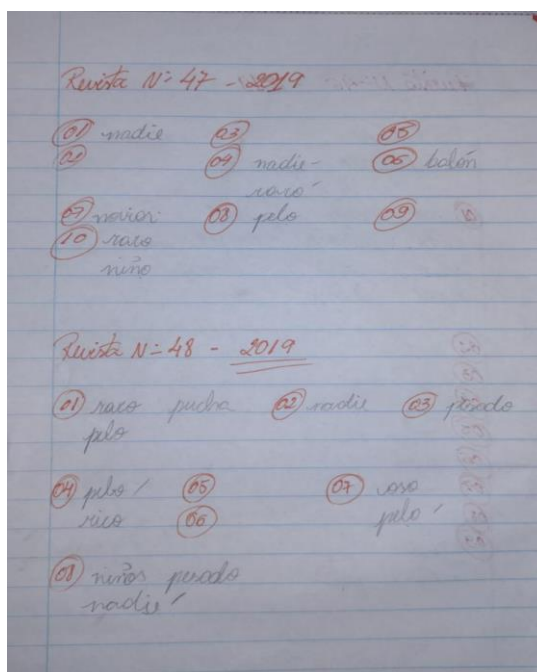
ANEXOS

Anexo 01 – Seleção de Falsos Amigos coletados no Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.



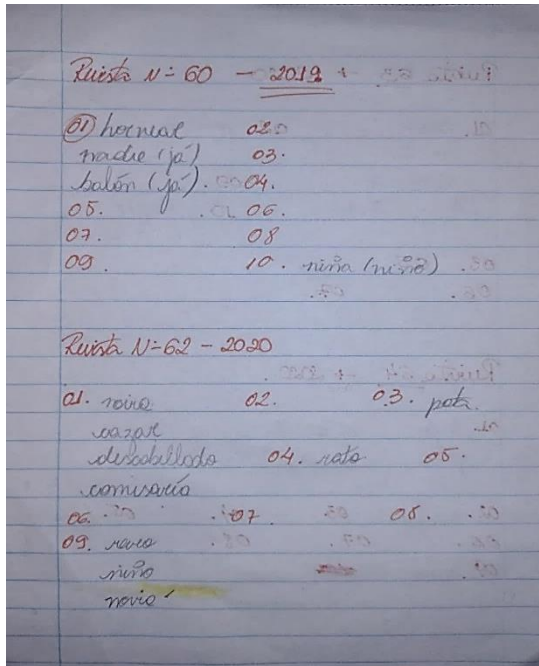
Fonte: criado pela autora

Anexo 02 – Seleção de Falsos Amigos coletados no Gibis *Mónica y sus amigos: ¡Cuidado con el tiburnado!*, e *Mónica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror*. Edições N° 47 e 48, 2019.



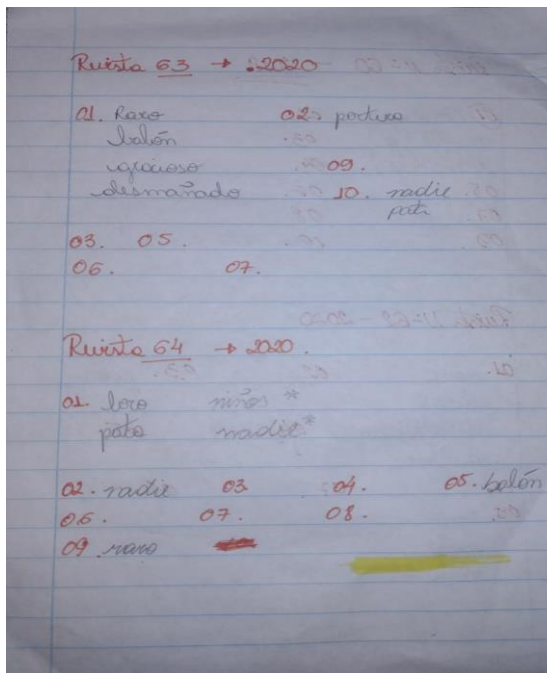
Fonte: criado pela autora

Anexo 03 – Seleção de Falsos Amigos coletados nos Gibis *Mónica y sus amigos: nostrosos, robots*, e *Mónica y sus amigos: el regalo convertidor*. Edições N° 60, 2019, e 62, 2020.



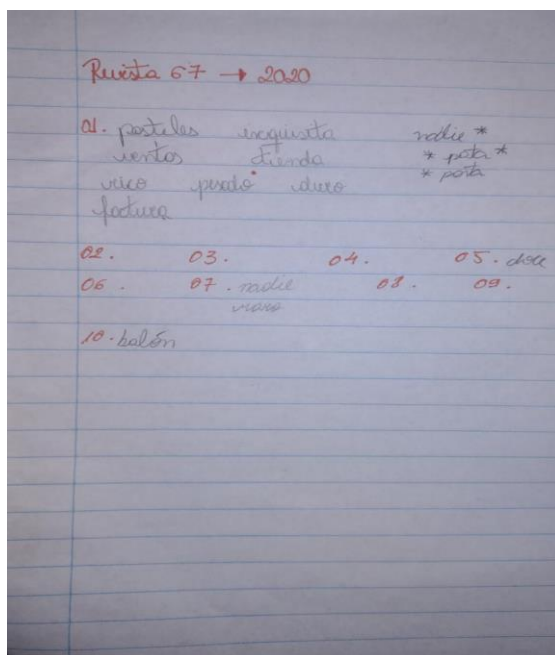
Fonte: criado pela autora

Anexo 04 – Seleção de Falsos Amigos coletados nos Gibis *Mónica y sus amigos: superamigos*, e *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edições N° 63 e 64, 2020.



Fonte: criado pela autora

Anexo 05 – Seleção de Falsos Amigos coletados no Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor borón*. Edição N° 67, 2020.

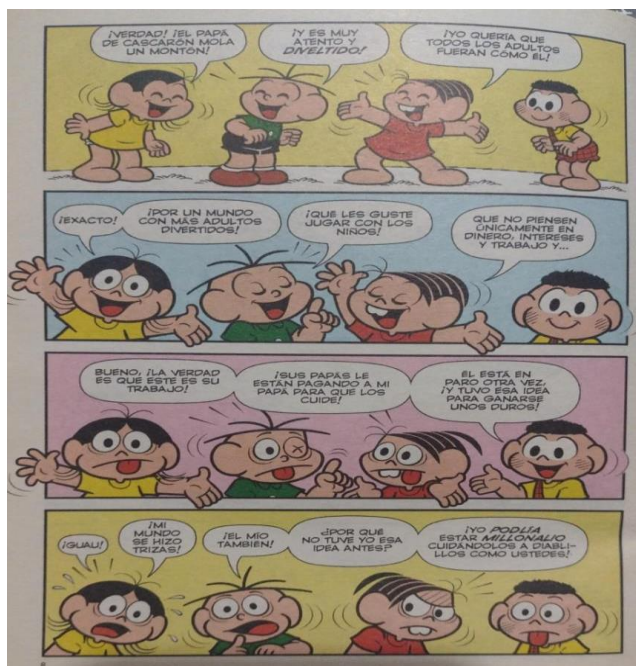


Fonte: criado pela autora

Anexo 06 – Página dos Falsos Amigos *oso e niño*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.

Anexo 07 – Página do Falso Amigo *mola*.

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.

Anexo 08 – Página do Falso Amigo *ahora*.

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.

Anexo 09 – Página dos Falsos Amigos *pepino e competencia*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.

Anexo 10 – Página dos Falsos Amigos *polvo e rojo*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.

Anexo 11– Página dos Falsos Amigos *cenar, bolsa, escoba*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: la gran yincana*. Edição N° 46, 2019.

Anexo 12 – Página do Falso Amigo *nadie*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: ¡Cuidado con el tiburnado!*. Edição N° 47, 2019.

Anexo 13 – Página do Falso Amigo raro.



Fonte: Gibi Mónica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror. Edição N° 48, 2019.

Anexo 14 – Página dos Falsos Amigos pelo e pucha.



Fonte: Gibi Mónica y sus amigos: cómo se hace una historia de horror. Edição N° 48, 2019.

Anexo 15 – Página do Falso Amigo *hornear*.

Fonte: Gibi *Mônica y sus amigos: nosotros, robots*. Edição N° 60, 2020.

Anexo 16 – Página do Falso Amigo *novia*.

Fonte: Gibi *Mônica y sus amigos: el regalo convertidor*. Edição N° 62, 2020.

Anexo 17 – Página do Falso Amigo *cazar, descabellado, comisaría.*



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: el regalo convertidor.* Edição N° 62, 2020.

Anexo 18 – Página do Falso Amigo *raro.*



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos.* Edição N° 63, 2020.

Anexo 19 – Página do Falso Amigo *balón*.

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição N° 63, 2020.

Anexo 20 – Página do Falso Amigo *gracioso*.

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição N° 63, 2020.

Anexo 21 – Página do Falso Amigo *desmañado*.

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: superamigos*. Edição N° 63, 2020.

Anexo 22 – Página do Falso Amigo *loro*.

Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edição N° 64, 2020.

Anexo 23 – Página do Falso Amigo *pata*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: el unicornio sincero*. Edição N° 64, 2020.

Anexo 24 – Página dos Falsos Amigos *pasteles e ventas*.



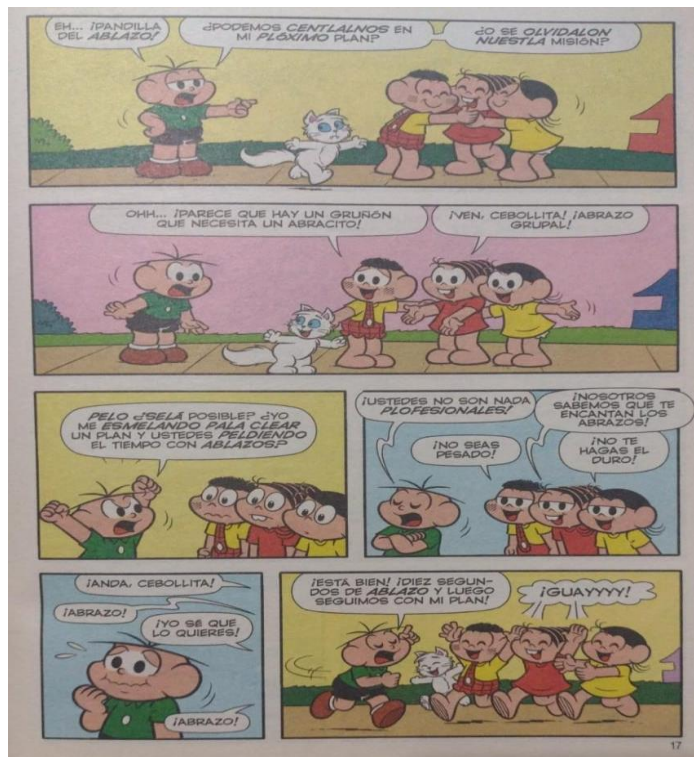
Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor Borón*. Edição N° 67, 2020.

Anexo 25 – Página dos Falsos Amigos *pasteles* e *ventas*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor Borón*. Edição N° 67, 2020.

Anexo 26 – Página dos Falsos Amigos *pesado* e *duro*.



Fonte: Gibi *Mónica y sus amigos: los pasteles del señor Borón*. Edição N° 67, 2020.